



A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL - EQUIPE DO RS -

A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL



Equipe de Reportagem



O JORNAL DO JOCKYMANN

A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL

Equipe de

Reportagem

O JORNAL DO JOCKYMANN

Editora Revisão Ltda
R. Voltaire Pires, 300
Conj. 2 - CEP 90.630
Porto Alegre - RS - Brasil

Catalogação na fonte

H673 A história do livro mais perseguido do Brasil [pela] Equipe de Reportagem do RS. Porto Alegre, Revisão, 1991.

ISBN 85-7246-008-X

1. Segunda guerra mundial - História - Judeus. 2. Segunda guerra mundial - História - Judeus - Artigos de jornais. I. Equipe de Reportagem do RS. II. Título.

CDU 940.53(=924)
940.53(=924)(046)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Mª Elisabete Garcia CRB 10/213

ÍNDICE

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

1- Eu vou pagar o pato. É, eu sei que vou pagar o pato. Aconteça o que acontecer, eu vou terminar pagando o pato. Desde que a minha equipe resolveu colocar no cabeçalho do **RS:"O Jornal do Jockymann"** que eu pago o pato. Eu sei que eles estavam bem intencionados, que o jornal não vendia, que ninguém sabia o que era **RS**, mas mesmo assim, no dia em que juntaram o sub-título, eu comentei: "Daqui por diante vou pagar o pato". E paguei. Não sai uma linha no **RS** sem que os vivos da cidade digam: "Foi o Jockymann" que escreveu. Até o Promotor do Caso Daudt berrou na frente das câmeras, que não existia Lopes de Veiga, que não existia Heraldo de Souza,que não existia Alexandre Frol, porque eu, Jockymann, era todos eles. "O Jockymann é o maior gênio da nossa imprensa", ele disse. Sou ubícuo e múltiplo. Até o Mendelski, que é uma raposa velha,jogou sobre meus ombros um descuido do Heraldo. Outro dia um promotor aí disse que eu transtornei todo o Caso Daudt e evidentemente absolvi Dexheimer. Não passa dia sem que alguém me pisque um olho e diga:"Foi vocêquem escreveu isso,não foi?"

2- Por que, eu perguntei ao Amadeu Weinmann,por que? E ele me respondeu: "Porque tu és notório". Nem adianta dizer que não tenho culpa de ser notório,porque no dia seguinte um vivo irá dizer que eu planejei tudo isso. Porto Alegre, lamentavelmente,é assim. Eu não cheguei até aqui porque trabalhei feito um cão, mas porque sou muito malandro, muito esperto e muito tinhoso.No mesmo dia em que vendi um apartamento para dar de comer à minha família, um vivo me viu sair do cartório e me disse na cara: "Baita golpe, tchê. Vendes o apartamento e continuas com os dólares".

Depois da falência da Caldas Júnior,fiquei pobre de marré, marré, marré. Até hoje pago dívidas e, pelas minhas contas, continuarei pagando até o final de 1992. Ainda não consegui convencer ninguém disso.

Portanto, não há mais nada que eu possa fazer, vou pagar o pato pela série de reportagens que iniciamos hoje sobre Siegfried Ellwanger e seu livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"

3- Não sei o que fiz para ser chamado de anti-semita. Escapa do meu entendimento. Mas é uma acusação tão imbecil que me recuso a discutí-la. Em 1984, quando a Caldas Jr. entrou em crise, distribuiram um panfleto que perguntava: "Agora que a Caldas Jr. fechou, onde os **nazistas Rogério Mendelski, Adroaldo Streck** e **Sergio Jockymann** vão encontrar emprego?" Me disseram que o autor era o dono de uma fábrica de móveis. Ri. Sou anti-imbecis de todas as nacionalidades. Sejam eles judeus, alemães, japoneses ou brasileiros. O Mauricio Rosemblatt me disse um dia que judeus e alemães se hostilizam tanto porque são dois povos que se julgam superiores. Não me convenceu. Jung disse exatamente o contrário, que judeus e alemães não se entendem porque se julgam inferiores.

4- Eu, pela minha parte, fico com Louis Bromfield, que colocou o seguinte diálogo no primeiro capítulo do romance "As chuvas de Ranchipur":

-Você gosta de alemães?-perguntou o primeiro.

-Não-respondeu o segundo.

-Você gosta de ingleses?-tornou a perguntar o primeiro.

-Não-respondeu mais uma vez o segundo.

-Você gosta de judeus?

-Não.

-Mas que diabo-explodiu o primeiro- afinal de quem você gosta?

-Dos meus amigos-respondeu o segundo.

Eu assino embaixo sem perguntar o sobrenome dos meus amigos, sua religião, sua raça ou seu credo político.

5- Desde março de 1987 que os meus editores me sugerem uma série de reportagens sobre o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" e o seu autor, S.E.Castan.Des-

de março de 1987 que eu recuso. Por quê? Sou honesto. Pura intuição. Achei que não estava na hora.Li o livro? Li. Tenho minha opinião sobre ele,que pretendo externar no momento oportuno. Durante um ano inteiro não tive a menor idéia sobre S.E.Castan. O dia que descobri, fiquei meia hora de boca aberta. Eu e o Dr. Gildo Milman conhecemos o Siegfried Ellwanger Castan no lugar mais inesperado do mundo. Duvido que o Gildo descubra, assim como eu duvido que eu jamais teria descoberto, se ele não me dissesse quem era. A vida, senhores, causa efeitos estranhos sobre a vida dos homens.

6- Eu detesto censura. Eu não dou a nenhum homem o direito, sob nenhum pretexto, de censurar ou apreender obras alheias. Toda a minha vida foi dedicada à causa da Liberdade. De todas as liberdades, nenhuma me é tão cara quanto a liberdade de expressão. Senti na carne o ultraje de ser censurado. Acho que qualquer judeu que defenda a apreensão de livros, está cuspindo no sangue do seu próprio povo, que, como nenhum outro, sentiu as conseqüências da intolerância. **Não existe meia Democracia, não existe meia Liberdade.** Todo homem é livre para dizer ou escrever o que pensa, mesmo que isso me desagrade, me ofenda ou me desrespeite. Quem concorda com a apreensão de um livro hoje, aprova a prisão de um adversário amanhã e fatalmente, cedo ou tarde pedirá o extermínio dos que considera seus inimigos.O desrespeito pela humanidade começa sempre pelo desrespeito a um homem. A causa da liberdade não tem exceções.

7- Vou publicar a série de reportagens sobre o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" e sobre o seu autor; Siegfried Ellwanger Castan, por duas razões. Primeira, porque ela é vital para nossa democracia, porque põe em questão a causa da liberdade. Segundo, porque é uma excepcional matéria de interesse jornalístico. Ponto final, senhoras e senhores.

8- Não tenho preconceitos, não tenho rancores e não tenho contas a acertar com ninguém. Não estou preocupado com a felicidade de um povo, mas de toda a humanidade. Espero poder, com essa série, pelo menos diminuir o número de imbecis de nosso Estado. É uma tarefa ingrata, eu sei. Mas se, através de nosso trabalho, conseguirmos que pelo menos uma meia dúzia se sinta constrangida em nos fazer vítimas de sua idiotice, eu já me acharei realizado. Dedico esta série, preparada por jornalistas jovens e cheios de esperança, a todos os homens e mulheres de boa vontade que, como eu, acreditam na liberdade.

SERGIO JOCKYMANN
Jornalista
Porto Alegre, 17/11/1990.

RS O JORNAL DO JOCKYMANN

ANO 5 • N.º 218 • PORTO ALEGRE • Novembro 17/18 • 1990 • Preço Cr$ 80,00



A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL

A CAMPANHA ELETRÔNICA

A HISTÓRIA DO LIVRO
MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL

CAPÍTULO I

EMPAREDADO PELO SILÊNCIO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, MESMO ASSIM ELE JÁ VENDEU MAIS DE 100.000 EXEMPLARES, UM RECORDE QUE NENHUM OUTRO LIVRO JAMAIS ALCANÇOU EM NOSSO ESTADO

Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo - **VOLTAIRE** -

Dia 6 de novembro de 1990, terça-feira. Os jacarandás estão floridos, os pardais, tagarelas como sempre e os namorados passeiam de mãos dadas. A Feira do Livro inicia mais uma das suas tardes festivas. Num segundo, no entanto, o tempo pára perplexo e logo começa a regredir. O Delegado Roque Villande, em companhia de quatro policiais, se dirige para uma das bancas da Livraria Palmarinca e comunica a um dos seus proprietários, Rui Gonçalves, que, por ordem do Juiz plantonista da Comarca de Porto Alegre, deve apreender todos os livros da Editora Revisão, acusados de fomentar o anti-semitismo pelo "Movimento Popular Anti-Racismo". Antes que os presentes consigam se refazer da surpressa, os policiais começam a retirar os livros das prateleiras. O primeiro a ser confiscado é: "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?".

A cena não é nova para os porto-alegrenses. Em 1964 as livrarias Farroupilha e Coletânea foram invadidas por agentes do DOPS e todos seus livros foram confiscados, acusados de pregarem a subversão. Entre os livros subversivos apreendidos estava "O AMANTE DE LADY CHATTERLEY". Até hoje, por sinal, perdura uma dúvida terrível: Quem era o subversivo; o amante ou a própria Lady? Mas existe uma profunda diferença entre 1964 e 1990. Há 26 anos as apreensões eram lideradas por agentes federais. Na terça-feira, 6 de novembro, a apreensão era liderada pelo "Movimento de Justiça e Direitos Humanos". Decididamente a pobre democracia brasileira possui inimigos nos lugares mais inesperados.

A MUDANÇA

Mas, apesar dos pesares,os tempos mudaram. Em 1964 ninguém parava para assistir ao assalto do DOPS às livrarias. Todos os porto-alegrenses que passavam pela Andrade Neves ou pela Praça da Alfândega caminhavam apressadamente de cabeça baixa, porque um simples olhar de desagrado poderia acarretar uma prisão ou um espancamento. Em 1990, nem a presença de líderes do Movimento Negro, do "Movimento Popular Anti-Racismo" e do Movimento de Direitos Humanos, conseguiu abafar a indignação do público. Rui Gonçalves, um dos sócios da Livraria Palmarinca,foi o primeiro a se insurgir contra a decisão:

-É o fim da picada - declarou.

-No ano passado, o Movimento de Direitos Humanos me pressionou para retirar os livros.Não cedi porque esse boicote é perigoso. Se eu for por aí, logo terei que retirar das prateleiras outras obras que não agradem a este ou aquele setor.

A publicitária Daniela Silva, de 21 anos, foi incisiva:

-É um absurdo. Afinal de contas nos juraram que que a censura tinha acabado.Todo mundo pode publicar o que quiser. Os leitores são livres para comprar ou não.

Rodrigues Till,advogado e editor, também foi contrário a apreensão, declarando:

-O ato de apreensão de qualquer livro, seja qual for seu conteúdo, é arbitrário e fere os direitos constitucionais.

Luiz Gomes, estudante de filosofia,que assistiu ao confisco, ironizou:

-"Madame Bouvary" é um livro atroz, pornográfico e desestabilizador. Tenho certeza que prejudica as boas famílias. Quem sabe se impetra um mandado de segurança contra ele?

O Delegado Roque Villande não fez comentários, declarou apenas que cumpria uma ordem judicial

A REVOLTA

Enquanto os policiais completavam a sua ingrata tarefa,uma pequena multidão se formava na frente das barracas da Livraria Palmarinca, vaiando o confisco. Por um momento parecia que haveria um choque entre populares e os membros dos Movimentos que patrocinavam a apreensão, mas os próprios livreiros, temendo uma violência maior ,acalmaram os ânimos. À noite,como era inevitável, a apreensão foi noticiada pela televisão, onde, pela primeira vez, foram ouvidos os que discordavam da medida. No dia seguinte,o jornalista Juremir Machado da Silva condenou nas páginas centrais de ZERO HORA a apreensão dos livros da Editora Revisão, declarando:

"Não dá para dizer outra coisa: direitos humanos, negros e judeus, pisaram na bola".

Era a primeira vez que o jornal, de propriedade da família Sirotsky, permitia que a liberdade da Editora Revisão publicar o que quisesse fosse defendida. O que não impediu, evidentemente, que no dia seguinte o "Movimento Popular Anti-Racista" enviasse uma carta ao jornalista dizendo-se "surpreendido pela matéria opinativa de sua assinatura". Ao mesmo tempo, em todos os programas de debates do rádio e da televisão, o confisco era debatido pela comunidade. A opinião pública desta vez foi totalmente contrária à apreensão de livros, considerando o ato arbitrário e inconstitucional.

A REPETIÇÃO

Nem por isso, no entanto, a ação policial diminuiu. Na quarta-feira, as cenas deprimentes da Praça da Alfândega se repetiram na sede da Editora Revisão. Um grupo de policiais invadiu a editora e confiscou mais de oito mil volumes de suas prateleiras. Desta vez, Siegfried Ellwanger, autor dos livros mais visados e proprietário da editora, estava presente, mas não ofereceu o menor obstáculo à ação policial:

-Vamos recuperar todos esses livros- declarou tranqüilamente. E acrescentou:

-Isso não vai ficar assim.

Logo que o último livro foi retirado, seu advogado, o Dr. Marco Pollo Giordani, anunciou que entraria com um mandado de segurança contra a decisão judicial que havia determinado a apreensão dos livros. Mas na quarta-feira a posição do "movimento Popular Anti-Racismo" parecia ser imbatível.

Rui Gonçalves, o sócio da Livraria Palmarinca que estava presente quando os livros foram apreendidos, foi intimado a depor na 1ª Delegacia de Polícia. Ele não se mostrou preocupado.

-Que eu saiba- disse -nenhum dos livros estava proibido de circular. Não entro no mérito ideológico dos livros. Sou um comerciante e apenas vendo meu produto. Sabemos que outras livrarias têm as mesmas obras da Editora Revisão na Feira, mas só a Palmarinca foi atingida. Gostaria de saber por quê.

No fim do dia, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul cocomunicava à Câmara Rio-grandense do Livro que a entidade nada tinha a ver com os episódios da apreensão de livros "anti-semitas".

O MANDADO

Na sexta-feira, 9 de novembro, o desembargador Waldemar Luiz de Freitas Fº. concedeu o Mandado de Segurança impetrado pela Editora Revisão contra a decisão judicial que determinou a

apreensão de seus livros. O despacho foi extremamente duro e começa dizendo:

"Não se sabe quais as razões que levaram o MM. Juiz Impetrante a tão extrema decisão, dado que o ato judicial impetrado não apresenta qualquer fundamentação".

Ao que tudo indica, a apreensão dos livros foi uma cadeia de atos impensados e atabalhoados que atropelou a própria Constituição. Primeiro, a Polícia aceitou a queixa do "Movimento Popular Anti-Racismo", sem exigir prova de que a entidade existia. Como lembrou o desembargador Freitas Fº., a representação "vem firmada por pessoas físicas sem que se saiba sejam, realmente, representantes legais da 'entidade' representante".

Segundo, não foi feito o indispensável inquérito policial. A representação foi encaminhada à 1ª Delegacia no dia 5 de novembro e, no mesmo dia, o titular da delegacia a enviou ao Juiz de plantão, que, por sua vez, na mesma data ordenou a apreensão. Como lembrou ironicamente o desembargador Freitas Fº.:

"Datavênia, duvido que haja abertura e encerramento de um inquérito policial em um só dia".

Terceiro, a 1ª Delegacia não oficiou ao Ministério Público, **como manda a Lei.**

Quarto, o Juiz de plantão que ordenou a apreensão dos livros não fundamentou, **como a Lei exigia**, a sua decisão. A decisão do Juiz foi absolutamente lacônica:

"Defiro. Prazo de cinco dias. Horário das 06h às 19:30 horas".

Encerrando o seu despacho, diz o desembargador Waldemar Luiz de Freitas Fº.:

"Uma última palavra, dada a delicadeza da matéria: não significa, esta decisão, que não se possa combater o racismo. Não só se pode, como se deve, pois é crime nefando. Contudo, é preciso ter cuidado para que, na ânsia de se querer erradicar do orbe, tal imfâmia, se atropele as regras da lei e os próprios direitos humanos, inseridos no artigo nº 5 da Carta Magna nacional". E diz, mais adiante:

"É preciso que os combatentes do racismo não acabem por cometer os mesmos equívocos que os agentes do racismo".

O mandado de segurança liberou os livros apreendidos, mas nem por isso colocou um ponto final na questão. Mas isso não perturba Siegfried Ellwanger Castan, porque ele, desde 1987, armado de seus livros, luta contra a História e os movimentos anti-racistas.

O COMEÇO

O ano de 1987 começou de pé esquerdo. O Plano Cruzado havia desabado em novembro, os juros começaram a subir vertiginosamente

e a inflação retomou,como sempre, a sua caminhada.Não havia dinheiro na praça e a temporada de veraneio em Capão da Canoa prometia muito pouco.

O sr.Valdir Matzembacher, dono da Livraria Seleta,não estava muito preocupado,porque o forte do estabelecimento não eram os livros, mas as revistas,e em temporada de praia as vendas sempre pagavam as despesas. Mesmo assim foi com entusiasmo que Valdir recebeu um alemão gordo e sorridente que lhe propôs lançar um livro na sua livraria.

Valdir lê muito pouco e considera os livros como simples mercadoria. O título do livro lhe parecia muito promisor; **"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"**. O sub-título também prometia boas vendas: **"Nos Bastidores da Mentira do Século"**.

Mas o que mais agradava o dono da Livraria Seleta é que o autor do livro estava disposto a gastar um bom dinheiro no lançamento.Ele não só publicaria anúncios nos principais jornais de Porto Alegre, como prometia redecorar a livraria com cartazes e fotografias de líderes da Segunda Guerra Mundial. Os balconistas também acharam que o livro venderia bem porque havia a palavra mágica na capa: "judeu". Capão da Canoa é a praia do Rio Grande do Sul que possui o maior número de freqüentadores da comunidade judaica.

Na opinião de Valdir, o livro estava sendo lançado justamente onde devia. Provavelmente, se ele tivesse lido duas ou três páginas, teria mudado de opinião. Mas enfim, Valdir tem outros negócios e não lhe sobra tempo para andar lendo os livros que vende. Uma boa promoção poderia ajudar as vendas, que estavam fracas, e por isso ele aceitou o oferecimento daquele alemão sorridente que se chamava Siegfried Ellwanger.

A PREPARAÇÃO

Nas últimas semanas de janeiro, o próprio Ellwanger começou a preparar o lançamento.A livraria foi praticamente forrada com cartazes de fotografias de Hitler, Stalin, Churchill e outros líderes da Segunda Guerra Mundial.

A Livraria Seleta é também um posto da Loteria Esportiva e, por isso, em menos de uma semana todos os clientes comentavam o livro.

Em fevereiro, Ellwanger cumpriu a sua promessa e publicou anúncios de um quarto de página no CORREIO DO POVO, no JORNAL DO COMÉRCIO e na GAZETA MERCANTIL. Os balconistas reclamaram que a ZERO HORA era o jornal mais lido em Capão da Canoa; mas Valdir achou que Ellwanger estava guardando o matutino para a última semana.Ele realmente nunca se preocupou com o lançamento, porque a receptividade parecia boa e tudo levava a

crer que a novidade seria bem-sucedida.

Os balconistas, no entanto, na medida em que se aproximava o dia do lançamento, reclamavam da falta de anúncios na ZERO HORA. Dois deles dizem que Ellwanger explicou, na ocasião, que os anúncios da ZERO HORA eram muito caros e não compensavam o gasto. Por sinal, nenhum dos jornais de Porto Alegre teve a menor restrição aos anúncios. O departamento comercial da ZERO HORA jamais recebeu qualquer solicitação de Siegfried Ellwanger ou de quem quer que seja para a publicação de anúncios do livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Se tivesse sido solicitada a publicação, não teria havido o menor impedimento. Mesmo porque os anúncios eram absolutamente inócuos. Vários leitores inclusive acharam que o autor era judeu e que o livro era contra o nazismo.

O LANÇAMENTO

"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" foi lançado no dia 13 de fevereiro de 1987, uma sexta-feira. O dia estava quente e cheio de sol e por isso o movimento da Livraria Seleta estava baixo. Nem mesmo os apostadores da Loto e da Loteca ajudaram, porque em Capão da Canoa as apostas encerravam na quinta-feira. Toda a frente da livraria estava cheia de cartazes e banderolas e era impossível passar pela avenida principal sem ver a promoção. Mesmo assim, fora da coletividade israelita, ninguém mais se lembra do lançamento. O verão, por si só tem memória cur- e até mesmo entre os judeus, foi difícil encontrar quem soubesse precisar a data. Todos falam que "naquele verão" lançaram um livro.

No fim de semana surgiram os primeiros curiosos. Tanto Ellwanger quanto Valdir esperavam que a coletividade judaica disputasse o livro ávidamente e seu autor chegou a comentar que achava cinco mil exemplares muito pouco. Sua grande preocupação em fevereiro de 1987 era conseguir um meio para imprimir outros cinco mil nas próximas semanas. As vendas, no entanto, não estavam correspondendo à expectativa. Valdir se mostrava mais esperançoso porque alguns membros influentes da comunidade judaica haviam adquirido o livro no domingo pela manhã. Os dois esperavam que o sucesso acontecesse na terceira semana de fevereiro. Confiado nisso, Ellwanger aumentou a publicidade no CORREIO DO POVO e no JORNAL DO COMÉRCIO.

O SILÊNCIO

Na semana seguinte, no entanto, a venda foi mínima. Os balconistas notaram que os clientes judeus tinham diminuído, mas até então não havia nenhum comentário em Capão da Canoa. Como jamais ha-

via sido feita uma experiência, Valdir só conseguia atribuir a venda fraca ao tradicional desinteresse dos brasileiros pelos livros. Ellwanger, inclusive, comentou na ocasião que não se surpreendia com o fracasso das vendas, porque havia escrito o livro pensando na Espanha e Portugal. Na ocasião, ele comentou que Capão da Canoa era uma espécie de teste para aquilatar as possibilidades do livro.

Seu ponto de vista parecia correto no fim de semana, quando, para surpresa dos próprios vendedores, os turistas argentinos começaram a demonstrar interesse pelo livro. Nas últimas semanas de fevereiro, eles foram responsáveis por oitenta por cento das vendas. Quanto ao público costumeiro de Capão da Canoa, continuava absolutamente desinteressado. Apesar de todos os cartazes, que durante todo o fim da temporada continuavam decorando a livraria, raramente um cliente folheava o livro de S.E. Castan, o pseudônimo escolhido por Siegfried Ellwanger. Pouco a pouco os livros começaram a ser retirados e devolvidos ao autor.

O SINAL

No último sábado de fevereiro, no entanto, surgiu o primeiro sinal da tempestade que se aproximava.

À tardinha, quando o movimento da livraria era maior, uma senhora baixinha e de cabelos brancos, apanhou um exemplar do livro, caminhou até a caixa e perguntou furiosa:

-Por que vocês estão vendendo essa porcaria?

Antes que os funcionários conseguissem abrir a boca, ela atirou o livro longe e saiu. O espantoso é que nenhum dos balconistas tenha revelado a menor curiosidade para saber o que havia no livro para provocar uma reação tão violenta. Todos eles acharam que a senhora de cabelos brancos era uma neurótica que havia cismado com o livro.

Nenhum deles também revelou a menor preocupação para saber quem ela era. A palavra "anti-semita" não foi pronunciada e o "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" continuou inocentemente na vitrine.

. . . .

Ninguém em Capão da Canoa se recorda de qualquer manifestação pública ou privada da comunidade judaica contra o livro. Não houve qualquer comentário nos bares e restaurantes.

Hoje se sabe que várias famílias judaicas leram o livro e ficaram indignadas com o seu conteúdo, mas na época todos preferiram silenciar sobre o assunto. A comunidade israelita, sempre muito discreta, condenou o livro, mas preferiu ignorá-lo a tomar qualquer outra medida. Nem Valdir, nem os que trabalharam na Livra-

ria Seleta, naquele verão de 87, se recordam de qualquer tipo de pressão. A senhora baixinha e de cabelos brancos foi o único e solitário sinal de repúdio.

O BOICOTE

Até abril de 1987 não houve qualquer boicote oficial contra o livro de Ellwanger. O silêncio que caiu sobre ele partiu da comunidade israelita e faz parte do seu modo de agir em situações semelhantes. Os primeiros judeus que leram o livro acharam que ele era de qualidade inferior e que não teria a menor chance de ter maior repercusão, a menos, é claro, que se transformasse num escândalo. Embora não tenha havido nenhuma reunião, nem em Capão da Canoa nem em Porto Alegre, houve um consenso geral entre os judeus de que o melhor caminho era desconhecer o livro, já que as prateleiras cheias da Livraria Seleta pareciam provar que ele era um rotundo fracasso de vendas. Na época também ninguém fez o menor comentário sobre a curiosidade dos argentinos, fato que, ao que tudo indica, passou em brancas nuvens.

Fora da coletividade israelita, o livro também não provocou a menor curiosidade. Foi difícil encontrar seus primeiros leitores em Capão da Canoa. Um apenas, Mario Compagnoni, se recorda de ter comprado o livro no fim de fevereiro, porque estava com um pé quebrado e se locomovia com dificuldade.

-Achei o livro muito chato-diz ele-porque não sou ligado nesse negócio de guerra.

Compagnoni não sabe que fim o livro levou e ficou muito espantado quando soube que era considerado um livro anti-semita. Ao que tudo indica, os poucos leitores não-judeus não se entusiasmaram com o livro, nem ficaram impressionados com suas revelações. Mas aqui é preciso notar que Ellwanger na época nem sonhava onde encontrar o público para seu livro.

O FRACASSO

O fim da temporada de 87 foi melancólico tanto para o livreiro quanto para o autor. Apesar de toda a curiosidade dos argentinos, o livro foi um fracasso de vendas. Vendeu 350 exemplares. É muito mais do que vende usualmente um best-seller em Capão da Canoa ou em qualquer outra praia gaúcha, mas era muito pouco para as ambições do autor, que sonhava com cinco ou dez mil leitores. Toda a parafernália de propaganda montada na livraria foi retirada e Ellwanger voltou para Porto Alegre com um encalhe de 4.650 exemplares. Suas vendas tinham sido rigorosamente de 7% da edição.

Como se não bastasse o fracasso das vendas, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" havia sido também

um desastre de crítica. Ellwanger havia, como fazem todas as editoras, enviado exemplares do seu livro para todos os críticos e jornais da cidade. Não recebeu sequer uma linha em troca. Nas redações o livro nem chegou a ser examinado. Era consenso geral de que se tratava de mais um livro denunciando as barbáries do nazismo.

Delmar Marques, hoje editor do ESTADO DE SÃO PAULO, se recorda que no JORNAL DO COMÉRCIO alguém comentou que "um irmão do Nelson Castan havia escrito um livro defendendo Israel" Nelson Castan, vereador e um dos membros destacados da comunidade israelita, era na época, diretor da CARRIS.

Até março, nenhum crítico examinou o livro de Ellwanger. A maioria nem sequer se recorda de tê-lo recebido. Diga-se de passagem que naquela época havia uma minissérie na televisão intitulada "Holocausto" e que a maioria confundiu com o livro. Com o final da temporada de praia, a comunidade israelita também esqueceu S.E.Castan e seu livro de estréia. Muitos judeus hoje confessam que acreditaram que "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" era mais um dos tantos livrinhos anti-semitas que de tempos em tempos aparecem nas livrarias e depois somem. Para os judeus, portanto, ele era um caso encerrado em março de 1987.

A SURPRESA

Mas em Porto Alegre havia uma surpresa à espera de Ellwanger. Mais habituadas que ele aos negócios editoriais, as livrarias haviam considerado a experiência de Capão da Canoa um extraordinário sucesso. Era voz corrente entre os livreiros, que um livro que havia vendido 350 exemplares em quatro semanas, na praia, poderia vender facilmente cinco ou dez mil no ano inteiro. Por sinal, todos os livreiros, naquela altura, sabiam muito bem do conteúdo do livro. Ao contrário de Valdir Matzembacher, nenhum deles estava comprando no escuro, mas absolutamente consciente de que se tratava de uma obra explosiva que já havia desagradado à comunidade israelita.

O que interessava para os livreiros é que a publicidade que se destinava a Capão da Canoa havia despertado o interesse da Capital e de todo o interior do Estado. Todos os balconistas se recordam muito bem de que, nas primeiras semanas de março, dezenas de pessoas entravam nas livrarias pedindo o livro de Ellwanger. Animado com esse súbito e inesperado interesse, o autor foi extremamente condescendente em termos de negócios e distribuiu todos os cinco mil exemplares que tinha, em consignação. Aliviado, ele acreditava que poderia vender pelo menos três mil exemplares e assim pagar os custos da edição. Nem de longe sonhava que venderia 100 mil exemplares, e que em trinta dias estaria empenhado numa verdadeira guerra.

CAPÍTULO II

O SUCESSO QUE NINGUÉM ESPERAVA

APENAS DUAS LIVRARÍAS SE RECUSARAM A VENDER O LIVRO: TODAS AS DEMAIS SE JOGARAM GULOSAMENTE EM CIMA DO MAIOR SUCESSO EDITORIAL DO ANO

Na segunda quinzena de março de 1987, o livro de Siegfried Ellwanger estava à venda em praticamente todas as livrarias de Porto Alegre. As duas únicas exceções eram a Livraria Papyrus e a Livraria Kosmos, que pertencem a judeus e que, quando procuradas, se recusaram prontamente a vender o livro. Embora hoje todos os livreiros se digam indignados com o livro e solidários com a comunidade israelita, nenhum deles, na época, fez a menor restrição ao livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" Muito pelo contrário, todos eles se mostraram entusiasmados com a potencialidade de vendas do livro, que ganhou destaque em todas as vitrines das livrarias.

Ele foi realmente o grande "best-seller" dos meses de março e abril. Normalmente um livro de sucesso vende em Porto Alegre de trezentos a quinhentos exemplares por mês e raramente atinge a mil e quinhentos num ano. Ao contrário do que se pensa, o porto-alegrense lê muito pouco. "Best-sellers" internacionais vendem em média mil exemplares, e livros sobre história e política só por milagre conseguem quinhentos leitores. "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" foi um sucesso tão espetacular que vendia em média trezentos exemplares por mês em cada livraria.

A FEDERAÇÃO

Desde fevereiro a Federação Israelita do Rio Grande do Sul recebia centenas de cartas e telefonemas exigindo providências contra o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". A comunidade estava dividida. De um lado, os mais jovens exigiam resposta às acusações de S.E.Castan (até então ninguém sabia quem era realmente o autor). De outro lado, os mais velhos aconselhavam prudência, confiando que qualquer tipo de resposta terminaria por fazer mais mal do que bem, porque necessariamente aumentaria as vendas do livro. Provavelmente quem decidiu a questão foram os intelectuais da comunidade, que leram o livro e consideraram "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" uma obra falha e mal-escrita.

Até abril a comunidade is-

raelita não exerceu a menor pressão sobre as livrarias. Nenhum balconista entrevistado por nós se recorda do menor incidente ou de que qualquer cliente judeu tenha protestado contra a venda do livro. Na Livraria Miscelânea, que fica na Andrade Neves, no centro da cidade, e que possui vários fregueses judeus, o livro era vendido sem protestos. A comunidade engolia sua revolta e esperava que o tempo derrotasse S.E.Castan, fosse lá ele quem fosse.

A IMPRENSA

Também na imprensa Siegfried Ellwanger não tinha o menor problema. Seus anúncios, que se limitavam a recomendar a leitura do seu livro, não continham a menor crítica aos sionistas e foram publicados normalmente e sem a menor censura no CORREIO DO POVO e no JORNAL DO COMÉRCIO. O que prova definitivamente que a comunidade israelita ainda se mantinha na espectativa é que, durante março e abril, os anúncios do livro foram também publicados normalmente na edição local da GAZETA MERCANTIL, jornal que é de propriedade da família Levy, membros de destaque da comunidade judaica paulista.

Em abril, nas livrarias corria o boato de que a ZERO HORA havia se recusado a publicar os anúncios do livro. O boato não tem a menor procedência. Siegfried Ellwanger procurou uma agência de publicidade para fazer o lançamento de seu livro. A agência alegou que não poderia fazer o trabalho porque possuia vários clientes judeus. Mas, na oportunidade, deu vários conselhos a Ellwanger. Um deles é que não deveria procurar a ZERO HORA, porque o jornal certamente não aceitaria seus anúncios.

O que parecia ser um prejuízo, por que afinal a ZERO HORA era (e continua sendo) o jornal de maior circulação no Estado, terminou beneficiando Ellwanger de um modo inesperado. Em vários municípios do interior, especialmente de colonização alemã, existe uma surda resistência contra a ZERO HORA, por acreditarem que o jornal, por ser de propriedade da família Sirotsky, hostiliza os descendentes de alemães. O fato do "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" não ser nem noticiado nem anunciado pela ZERO HORA transformou o livro numa espécie de protesto alemão e foi o responsável por sua vendagem espetacular nessas regiões.

A ESCARAMUÇA

Na medida em que o mês de abril de 1987 avançava, os membros mais jovens da comunidade judaica ficavam impacientes, porque o livro de S.E.Castan, longe de diminuir o seu ritmo de vendas, o estava aumentando. Foi em abril que começaram a surgir os primeiros

boatos de que "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" não era obra de um homem só, mas fazia parte de um novo e vasto movimento anti-semita. Essa hipótese foi reforçada pelo aparecimento de algumas suásticas nos muros do Bom Fim (que depois se soube serem de autoria de moleques do próprio bairro). Toda essa situação influiu no vereador Isaac Ainhorn, que decidiu usar o dia 26 de abril, "Dia da Recordação" para a comunidade israelita, para dar uma resposta a S.E.Castan.

"HOLOCAUSTO: quando é preciso lembrar" foi o título de seu artigo publicado na ZERO HORA, justamente no dia 26 de abril.

Embora o livro de Ellwanger não fosse citado, era evidente a intenção de Ainhorn de contestar suas alegações:

"Nunca é demais lembrar: os povos não devem esquecer as grandes lições da História, para que possam assim opôr obstáculos à repetição de fatos que foram trágicos para a humanidade. O Holocausto, o genocídio, a morte de seis milhões de judeus, deve, por isso, ser constantemente lembrada para que a história não se repita. Principalmente agora, quando nova onda anti-semita surge-nos clara e evidente; começaram a questionar a verdade trágica do Holocausto querendo tornar o acontecimento horrendo num fato de reduzidas dimensões".

A RESPOSTA

A rapidez com que Siegfried Ellwanger respondeu ao artigo do vereador Isaac Ainhorn deixa claro que ele aguardava o debate com ansiedade. Mesmo sem que seu livro tivesse sido citado, a veemência da crítica de Ainhorn provava que ele, Ellwanger, havia atingido a comunidade israelita. No dia 29 de maio, ele publicou uma longa resposta no CORREIO DO POVO, usando como título o próprio nome de seu livro: "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Essa resposta, por sinal, ficou quase duas semanas na mesa do Sr. Renato Ribeiro, proprietário do CORREIO DO POVO, que demorou em conceder permissão para a sua publicação, temendo represálias da comunidade israelita.

Siegfried Ellwanger não é jornalista nem escritor, mas um engenheiro confessadamente sem experiência literária. Sua resposta, não entanto, em termos publicitários, foi de um sucesso espetacular. Num parágrafo ele estabeleceu o grande divisor entre suas opiniões e as opiniões dos judeus.

Ele escreveu:

"Numa passagem do seu artigo o sr. Isaac cita 'a morte de 6 milhões de civis que nunca estiveram em guerra com ninguém, que não

eram soldados, que não usavam armas'. Justamente este mágico número de 6 milhões é que motivou a expressão do meu livro de MENTIRA DO SÉCULO. À página 210, eu cito as palavras do dr. Listojewski, um judeu, que declarou há 35 anos atrás:

'Como estatístico tenho me esforçado em 2 anos e meio em averiguar o número de judeus que pereceram durante a época de Hitler (1933-1945). A cifra oscila entre 350 e 500.000. Se nós, os judeus, afirmamos que foram 6.000.000, isto é uma infame mentira'".

O ESPANTO

Nunca os números do Holocausto haviam sido contestados pela imprensa. Para a maioria do público, a cifra de 6 milhões era oficial e definitiva. A nota publicada por S.E.Castan, contestando o total, causou um violento impacto entre os leitores do CORREIO DO POVO. Não se tratava mais da velha discussão se eram realmente seis ou cinco milhões, mas uma redução brutal para menos de dez por cento da cifra conhecida. Pior, Castan apresentava como testemunha um estatístico judeu. Mas, na opinião da maioria dos leitores que entrevistamos, o que calou mais fundo na opinião pública foi a fálta de contestação do vereador Isaac Ainhorn e da Federação Israelita.

É irônico que a nota que desencadeou toda essa publicidade inesperada tenha partido justamente de Ainhorn, um dos mais ardorosos defensores da tese de que deveria ser evitado o debate.

-Desde o inicio- declarou o vereador- Ellwanger queria uma publicidade fácil. Por isso lançou o seu livro em Capão da Canoa, o balneário escolhido pela comunidade judaica para descansar. O autor esperava que essa provocação fosse lhe dar respostas hostis, que dariam notoriedade ao livro. Mas nós preferimos não responder na hora.

Três meses depois, o efeito foi o mesmo. As vendas do livro, que já eram um sucesso, passaram a ser um fenômeno.

A EDITORA

Em maio, Siegfried Ellwanger foi literalmente atropelado pelo sucesso. Livrarias, bazares e bancas de revistas do interior solicitavam o seu livro, enquanto ele lutava para abastecer a capital. O que havia iniciado como um capricho se transformou num negócio. Pressionado pelas vendas, ele foi obrigado a se transformar em editor, lançando a Revisão Editora Ltda., com sede na rua Voltaire Pires, 300, conjunto 2. Entre março e maio, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" teve cinco edições, que somadas com a primeira punham na

rua 30 mil exemplares.Só com isso o livro se tornava o maior sucesso editorial de todos os tempos, superando inclusive as obras mais populares de Érico Veríssimo.

Naquela altura, Ellwanger não pensava em editar outros livros.Totalmente inexperiente, ele ainda não se havia dado conta do fenômeno que era "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" e ainda pensava que 30 mil exemplares era a tiragem habitual de qualquer livro médio. Mal informado,ele também fez uso do sistema de consignação, achando que fosse o método habitual. Ele não teve o menor senso comercial e a menor cautela editorial nos primeiros meses. Atendia todos os pedidos, sem jamais cogitar da capacidade de venda das livrarias.

Possivelmente foi essa gritante desorganização que aquietou a coletividade israelita. Na opinião geral, Ellwanger estava galopando para a falência e, em questão de semanas,não teria onde pôr os livros encalhados.

Ellwanger, na época,estava totalmente deslumbrado. Embora engenheiro competente e bem sucedido, ele era um homem comum perdido na multidão dos anônimos. De um momento para outro, se transformou numa celebridade. Sacos de correspondência chegavam a seu escritório. Embriagado por esse sucesso repentino e inesperado, somente em junho é que Ellwanger se deu conta de que metade de seus livros distribuídos ainda não tinham sido pagos.

A SORTE

Os editores experientes só têm uma palavra para definir o sucesso de Ellwanger: sorte. No pior momento de 1987, quando os juros começaram a disparar, ele distribuía livros à vontade em consignação, sem o menor prazo de pagamento. Se tivesse havido a mais ligeira queda nas vendas, a Revisão Editora teria falido e levado seu proprietário à miseria.

O livro, não entanto, era um sucesso tão espetacular que suportava toda a desorganização da editora e falta de pagamento das livrarias. Não houve uma só que deixasse de pagar,com medo de perder aquela galinha dos ovos de ouro.

Apesar disso, em maio, quase que as profecias dos editores se realizaram. Os atrasos nos pagamentos, somados com o crecimento vertiginoso da inflação, descapitalizaram fulminantemente a Revisão. Os amigos aconselharam Ellwanger a parar com as vendas até que o dinheiro fosse recuperado, mas ele agora se sentia mais do que um autor, uma espécie de vanguarda do revisionismo histórico.Para enfrentar as dificuldades, ele pôs à venda sua casa de praia, em Atlântida. O comprador foi o empresário Alécio Ughini. A venda teve um resultado totalmen-

Organização Sulina de Representações S. A. - P. Alegre

Inscrição [illegible] — CGC [illegible]

Boletim Mensal de MARÇO/87 Fls 01

da conta depósito de S.E. CASTAN

Endereço: Av.João Pessoa,397 - PORTO ALEGRE - RS - 90.040

AUTOR	TITULO	Saldo de Estoq. Ant	N.º Notas Recebidas	MOVIMENTO DO MÊS Recebido	Venda	Dev.	Desç.	Saldo Atual	Preço Unitário	Valor Bruto
	• HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO?		130	500	500			0	300,00	150.000,00

EXCLUSIVAMENTE PARA FINS DE CONFERÊNCIA — D - Devolução - R - Retirada - P - Propaganda - T - Truncado

Soma . . . 150.000,00

Desconto 40% 60.000,00

Total líquido 90.000,00

Porto Alegre, 24 de Abril de 1987

Prezado(s) Senhor(es)

Fornecemos acima o movimento dos livros de V(s) S(s) no decorrer do presente mês e pedimos se digne(m) proceder os competentes lançamentos

Atenciosamente

Organização Sulina de Representações S. A.

OS MAIS VENDIDOS

Ficção	Não ficção
1 – **As Brumas de Avalon**, Bradley (1/6) 2 – **Blecaute**, Marcelo Paiva (2/2) 3 – **O Amor nos Tempos do Cólera**, Gabriel G. Marquez (3/6) 4 – **A Insustentável Leveza do Ser**, Kundera (5/5) 5 – **Risíveis Amores**, Kundera (5/2)	1 – **Holocausto: judeu ou alemão?**, S. E. Caston (3/2) 2 – **Tudo o que é sólido desmancha no ar**, Marschall Bermann (5/6) 3 – **Made in Japan**, Akio Morita (2/6) 4 – **A História Secreta da Rede Globo**, Daniel Herz (1/2) 5 – **Tudo o que Iacocca não contou em sua autobiografia**, D. Abodaher (4/1)

(Levantamento realizado nas livrarias do centro da cidade. Os números entre parênteses significam, primeiro, a colocação do livro na lista da semana anterior; depois, quantas semanas consecutivas ele aparece na lista.)

te inesperado: revelou à coletividade israelita quem era na verdade S.E.Castan, o autor de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?".

O PSEUDÔNIMO

Siegfried Ellwanger é um homem alegre e bonachão. Foi um homem bem sucedido, fez um pé-de-meia folgado e teria tido uma tranqüila aposentadoria se não tivesse escrito "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Ele não queria provocar discussões, mas apenas iniciar uma revisão na história da Segunda Guerra Mundial. Essa revisão, convém notar, já está sendo feita na própria Alemanha, com muita cautela. Ellwanger decidiu começar a revisão pelo ponto mais sensível: a morte dos judeus. Aí começou seu sucesso e acabou a sua tranqüilidade. Mas, quando lançou seu livro, Ellwanger nem sonhava com a repercussão que ele teria. Pensava que os judeus responderiam com outro livro e que, dali por diante, o debate continuaria elegantemente nas prateleiras das livrarias.

Para manter sua privacidade e sua timidez, criou um pseudônimo: S.E.Castan, que era, na verdade, uma reformulação do seu nome original, Siegfried Castan Ellwanger. Ele havia herdado o sobrenome Castan de sua bisavó francesa e jamais duvidou de sua origem. Acontece que, por ironia do destino, Castan é também o nome de uma família israelita. Quando "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" foi lançado, houve um momento de perplexidade, porque muitos leitores pensaram que o autor, S.E.Castan, fosse judeu. Três meses depois, a coletividade israelita achou que o autor, fosse lá quem fosse, havia escolhido um nome judeu para zombar dos judeus.

Ellwanger só pretendia inicialmente manter o anonimato. Mas, na medida em que ele oferecia o livro aos editores, começou a ser avisado do "perigo judaico". Suas própias idéias a respeito do sionismo contribuiram também para que a composição e a impressão do livro se transformassem numa operação secreta, onde os verdadeiros nomes jamais deviam ser citados. Na medida em que os livros despertavam a ira da coletividade israelita, Ellwanger descobria as vantagens do pseudônimo. Ele podia entrar e sair das livrarias sem jamais ser interpelado por ninguém. Por outro lado, o pseudônimo mantinha a imprensa distante do autor, obrigando a que todos os contatos fossem feitos por carta. No entanto, todo o segredo laboriosamente contruído caiu por terra no momento da venda da sua casa.

A DESCOBERTA

Ellwanger não pode culpar ninguém pela quebra de sigilo. Ele foi o primeiro a revelar seu se-

gredo. Durante as negociações para a venda de sua casa de praia, Ellwanger contou a Alécio Ughini que era ele o autor do livro mais discutido do momento: "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Havia uma ponta de vaidade na revelação, que Alécio recebeu com surpresa. Como Ellwanger não pediu segredo, Alécio passou a novidade ao seu advogado, dr. Gildo Millman, pessoa de destaque na coletividade israelita. O advogado não ligou o nome à pessoa, porque se tivesse ligado provavelmente teria se lembrado que havia conhecido Siegfried Ellwanger, nos anos cinqüenta, no Partido Socialista Brasileiro.

O dr. Gildo Millman comentou a descoberta em casa e com isso atiçou a curiosidade de seu filho, Túlio Millman, estudante de jornalismo na PUC. Túlio na época colaborava com o jornalzinho da comunidade judaica e era um dos que acreditava que o livro de S. E. Castan deveria ser debatido publicamente. Ele decidiu descobrir quem era afinal Siegfried Castan Ellwanger e solicitar abertamente uma entrevista a ele para seu jornal. Em menos de uma semana fez um levantamento da vida de Ellwanger e finalmente telefonou para ele.

O CONTATO

Túlio contou, mais tarde, no seu jornal, o primeiro contato com Ellwanger:

"-Apresentei-me como Túlio Millman, jornalista do Jornal da Comunidade Judaica. Disse que havia lido o livro e que gostaria de algumas declarações. Ele, então, com muita cordialidade, disse que seu objetivo ao escrever o livro não foi de machucar ninguém e que aceitaria sem nehuma restrição bater um papo comigo".

Nunca houve o papo. Ellwanger pediu que Túlio telefonasse na semana seguinte, o que o jornalista fez. Mas, no segundo telefonema, apesar de Ellwanger continuar cordial, já não se mostrava tão receptivo. Os dois travaram um diálogo curto e difícil, que terminou com a promessa de Ellwanger de comparecer a um almoço no Barranco. No dia aprazado, Túlio recebeu um bilhete de Ellwanger dizendo que não podia comparecer, por ter um compromisso urgente em Santa Catarina.

Na época, Túlio quis publicar uma longa reportagem sobre Ellwanger, mas, depois de muitas discussões, a comunidade israelita não achou a idéia aconselhável. Portanto, oficialmente, os judeus de Porto Alegre continuavam não tomando conhecimento do livro. O artigo de Isaac Ainhorn foi considerado **uma imprudência** e a coletividade judaica continuava esperando que, terminada a novidade, a venda do livro cessasse. Não houve nenhum tipo de pressão, e a

prova é que na ZERO HORA de 31 de maio de 1987 o livro de Ellwanger "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" figurou tranqüilamente na lista dos mais vendidos.

A SUSPEITA

A revelação de que S.E.Castan era na verdade um pacato Engenheiro chamado Siegfried Castan Ellwanger, foi recebida com absoluta incredulidade pela maioria da coletividade israelita. A idéia de uma "conspiração anti-semita" estava tão profundamente arraigada na maioria que não parecia crível que um homem só fosse o responsável pelo livro. Como sempre acontece nessas situações, os maledicentes foram os mais ouvidos e começaram a circular os boatos mais absurdos sobre "os verdadeiros autores do livro". Vários jornalistas ficaram sob suspeita e as versões mais estapafúrdias começaram a correr a cidade. Até Khadafi, o ditador da Líbia, apareceu como um dos financiadores do livro.

Mas até a primavera de 87 a sensatez ainda prevalecia na comunidade israelita e impedia um confronto com Siegfried Ellwanger. O sucesso do livro era um fenômeno tão inusitado que forçosamente teria curta duração. Quando começou setembro, a colônia alemã de Santa Catarina descobriu o livro, e o que parecia ser um problema local começou a se transformar num problema nacional. Pela primeira vez a coletividade judaica brasileira se sentiu ameaçada e, como era inevitável, reagiu. Em novembro, começou a guerra.

carta do nº 219 do jornal **RS** de 24 de novembro de 1990.

AS PERGUNTAS

PERI MÜLLER DE OLIVEIRA, POA: "É com prazer que escrevo a este 'pequeno notável' semanário. Esperamos nós, leitores, que ele venha a ser logo um grande diário. Afinal, há muito que Porto Alegre não tem um jornal de verdade. Mas eu queria questionar essa alaúza formada sobre os livros anti-semitas e a conseqüente apreensão dos mesmos. Não li nenhum deles, por isso não tenho condições de discutir seu conteúdo. Agora, gostaria que vocês com toda a independência e liberdade que têm, me respondessem a essas duas perguntas: 1) Será que o autor é tão otário a ponto de escrever livros sem fundamento? 2) E a editora imprimiria milhares de livros se eles não tivessem nenhum atrativo editorial? De minha parte, se existem idéias e mensagens, elas devem fluir livremente sem qualquer censura. Que faça uso delas quem quiser e como bem entender."

. . . .

RS: Sua carta evidentemente é anterior à série de reportagens que estamos publicando sobre "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", o livro mais perseguido do Brasil. Lendo as reportagens V. terá a oportunidade de reponder sozinho às suas perguntas. Nesse assunto de leitura, estamos com S.Paulo, que disse: "Lede de tudo e retei o que é bom".

CAPÍTULO III

O TIRO QUE SAIU PELA CULATRA

UMA REPORTAGEM FEITA PARA ACABAR COM O LIVRO; TIRA "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" DO FUNDO DAS PRATELEIRAS E O COLOCA OUTRA VEZ NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS

No segundo semestre de 1987, parecia não haver limite para as vendas do livro de Siegfried Ellwanger. Em agosto, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" chegou a os supermercados de Porto Alegre, onde, sem protestos e reclamações, repetiu o sucesso das livrarias. Em setembro, ele foi descoberto pela colônia alemã de Santa Catarina e rompeu as fronteiras estaduais.

Semanas depois se tornava também um "best-seller" no Paraná e chegava a São Paulo. Estava na nona edição e foi exposto na vitrine das principais livrarias paulistanas. A reação dos paulistas, apesar da colônia árabe ser muito grande, não foi o que Ellwanger esperava. o livro vendeu bem nas livrarias da Brasiliense e na Francisco Alves, mas não teve a menor repercusão nas livrarias Siciliano e La Selva.

Ele provavelmente teria passado em brancas nuvens se a comunidade israelita não tivesse reagido tão prontamente. O fenômeno que havia acontecido em Porto Alegre, onde uma crítica do vereador Isaac Ainhorn desencadeou as vendas, se repetiu em São Paulo, depois que "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" mereceu praticamente uma página da FOLHA DE SÃO PAULO, na edição de domingo, 4 de outubro de 1987, quando o jornal atinge a tiragem de 400.000 exemplares. Repentinamente, dois milhões de paulistas tomaram conhecimento do livro. Nem pagando, Siegfried Ellwanger teria conseguido tanta publicidade.

A CRÍTICA

Abrindo a página, havia uma crítica de Nelson Ascher demolindo o livro:

"O livro 'HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO? - Nos Bastidores da Mentira do Século'", escreveu ele abrindo seu artigo-"de S.E.Castan, residente em Porto Alegre (RS), não mereceria, em princípio, qualquer tipo de atenção. Nada apresenta de novo ou original no contexto da já ampla bibliografia anti-semita e/ou apologética do nazismo. Seus argumentos são os mesmos de sempre e sua argumentação é um lugar-comum. Em termos de escrita, trata-se ou da elucubração de um semi-analfabeto ou de uma montagem iletrada traduzida de similar da literatura Estrangeira". Provavelmente, se Ascher tivesse ficado por aí, o livro continuaria até hoje nas prateleiras. Decidido a acabar de vez com o autor, ele foi mais longe e intencionalmente despertou a atenção dos leitores.

O trecho mais citado pelos interessados, na semana posterior, nas livrarias, foi o seguinte:

"Traduzindo em poucas palavras, o que autor faz em excessivas, o objetivo do livro é recontar a história da Segunda Guerra Mundial, seguindo uma perspectiva totalmente favorável ao nazismo, e demonstrar que o assim chamado 'holocausto' (o massacre de cerca de 6 milhões de judeus europeus) não existiu (ou que, pelo menos, não pode ser demonstrado) e patentear que a verdadeira vítima do conflito foi a própria Alemanha, que continua pagando (em dinheiro, culpa e reputação) por crimes que jamais praticou".

Os balconistas da Brasiliense se recordam de que, no dia seguinte, os primeiros compradores do "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" entraram na livraria perguntando "pelo livro que conta o lado alemão da História".

Nenhum dos compradores demonstrou o menor interesse pelo final da crítica, onde Nelson Ascher comentava:

"Muito mais interessante do que refutar ponto por ponto todas as inábeis deturpações históricas realizadas no livro, é tratar de entender como tal tipo de literatura ainda consegue público, mesmo num canto perdido do Terceiro Mundo, onde os judeus são escassos, os nazistas autênticos rareiam (devido menos à caça de criminosos de guerra do que a idade provecta que alcançaram) e a maior parte da população sequer possui noções mínimas sobre a Segunda Guerra Mundial".

Ascher, preocupado com o aspecto "ideológico" do livro, não percebeu que era a novidade (o lado alemão da história) que estava vendendo o "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?".

O MISTÉRIO

A reportagem da FOLHA DE SÃO PAULO acrescentou um novo ingrediente à carreira do livro: o mistério.O repórter Carlos Alberto de Souza, da sucursal gaúcha do jornal escreveu:

"S.E.Castan ('S' de Siegfried e 'E' de Ellwanger), autor de 'HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO? - Nos Bastidores da Mentira do Século', é representante comercial no setor metalúrgico,estabelecido com uma firma no 10º andar de um edifício na zona norte de Porto Alegre (RS). No único contato que a FOLHA conseguiu fazer com ele, na manhã da última quarta-feira, Castan mostrou-se arredio em conceder entrevistas, mas aceitou que lhe fosse passada uma série de perguntas, que 'só teria condições de responder nesta semana'.No contato telefônico, Castan disse que o assunto tratado no livro 'não é brincadeira' e que uma entrevista, mesmo gravada, sempre deixa margem a erros;disse que a forma mais segura de falar sobre o 'holocausto' seria através de questionário.

. . . .

Intencionalmente ou não, a verdade é que a reportagem estava dando um tom conspiratório ao livro. Ellwanger saiu dela não mais como um simples autor, mas como um personagem cinematográfico. Isso se acentua ainda mais no parágrafo seguinte:

"Na manhã de sexta-feira,a FOLHA esteve na firma de Castan tentando antecipar a entrega de suas respostas. Dos três funcionários presentes no escritório,dois tinham dúvidas quanto a seu paradeiro: se o interior do Estado ou Manaus. Embora circule pelas livrarias de Porto Alegre, em busca de informações sobre o desempenho do livro, S.E.Castan reveste-se de uma aura de mistério. Às pessoas que o procuram na Editora Pallotti,que imprimiu seu livro (embora o nome não conste no expediente), é fornecido o número de um telefone que nunca atende.

A entrega dos exemplares de "HOLOCAUSTO;..." às livrarias de Porto Alegre, é feita por uma senhora".

O CONSELHO

Em outubro, vários líderes da comunidade judaica de São Paulo pensavam em pedir o confisco do livro. Numa nota à parte da mesma reportagem, o crítico Nelson Ascher,ele mesmo um judeu,comenta:

"O livro deve poder ser vendido e lido por quem quer que queira desperdiçar seu tempo, exceto se alguma vítima sobrevivente ou parente de alguém massacrado no 'holocausto' judeu,que, segundo o autor, não existiu,preferir processar o autor e tentar tirar de circulação seu livro. Esse

esforço é desaconselhável por duas razões: é melhor deixar os anti-semitas falarem para saber o estado atual do seu discurso;e quem já é lunático, continuará a sê-lo com ou sem a influência desse livro".

Era um conselho sensato, que vinha acompanhado da notícia de que não existe censura de livros no Brasil, que não foi ouvida.

A reportagem da FOLHA tirou o "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" do fundo das prateleiras e o colocou novamente nas vitrines. Mas o milagre de Porto Alegre não se repetiu. As vendas estiveram bem durante outubro,mas começaram a cair em novembro. Tudo levava a crer que a carreira do livro de Ellwanger terminaria em dezembro, quando mais uma vez a comunidade israelita reagiu. O "HOLOCAUSTO" começou a ser atacado nas revistas SHALON e O HEBREU. Em novembro de 87, por sinal, o livro era noticiado na capa de SHALON,a mais importante revista judaica do Brasil:

"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO? UM LIVRO ANTI-SEMITA VIRA BEST-SELLER"

Mas, desta vez, as críticas transcendiam ao livro.Ellwanger era acusado de fazer parte de um inesperado "ressurgimento do nazismo".

O ATAQUE

No editorial de SHALON,escrito por Eliezer Strauch, já ficava claro que a revista pretendia arregimentar toda a coletividade israelita para a guerra:

"Lentamente, sem excesivo alarde,a direita totalitária e anti-semita começa a reerguer a cabeça e tenta recuperar o terreno perdido desde a implantação da Nova República. Disso há sinais múltiplos e muito assustadores, muitos dos quais, senão todos, nos dizem respeito como judeus e vítimas tradicionais do extremismo fascista. É o caso, por exemplo, da tentativa que se faz no Rio Grande do Sul de reescrever a História com o objetivo de apagar os vestígios do genocídio cometido contra o povo judeu e inverter os papéis, colocando o povo alemão no lugar de suas vítimas, como se ele, e não os judeus, tivesse sofrido o mais horrendo massacre de todos os tempos".

Quanto a Siegfried Ellwanger, recebeu uma repentina promoção: deixou de ser um industrial par se tornar um aventureiro nazista. Diz Strauch:

"Pouco importa que o livro usado para esse fim não passe de um exercício canhestro assinado por um,até aqui, anônimo aventureiro nazista, cuja única credencial é sua fanática lealdade ao legado de Hitler. Pelo contrário,é até altamente instrutivo saber que obra tão medíocre, que, segundo o testemunho de

quem a folheou, é mal escrita e enfadonha, se tenha convertido num best-seller no Estado que congrega uma das maiores concentrações de alemães do mundo".

O editorial de Strauch é candente e exagerado:

"Trata-se de uma vindita por todos os anos em que eles (os alemães) tiveram que engolir a condenação dos crimes contra a humanidade cometidos pelos seus ídolos".

Mais adiante afirma:

"Não se trata de um fenômeno isolado, mas parte de um processo que se realiza em escala mundial".

Por fim, o autor já não é apenas Ellwanger, mas um grupo misterioso:

"No caso dos livros de provocação anti-semita, por exemplo, **seus responsáveis** se escondem por trás da liberdade de expressão 'que nós defendemos' e que eles pretendem abolir".

A ORIENTAÇÃO

O editorial de Strauch, que foi considerado inábil por vários líderes da comunidade israelita de Porto Alegre que conheciam a exata dimensão do fato, serviu de base, no entanto, para todas as ações futuras dos elementos mais radicais. Diz ele no seu final:

"Que fazer então? Fechar os olhos, olhar para outro lado e permitir que o veneno em forma de opúsculo se propague? Não é necessário, se soubermos estabelecer a diferença entre o que é pensamento legítimo, passível de ser debatido publicamente, e o que são falsidades comprovadas cuja difusão é proibida por lei. Assim, quando se exige a proibição dos "PROTOCOLOS...", nada há de excepcional ou incongruente, pois desde longa data tribunais europeus já estigmatizaram a obra como uma aleivosia mentirosa forjada por espíritos criminosos. Dentro desse mesmo raciocínio, seria talvez o caso de se levar o autor de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" aos tribunais a fim de provar a crua falsidade contida em seu texto, e a partir de uma sentença judicial neste sentido exigir-se o banimento dessa grosseira deturpação da história".

Estava lançada a semente para todos os acontecimentos futuros, que não prejudicaram o livro, como pretendiam os mais exaltados, mas, muito pelo contrário, mantiveram o "HOLOCAUSTO;..." na lista dos mais vendidos.

O EXAGERO

No mesmo número de SHALON, Airton Gontow fazia uma reportagem sobre o livro recheada de exageros e más informações. Comentando o lançamento de "HOLOCAUSTO;..." em Capão da Canoa, ele diz:

"Apesar do sol

forte, alguns judeus deixaram de ir ao mar e preferiram permanecer nas ruas, conversando sobre os cartazes ou visitando as livrarias. Os mais exaltados discutiam com os gerentes e perguntavam os motivos pelos quais os livros estavam sendo vendidos"

Como já mostramos,na primeira reportagem desta série, o lançamento foi feito em apenas uma livraria, a Seleta, e não teve a menor repercussão. O único protesto foi de uma senhora grisalha que se limitou a perguntar:

-Por que vocês estão vendendo essa porcaria?

Gontow também fantasia o lançamento do livro em Porto Alegre:

"Poucos dias depois o livro aparecia também em Porto Alegre, surpreendendo ainda mais a comunidade judaica. Apesar de já estarem um tanto 'habituados' a manifestações anti-semitas num Estado de forte presença da colonização alemã,era a primeira vez que os judeus gaúchos viam uma obra deste teor lançada no estilo best-seller".

Nunca houve a menor demostração de "anti-semitismo" de parte da colônia alemã. Nas duas vezes, nos últimos trinta anos,em que apareceram suásticas pintados nos muros,eram de autoria de adolescentes moleques, todos eles de descendência portuguesa. Mas a finalidade da reportagem de Gontow, como do editorial de Strauch, não era de aquietar, mas de alarmar a comunidade israelita.

A MALDADE

No capítulo intitulado **Castan,** Gontow tempera a sua fantasia com insinuações maldosas,oriundas do que ele chama"uma fonte bem-informada" (o dono de uma conhecida fábrica de móveis de Porto Alegre). Escreve ele:

"Castan na verdade se chama Siegfried Ellwanger. O nome Castan foi 'retirado' de seu avô materno, um alemão que trabalhava como mestre de obras na comunidade luterana de Candelária, pequena colônia alemã do interior gaúcho. Apesar de luterano, o avô de Siegfried era considerado judeu por muitos colonos da região".

O avô materno de Ellwanger não era alemão, mas francês. Não vivia em Candelária, mas em Santa Cruz e jamais foi considerado judeu, porque no final do século passado ninguém se preocupava com isso nas colônias alemãs. Mas, evidentemente,apresentar Ellwanger como um neto de judeus não só o tornava um anti-semita como também um traidor perante a comunidade israelita.

A maldade, no entanto,não ficou por aí. Diz Gontow:

"Siegfried teria viajado, nos últimos anos, cinco vezes para Alemanha, 'o que é muito suspeito', afirma (a fon-

te)".

Castan, aliás Ellwanger, esteve apenas uma vez na Alemanha. Prossegue Gontow:

"Apesar do livro estar sendo muito vendido, nossa fonte, **que pediu para não ser identificada com medo de represálias**, afirma duvidar que Siegfried, 'um homem sem muita cultura' tenha conseguido realizar sozinho o livro e a campanha promocional. 'Ele tem se encontrado muitas vezes com um jornalista conhecido aqui em Porto Alegre. Acho que esse jornalista o está assessorando culturalmente', afirmou. 'Sei ainda que ele deseja que o CORREIO DO POVO se torne novamente um grande jornal e assim concorra com a ZERO HORA,' um jornal cujo dono é um judeu".

Tudo isso é a mais pura fantasia. Primeiro, Ellwanger é um homem pacífico de mais de sessenta anos, que jamais agrediu alguém. Segundo, jamais se teve notícia em Porto Alegre de um judeu agredido por 'grupos anti-semitas'. Mesmo porque os grupos anti-semitas não existem. Terceiro, basta ler o "HOLOCAUSTO;...", para saber que Ellwanger jamais recebeu assessoramento de quem quer que seja.

O fabricante de móveis é uma pessoa obcecada em defender a ZERO HORA de pseudo-nazistas. Jamais poderia ter servido de fonte de informações para quem quer que fosse.

Mas essa maldade gratuita frutificou na comunidade israelita e até hoje o CORREIO DO POVO não recebe um só anúncio de empresas de propriedade de judeus.

A REPERCUSSÃO

A pressão da revista SHALON não surtiu efeito entre os membros mais esclarecidos da comunidade israelita. Moacyr Scliar, médico e escritor, considerou o livro uma besteira e disse:

-Como este livro não é produto de uma manifestação organizada, não há por que haver uma manifestação conjunta da comunidade judaica.

Scliar estava, portanto, reduzindo o livro à sua dimensão exata.

Nilo Berlin, presidente da Loja Ehuda Halevi, declarou:

-Não somos pela censura do livro. Para nós, judeus, a liberdade faz parte de nossa ética. Se a verdade dele [Ellwanger] é aquilo, sentimos muito, mas não podemos proibir que ela seja divulgada. Nós não devemos apoiar nada que possa proibir a liberdade.

Abrão Finkelstein, vice-presidente da Federação Israelita na época, também teve uma posição sensata:

-Quando vejo um livro como este, fico realmente revoltado. Por outro lado, quem poderá dizer quando um livro pode ou não pode ser publicado? Voltaríamos de novo

ao problema que era ainda pior:uma censura que abafava a criação literária e artística.

Paulo Wainberg,que depois pediria a proibição do livro, tinha em 87, uma posição totalmente diferente:

-A obra - disse ele- deve ser discutida na comunidade e desmistificada. É evidente que o livro é uma distorção, uma farsa, e esta farsa tem que ser revelada. A comunidade não pode se omitir quanto ao conteúdo de uma obra como esta. Não acho, contudo, que a comunidade deva exigir a proibição ou censura deste tipo de comunicação.

O único a apoiar a linha radical da revista foi Ênio Roberto Kaufman, diretor do Curso unificado:

-Alguns pretensos líderes da comunidade judaica têm a postura do avestruz.E isto não ocorre apenas diante deste livro; já ocorreu antes em outras questões que envolvem a comunidade judaica. Algumas lideranças,como o vereador Isaac Ainhorn, se manifestam publicamente contestando as bobagens do livro. Eu, inclusive, sou diretor de um curso pré-vestibular e um de nossos professores de história, não-judeu,se posicionou contra o livro. O livro é extremamente perigoso porque explora o sentimento do anti-semitismo, dando-lhe uma conotação de anti-sionismo, como se fosse possível diferenciar sionismo de judaísmo. Sou contra a censura, por princípio e por uma razão simples: quem vai censurar o censor? A idéia é que não existe um critério determinado.

A COMUNIDADE

A comunidade israelita de Porto Alegre não se sentia ameaçada e por isso não reagiu às pressões da revista SHALON. Mas, evidentemente,essa tranqüilidade dependia do volume de vendas do livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Em outubro de 87, ele já não era o sucesso dos primeiros meses.Vendia bem, mas num ritmo decrescente. Uma crítica,de autoria de Roney Cytrynowicz, publicada na revista SENHOR,chamando o livro de: "...um tranqüilo passeio pela banalidade do mal"...,não causou o menor efeito. Também em São Paulo as vendas não eram promissoras e o assunto parecia definitivamente encerrado quando subitamente o interior do Estado descobriu o livro. Durante oito meses os anúncios publicados no CORREIO DO POVO não tinham atraído os leitores do interior, mas repentinamente, por razões que ninguém conhece,ele se tornou um grande furor.

As vozes sensatas que haviam contido a indignação da coletividade israelita do Rio Grande do Sul foram imediatamente abafadas pelas lideranças mais agres-

sivas. O livro agora era tomado como uma espécie de toque de reunir dos nazistas adormecidos. A memória judaica é a própria razão da sobrevivência do povo judeu. Ela se mantém sempre viva e sempre acesa, pronta para detectar o menor sinal de perigo. O aumento das vendas foi um sinal de alarme. Porto Alegre ficou cheia de boatos a respeito de movimentos nazistas e grupos palestinos. No meio da confusão ninguém parou para visitar a nova editora Revisão e descobrir que o barulho todo era feito por Ellwanger e três inocentes funcionáros. A guerra tinha começado e não havia possibilidade de acordo.

PUBLICADO NO JORNAL RS DO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 1990,(Nº 220)

cartas:

A DISCUSSÃO

ANTÔNIO ROSA DOS SANTOS, POA: '" A vida é estranha mesmo: um homem da maior coragem cívica, que há vinte e cinco anos luta pelos direitos humanos, tendo arriscado a própria vida durante os negros anos da ditadura militar, encontra-se subitamente cercado de dedos em riste, que o acusam de inquisidor e autoritário, entre outras coisas muito piores. Este homem chama-se Jair Krischke, conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos,e o ato que causou tanta indignação em setores dos quais não se ouviu a voz durante a ditadura seria considerado uma vitória dos direitos humanos, nas democracias mais avançadas - no caso, o pedido de apreensão de propaganda racista sob forma de livros, os quais se encontravam expostos na última Feira do Livro. Tais livros, da Ed. Revisão,têm todos um propósito muito nítido:a difusão de propaganda de ódio racial contra os judeus, seja falseando completamente os fatos acerca do holocausto causado por Hitler, seja 'reeditando' clássicos da 'literatura anti-semita'. Lamentavelmente, exemplos históricos não faltam para comprovar a periculosidade de tal propaganda, sendo o mais trágico de todos,os fatos ocorridos na Alemanha, na primeira metade deste século. A constituição de Weimar,vigente na Alemanha de 1919 até a ascensão de Hitler, não apresentava defesas contra aqueles que queriam rasgá-la. Os nazistas tiveram toda a liberdade para difundir sua pregação racista e gerar fatos que cresceram como uma bola de neve, esmagando não só os judeus, mas a sociedade,como um todo, até desencadear a 2ª Guerra Mundial.As incontáveis vi-

das ceifadas pela 2ª Guerra foram o preço para que os regimes democráticos aprendessem a se defender de seus inimigos.Modernas democracias como a Suécia, França, Alemanha e outras estão dotadas de legislação anti-racista que, entre outras coisas, proíbe a difusão de material como o apreendido da Feira. A lei 8.081,elaborada, entre outros, pelos deputados gaúchos Ibsen Pinheiro (PMDB) e Paulo Renato Paim (PT), foi recentemente aprovada pelo Congresso e sancionada, em função desses princípios, visando combater a inegável discriminação racial que há no Brasil, inclusive o incitamento feito por meios de comunicação. Todos sabem que o direito de uma pessoa termina onde começa o das outras, e que o abuso de direito é o oposto do exercício da liberdade. Um homem que empregue revólver com o fim de cometer crimes terá a sua arma apreendida -e ninguém falará de cerceamento ao direito da propriedade-e naturalmente será preso-e ninguém falará do direito de ir e vir. Da mesma forma, o pedido de apreensão, na forma da lei 8.081, de obras que têm o fim claramente criminoso de pôr em risco as liberdades, e mesmo a vida,de certo grupo social, não fere a liberdade de expressão. Ao contrário, defende-a dos que a distorcem, com o propósito de esmagá-la na primeira oportunidade que tiverem. Deixemos de ser míopes e olhemos além da ponta do nariz para as lições da História. Veremos que os inimigos jurados da liberdade invocam-na sempre que querem tolher a dos outros. Se quisermos que todos os homens vivam em liberdade,devemos ser atentos e protegê-la de seus algozes."

. . . .

RS: Sua tese, Antônio, é extremamente perigosa. A liberdade não admite exceções. Por sinal, V.está mal-informado. Existe a mais ampla liberdade de expressão na Suécia e na França. Na Alemanha, realmente as leis são muito severas com relação ao anti-semitismo, mas exclusivamente com ele. O inimigo nº 1 dos racistas alemães agora é o turco. Mas, na França, publicam-se milhares de livros anti-semitas por ano e nem por isso os franceses são racistas. Mas, por favor, leia a carta seguinte.

. . . .

LUÍS RENATO PADILHA, POA:

"No momento em que o **RS,** em boa hora, inicia a discussão dos livros de S.E.Castan, eu queria lembrar que o único país onde não encontrei livros anti-semitas à venda, foi a Alemanha Ocidental (minhas visitas a Europa foram anteriores à unificação). Até na Holanda,onde ainda permanece o rancor contra os alemães, encontrei nas vitrines 'OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO', além de várias obras abertamente racistas.

Nem por isso os judeus holandeses, que formam a mais forte minoria do país, exigem a apreensão dos livros ou falam na ressurreição do nazismo. Na Noruega vi várias vitrines repletas de livros anti-semitas, inclusive de obras que punham em dúvida o famoso Holocausto. Também lá não vi sinais de pânico. Mas, talvez o exemplo mais impressionante seja o americano. Vivi três anos nos Estados Unidos, um em São Francisco e dois em Nova Iorque. Não têm conta as vezes que recebi pelo correio catálogos de editoras oferecendo não apenas "OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO", mas inclusive "O JUDEU INTERNACIONAL", livro que aqui se diz que Henry Ford repudiou, mas que lá continua sendo publicado com seu nome na capa, sinal evidente que não houve repúdio. Assisti a várias manifestações judaicas em Nova Iorque, onde a comunidade israelita é vastíssima, mas nenhuma delas exigia a apreensão de livros anti-semitas. Não li os livros de S.E.Castan, mas não acredito que possam ressuscitar o nazismo ou desencadear um 'pogrom' contra os judeus. Acredito que a histeria das reações se deve à consciência pesada da comunidade israelita, que sabe muito bem o que Israel está fazendo com os palestinos. Clamando contra os anti-semitas, os judeus evitam que as atrocidades de Israel sejam discutidas. Quem sabe, justamente no que está acontecendo lá na Palestina é que resida a verdadeira razão de tudo isso? Os judeus ainda não se deram conta de que não são mais um povo ou uma religião, mas uma nação, portanto com todos os defeitos e virtudes de todas as nações"

. . . .

RS: Ainda irá correr muita água por baixo dessa ponte, como nossos leitores irão ver nos próximos números.

. . . .

CAPÍTULO IV

O OURO NAZISTA

COMO NASCEU O BOATO QUE ASSUSTOU A COLETIVIDADE ISRAELITA E FOI RESPONSÁVEL PELO SEGUNDO ANO DE SUCESSO DO LIVRO

O que houve em novembro de 1987 com o livro de Siegfried Ellwanger? Um mês antes, o livro mofava nas prateleiras e os livreiros aquietavam seus clientes judeus dizendo que "a febre já tinha passado". Subitamente ele voltou a vender furiosamente e no fim do mês já estava novamente em primeiro lugar na lista dos mais vendidos. Ninguém se seu conta, na época, nem mesmo as mais argutas lideranças da comunidade israelita, que eram justamente as críticas,cada vez mais exageradas, que estavam promovendo o livro. Criou-se um círculo vicioso que provocou a curiosidade do público: quanto mais o livro vendia, mais era atacado; quanto mais era atacado, mais vendia. Tudo isso aconteceu sem o menor planejamento, fruto das indignações do momento.

Siegfried Ellwanger é um homem ingênuo em termos de publicidade: Ele foi assessorado por uma agência no lançamento do livro, mas, no momento em que a comunidade israelita reagiu, terminou o assessoramento e ele ficou sozinho. Ele esperava que seu livro provocasse grandes debates e grandes pesquisas.Chegou a sonhar com uma grande Comissão Internacional encarregada de examinar os documento históricos e realizar uma revisão de história oficial da Segunda Guerra. Esperava, como confessou no seu livro posterior, que a discussão ficasse em termos de documentação. Ou seja, ele apresentaria seus documentos e os judeus apresentariam os seus.

Quando as críticas se voltaram contra ele, Ellwanger ficou extremamente surpreso e ofendido. Sem diálogo possível com seus adversários,Ellwanger passou a responder às críticas com pequenas notas que eram publicadas no CORREIO DO POVO. Ele não tinha, naquela altura, a menor intenção de tirar proveito publicitário de suas notas,mas pura e simplesmente de **"não deixar sem resposta os que me atacam"**. Mal sabia ele que havia descoberto um novo meio de vender seu livro.



Ben Abraham



VERSÃO BRASILEIRA DA 'MENTIRA DE AUSCHWITZ'

A reapresentação pela TVS da série Holocausto, exibida pela TV Globo cerca de sete anos atrás, foi a melhor maneira de combater a controvertida publicação editada no Rio Grande do Sul que, de forma cínica e descarada tenta desmentir a existência do Holocausto, atribuindo ainda aos judeus a manipulação da política e economia mundial.

Trata-se de uma réplica do livro "Die Auschwitz Luge" — "A Mentira de Auschwitz", divulgado inicialmente pelos neo-nazistas na Alemanha e, posteriormente, face à firme posição do presidente da Comunidade Judaica de Berlim, Sr. Hans Galinski, proibido pelo Governo da RFA.

Considerando estas investidas, nenhuma crônica, filme ou romance baseado nos fatos verídicos do Holocausto pode desviar-se dos acontecimentos reais. Procedendo de outra maneira, por mais conveniente de forma promocional que seja, o efeito pode ser contrário, pois contribui para desacreditar a veracidade da maior tragédia e genocídio que o mundo já presenciou durante a sua história. Essa advertência é dirigida principalmente para os sobreviventes do nazismo que colocam no papel os seus depoimentos e as trágicas experiências que testemunharam.

Holocausto

A extensão do Holocausto foi tão assombrosa, e a barbárie praticada pelos nazistas foi tão horrorizante e espantosa, que não necessita de enfeites. Este ornamento, afinal de contas, não acrescenta nada além de ser aproveitado por neo-nazistas para desacreditar a veracidade dos fatos autênticos.

Os 6 milhões do judeus, 3 milhões de russos, 500 mil ciganos e cerca de 1. milhão de pessoas de outras nacionalidades exterminados pelos nazistas nos campos, por serem considerados "raças inferiores", falam por si mesmos...

Como exemplo podemos citar o próprio filme Holocausto apresentando os polacos uniformizados executando as enfermeiras judias do gueto e auxiliando os alemães na supervisão dos transportes do gueto de Varsóvia a Treblinka. Estas cenas que de fato não correspondem à verdade, provocaram uma controvertida declaração dos ex-combatentes poloneses e, conseqüentemente, confundiram um telespectador comum alheio ao assunto.

Provavelmente, o autor do romance, ciente do crônico anti-semitismo polaco e da simpatia com a qual a maioria dos poloneses encarava a "Solução Final" empreendida por alemães, quis dessa forma expressar a sua revolta contra o procedimento dos poloneses em relação aos judeus durante a ocupação. Todavia, apesar de ter sentido na própria pele, desde a minha infância, o ódio dos polacos por causa da minha origem, acho que a forma escolhida pelo autor para expressar o seu repúdio não foi muito feliz. Seria mais conveniente, sem desviar-se da verdade, mostrar os judeus que escaparam do gueto, presos e executados pelos alemães, após serem, em troca de 1 kg. de açúcar ou sal, denunciados pelos poloneses. Eu mesmo, quando no início saía do gueto para buscar auxílio para meus familiares, cuidava-me mais dos moleques poloneses do que dos próprios alemães.

Portanto, precisamos tomar o máximo cuidado para não nos desviar da realidade. A verdade sempre deve ser dita. O fato é: os poloneses não tiveram acesso às ações militares executadas pelos alemães como acontecia nos outros países ocupados. Também não havia forças ou unidades da SS que atuavam junto às forças de ocupação — salvo a polícia interna desarmada, denominada: "granatowi" — "azuis-marinhos", por causa do uniforme que usavam.

Os colaboradores

Em contrapartida, existiam brigadas da SS, compostas de ucranianos e lituanos, que atuavam ativamente no extermínio dos judeus e como guardas de campo de concentração. Havia ainda brigadas da SS compostas de holandeses, franceses, croatas e até dinamarqueses que lutavam ao lado dos alemães, principalmente na frente russa.

Os remanescentes nazistas da velha guarda, as agremiações neo-nazistas, os anti-semitas crônicos e grupos políticos "anti-sionistas" estão na tocaia esperando por qualquer motivo que lhes permita apresentar o Holocausto como uma mistificação. O livro editado em Porto Alegre, amplamente divulgado e distribuído entre políticos e parlamentares, deve servir como alerta. Os fabulosos recursos destinados para pagamento dos anúncios nas primeiras páginas dos principais jornais do Rio Grande do Sul, a fim de promover o livro, cujo preço nas livrarias mal cobre os gastos com a impressão, procedem de uma fonte.

Qual? — fácil imaginar. Os valores roubados pelos nazistas durante a ocupação da Europa, esperavam só por uma oportunidade... *

APEDIDO

VALORES ROUBADOS PELOS NAZISTAS FINANCIAM LIVRO DE GAUCHO

BEN ABRAHAM, "sobrevivente" de Auschwitz, escritor sionista, comentarista internacional da "Folha de S. Paulo", possuidor da "Medalha Anchieta" e "Cidadão de S. Paulo", é o autor do livro "Holocausto".

Na Revista "O Hebreu" n° 97, de junho/julho, este nobre cavalheiro escreve que meu livro é a versão brasileira do livro "Mentira de Auschwitz", que de forma cínica e descarada tenta desmentir o holocausto judeu. Depois de advertir os "sobreviventes da II Guerra", para que não se afastem dos acontecimentos reais, que escrevam somente a verdade, pois procedendo de outra forma o efeito pode ser contrário..., finaliza seu Artigo com esta "pérola":

"O livro editado em P. Alegre, amplamente divulgado e distribuído entre políticos e parlamentares, deve servir como alerta. Os fabulosos recursos destinados p/pagamento dos anúncios nas primeiras páginas dos principais jornais do RGS, a fim de promover o livro, cujo preço nas livrarias mal cobre os gastos com a impressão, procedem de uma fonte. Qual? Fácil imaginar, OS VALORES ROUBADOS PELOS NAZISTAS DURANTE A OCUPAÇÃO DA EUROPA ESPERAVAM SÓ POR UMA OPORTUNIDADE".

O homem que pediu para não mentirem mais, em seguida deu uma de Campeão; será que está querendo ficar com o monopólio dessa coisa feia? Se tenta enganar a Comunidade Judaica, pois "O Hebreu" se destina a ela, o que os demais podem esperar dele?

Esta informação do BEN, além de ter provocado enorme gozação entre os componentes da minha equipe e meus amigos, deu-nos mais uma vez a oportunidade de se constatar com que facilidade se lança uma mistificação/mentira/suspeita sobre alguém. Fica-se então imaginando como se agiu ANTES, DURANTE e PÓS-GUERRA!

S.E. Castan
autor do livro "Holocausto Judeu ou Alemão?
Nos Bastidores da Mentira do Século"

AS NOTAS

Reproduzimos uma dessas notas nesta reportagem. Elas são escritas num tom coloquial, bastante acessível. Invariavelmente, em todas as notas que publicou, Ellwanger reproduz a crítica que deu origem à resposta. Como é fácil de verificar, sua melhor munição lhe foi fornecida exatamente pelos críticos mais exagerados. Um exemplo típico é o comentário desastroso de Ben Abraham, publicado na revista O HEBREU, que termina com um absurdo gritante:

"Os fabulosos recursos destinados para pagamento dos anúncios nas primeiras páginas dos principais jornais do Rio Grande do Sul, a fim de promover o livro, cujo preço nas livrarias mal cobre os gastos com a impressão, procedem de uma fonte. Qual?- fácil imaginar. Os valores roubados pelos nazistas durante a ocupação da Europa esperavam só por uma oportunidade".

Era uma afirmação tão pueril que Ellwanger nem precisou contestar todas as acusações (os anúncios foram publicados apenas no CORREIO; ele vendeu uma casa para financiar a impressão) mas apenas reproduzir o trecho mais infeliz da crítica e juntar um pequeno comentário:

"Esta informação do Ben, além de ter provocado uma enorme gozação entre os componentes da minha equipe, deu-nos mais uma vez a oportunidade de se constatar com que facilidade se lança uma mistificação/mentira/suspeita sobre alguém. Fica-se então imaginando como se agiu ANTES, DURANTE e PÓS-GUERRA".

OS ALIADOS

Ben Abraham, em 1987, era presidente da Sherit Hapleitá, uma associação judaica que reúne os sobreviventes do nazismo que vivem no Brasil. Provavelmente foi o posto que o levou a uma posição tão extremada contra Siegfried Ellwanger. Ele foi o primeiro a acusar Ellwanger de fazer parte de uma vasta conspiração nazista e de ver no livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" o início de uma campanha anti-semita. Depois de acusar Ellwanger de ser financiado pelos **tesouros secretos dos nazistas,** ele o acusou de distribuir panfletos anti-semitas. Em dezembro de 87, sua cruzada contra Ellwanger transbordou da revista O HEBREU para os jornais de São Paulo.

Para os livreiros paulistas não foi o anti-semitismo, mas a curiosidade a responsável pelo aumento das vendas do livro em

São Paulo. Repetiu-se, lá, o que já tinha acontecido aqui. Quanto mais o livro era atacado, mais vendia. Ben Abraham foi, para seu imenso desgosto, o grande promotor das vendas de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". Foi graças a sua campanha que o livro chegou ao interior do Estado, onde encontrou a simpatia da colônia japonesa (os livros anti-semitas são um sucesso permanente de vendas no Japão).

OS CAÇADORES

Em 29 de dezembro de 1987, a insensatez de Ben Abraham chegou ao ponto máximo. Ele promoveu a vinda ao Brasil de Beate Klarsfeld, a famosa caçadora de nazistas. Em 1983, Beate e seu marido, o advogado Serge Klarsfeld, foram os responsáveis pela prisão de Klaus Barbie, na Bolívia. Como era inevitável, a vinda de Beate Klarsfeld teve ampla cobertura dos meios de comunicão. O ESTADO DE SÃO PAULO noticiou:

"Assustada com o crescimento de publicações anti-semitas no País, a associação Sherit Hapleitá, dos sobreviventes do nazismo no Brasil, convidou a caçadora de nazistas Beate Klarsfeld para esclarecer às lideranças judaicas sobre os riscos do surgimentos de movimentos neonazistas na América Latina".

Como era previsível, Ben Abraham concedeu uma entrevista ao jornal, declarando que:

"desde o final da última década existem publicações anti-semitas. Porém, com a abertura democrática, os autores perderam o receio de lançar abertamente suas idéias. Entre as publicações anti-semitas destacadas pela Sherit Hapleitá, está o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", de S.E. Castan."

A notícia saiu no Estadão do dia 30 de dezembro de 1987. Quatro dias depois, Ellwanger tinha que enviar mais dois mil exemplares a São Paulo, porque o livro havia esgotado. Desta vez, entre os compradores existiam centenas de judeus curiosos para saber o que havia de tão temível no livro de Ellwanger.

OS CONSPIRADORES

Na entrevista que concedeu ao ESTADO DE SÃO PAULO, Bem Abraham lançou a semente de um boato que se espalhou pelo Brasil inteiro: o Rio Grande do Sul seria a sede de um renascimento do nazismo. Disse Abraham:

"além desse livro, existem panfletos anti-semitas que são distribuídos às autoridades e ao público, através dó

Correio, sem constar porém o nome e endereço do remetente."

Ele afirmou que essas publicações são editadas no Rio Grande do Sul, Estado que, junto com Santa Catarina tem a maior colônia alemã do País.

"Isso não quer dizer que todo alemão é nazista. Mas é grande a possibilidade de uma colônia alemã servir de esconderijo desses elementos".

Nunca houve a distribuição de panfletos anti-semitas no Rio Grande do Sul ou Santa Catarina. Os jornais de São Paulo também não têm conhecimento de campanhas desse tipo. Como Ben Abraham publicou um desses panfletos na revista O HEBREU, presume-se que ele tenha recebido alguns exemplares. Afinal, existem simpatizantes do nazismo em todo o País e o presidente de uma organização como a Sherit Hapleitá inevitavelmente seria um alvo predileto dos elementos mais extremados.Mas autoridade alguma do Estado, em 1987,se recorda de ter recebido panfletos desse tipo. O destempero permanente de Ben Abraham o torna uma testemunha pouco merecedora de fé nesse assunto. Mas, de qualquer forma, o boato que ele lançou deu frutos.

OS MISTÉRIOS

Em 10 de fevereiro de 1988, Ellwanger recebia mais uma contribuição para suas vendas.O professor Deonísio da Silva, de São Carlos, apanhando a deixa de Ben Abraham, fazia uma crítica de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" misturando ingredientes de romance policial. Ele iniciava afirmando:

"Todo mundo sabe que há muitos nazistas refugiados no Brasil".

A partir daí, para inserir o livro de Ellwanger num possível renascimento do nazismo, Deonísio se lançava numa história mirabolante:

"Casos misteriosos há muitos. No começo dos anos 80, o ex-tenente nazista Stepen Loncar foi encontrado morto na cidade de Carazinho, interior do Rio Grande Do Sul.Vivia de uma aposentadoria do INPS. Ao investigar sua morte, um tanto enigmática,os policiais encontraram recibos de ordens de pagamento de altas quantias para diversas cidades da América Latina e Europa,feitas por Loncar, que ganhava salário mínimo.".

De onde o professor Deonísio da Silva foi tirar essa fantástica história,ninguém sabe. Nenhum Stepen Loncar andou por Carazinho. Deonísio cita um outro caso misterioso ("um alemão teria sumido ao desembarcar em São Paulo") e diz:

"Estou dando esse recado porque há alguns anos fiz uma pesquisa sobre nazismo no Brasil meridional e fiquei perplexo com uma coincidência atroz: nenhum desses casos foi esclarecido e mesmo sobre Mengele pairam dúvidas".

O único resultado prático das histórias rocambolescas desse professor foi colocar nas vitrines das livrarias de São Carlos o livro de Ellwanger. Quanto às suas pesquisas sobre nazismo, ninguém jamais ouviu falar uma palavra sobre elas.

Mas, enfim, em 1988, a campanha de Ben Abraham estava no auge e a moda era procurar nazistas conspiradores.

OS SILÊNCIOS

Até maio de 1988 ninguém se mostrou interessado em entrevistar Siegfried Ellwanger. Os líderes da comunidade israelita de Porto Alegre sabiam que ele era S.E.Castan, mas para seus leitores e o público sua identidade era um mistério. Na medida em que o livro se tornava um sucesso, corriam os mais extravagantes boatos a respeito de seu autor, mas os meios de comunicação não demonstravam a menor curiosidade pelo fenômeno que estava acontecendo. Alguns leitores de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" acham que este silêncio foi uma manobra dos judeus para boicotar o livro, mas a suspeita não tem fundamento. Não havia, por exemplo, na redação da ZERO HORA, a menor proibição de noticiar ou comentar o livro.

O problema é que os meios de comunicação não dão importância aos livros. Não existe um só programa de rádio ou televisão dedicado à literatura, e o único jornal que possui uma seção de livros é a ZERO HORA (onde, por sinal, o livro de Ellwanger foi noticiado).

Essa cortina de silêncio não cobriu apenas "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", mas centenas de livros lançados no mesmo ano. Somente durante a realização da Feira do Livro é que autores ganham espaço nos programas de entrevistas. Assim mesmo, as emissoras exigem que sejam pessoas notórias e pouco controvertidas.

O vice-presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul, Abraão Finkelstein, declarou em 87 para a revista SHALON:

"Não nos manifestamos porque esperávamos que a sociedade - jornalistas, intelectuais, políticos - se manifestasse. E isso não ocorreu. Nenhum jornalista, crítico ou artista se manifestou. E isso nos dá uma medida de como há uma indiferença da sociedade em relação ao assunto".

Finkelstein se enganou: nem jornalistas, nem intelectuais

CARTA

de São Carlos



Deonísio da Silva

Só faltava essa

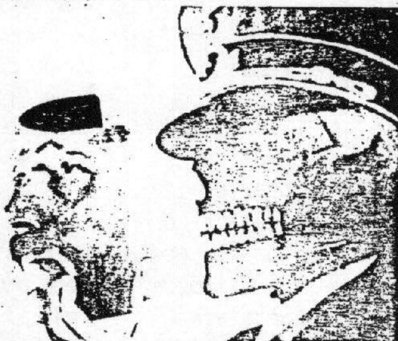


Um obscuro escritor nazista diz que é tudo mentira: os carrascos eram os judeus

Todo mundo sabe que há muitos nazistas refugiados no Brasil. O caso mais célebre é de Joseph Mengele, que, depois de toda a celeuma mundial, foi dado como morto, exumado, teve dentes, ossos e medidas do rosto cronometradas e — que ironia! — morrera afogado por obra do oceano Atlântico e do destino. Responsável pela morte de 400 mil judeus na Segunda Guerra Mundial, por experimentos com seres humanos que resultaram em tormentos físicos quase indescritíveis, Mengele foi procurado até muito recentemente, quando jornais brasileiros estamparam um anúncio que oferecia US$ 40.000 por qualquer informação que localizasse seu paradeiro.

Mas Mengele é só um deles. Muitos outros já foram executados ou conduzidos à prisão. Os casos mais recentes são o de Gustav Wagner, que se suicidou numa prisão em São Paulo, e o de Klaus Barbie, atualmente preso e submetido a julgamento na França. Casos misteriosos há muitos. No começo dos anos 80, o ex-tenente nazista, Stepen Loncar, foi encontrado morto na cidade de Carazinho, interior do Rio Grande do Sul. Vivia de uma aposentadoria do INPS. Ao investigar sua morte, um tanto enigmática, os policiais encontraram recibos de ordens de pagamento de altas quantias para diversas cidades da América Latina e da Europa, feitas por Loncar, que ganhava salário mínimo.

A investigação sobre o caso Loncar não prosseguiu, assim como a de muitos outros. Por exemplo: que destino as autoridades policiais brasileiras deram ao passageiro Willi Herbert Manfred Kuhlman, do vôo 373, da Vasp, que embarcou em Campo Grande-MS, no dia 8 de maio de 1981 e foi preso ao desembarcar em São Paulo? Ele foi preso sob suspeita de liderar o grupo neonazista *Novios de la Muerte* (Noivos da Morte). Sua prisão levou à detenção de mais três mulheres e outros dois homens integrantes do mesmo grupo. Ninguém mais soube de nada. Estou dando este *recado* porque há alguns anos fiz uma pesquisa sobre o nazismo no Brasil meridional e fiquei perplexo com uma coincidência atroz: nenhum desses casos foi esclarecido e mesmo sobre o de Mengele pairam dúvidas. E agora li mais um livro sobre o tema, de S. E. Castan, *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século*, editado em 1987 e já em 15ª edição. Como só ocorre com esses livros, não há indicação da editora. Apenas a caixa postal de nº 10.466, em Porto Alegre-RS. E o que diz o sr. S. E. Castan? Em resumo, afirma que todos nós estamos enganados. Que aquelas terríveis revelações do Tribunal de Nuremberg, que incluíram confissões espontâneas de culpa, feitas por convicção ideológica dos que professavam o nazismo, são uma farsa. Que a coisa não foi bem assim. E — vejam vocês! — o autor afirma que muitas daquelas célebres fotos com pilhas de cadáveres de judeus são montagens e truques fotográficos: aqueles mortos são alemães.



As orelhas do livro de Castan são compostas com excertos de onze cartas de leitores que elogiam a "pesquisa histórica" que ele empreendeu. Ninguém se identifica nessas cartas. E nós, que aprendemos na escola que a Segunda Guerra Mundial resultou na morte de 40 milhões de pessoas, das quais 20 milhões eram da URSS e 6 milhões eram judeus executados em campos de concentração e que os alemães perderam 5 milhões de pessoas? O livro de Castan quer camuflar a História.

Deonísio da Silva, escritor e professor universitário, é colaborador do Caderno 2

nem políticos se manifestaram porque o livro de Ellwanger não despertava o menor interesse nos meios mais sofisticados.

AS CRÍTICAS

No início de 88, o livro de Ellwanger começou a despertar a curiosidade do público leitor. O sr Antônio Revoredo é um típico exemplo desses novos leitores do "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?":

"Eu vou pelo menos uma vez por semana na Miscelânea. Vi o livro nas prateleiras mas não me interessei. Inclusive me disseram que era muito mal escrito. Mas antes de sair para as férias, em fim de fevereiro de 88, comprei um exemplar Eu honestamente não esperava grande coisa. A curiosidade que eu tinha era de saber por que um livro, que todos diziam ser tão ruim, estava vendendo tanto"

O sr. Revoredo não gostou do livro nem descobriu qual era seu segredo.

Mas esse novo público, mais sofisticado, que estava adquirindo o livro, não só aumentou suas vendas como provocou as primeiras críticas nos meios de comunicação. O professor Sérgius Gonzaga foi o primeiro a criticar "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" em dois canais de televisão Ele foi impiedoso com Ellwanger, disse que o livro tinha sido escrito **"por um semi-analfabeto"**, que era **"muito ruim"** e que não deveria ser lido **"nem por curiosidade"**. A crítica não afetou as vendas O livro continuou a vender no mesmo ritmo de sempre.

AS ENTREVISTAS

Em maio de 1988, Siegfried Ellwanger, usando ainda o pseudônimo de S.E.Castan, concordou em dar sua primeira entrevista. Há um ano que ele se recusava a manter qualquer contato com a imprensa por receio que suas palavras fossem manipuladas. Quando seu livro foi lançado, ele foi procurado por repórteres da FOLHA, do JORNAL DO BRASIL e do ESTADO DE SÃO PAULO, mas se recusou taxativamente a dar entrevistas ou fornecer qualquer tipo de informação sobre sua vida particular. Nenhum jornal, emissora de rádio ou televisão de Porto Alegre demonstrou o menor interesse em entrevistá-lo. Não havia pressão alguma da comunidade israelita sobre os meios de comunicação, diga-se de passagem.

Em maio, no entanto, Ellwanger saiu fora de seus hábitos e concordou em responder por escrito às perguntas do repórter Moacyr Loth, do JORNAL DE SANTA CATARINA. A entrevista é uma defesa feroz da revisão da História

oficial da Segunda Guerra.Ellwanger afirmava:

"Quando começarem a surgir filmes com depoimentos sobre as atrocidades cometidas contra o povo alemão, o mundo vai ficar estarrecido".

Mas sua guerra pessoal contra os críticos judeus, deu à entrevista um tom anti-semita que o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" **não** tinha.

Na entrevista, não só Ellwanger nega a existência de câmaras de gás, como diz que o número de judeus mortos na 2ª Guerra **"pode variar de 35.000 a 350.000".** A entrevista foi publicada no dia 29 de maio de 1988 e, ao entardecer, os primeiros exemplares do jornal já chegavam a Porto Alegre e a São Paulo. Era uma declaração de guerra e mudaria para sempre a vida de Siegfried Castan Ellwanger. No dia seguinte, ela foi mostrada sem comentários a um livreiro, que, mal concluída a sua leitura, mandou retirar o livro de Ellwanger das prateleiras. Era o começo do boicote.

***

PUBLICADO NO JORNAL **RS** DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1990. (Nº 221)

O DEBATE

JOÃO ALVES NOGUEIRA, POA: "Estive na Alemanha há cinco anos. Minha esposa fala alemão fluentemente e foi minha intérprete durante à viagem. Tive sempre uma imensa curiosidade pela Alemanha, porque um amigo de meu pai era alemão e sempre contava maravilhas de seu país.A Alemanha (me refiro à Ocidental, naturalmente) é um país encantador. Suas pequenas cidades são impecavelmente limpas e ordeiras. Come-se bem e barato.O trabalho é quase uma mania nacional. No entanto, sempre que tentamos tocar nas lembranças da guerra, os alemães secamente nos propunham mudar de assunto.

Pensei inicialmente que se tratasse de uma espécie de vergonha. Por fim descobri, com ajuda da minha esposa, o que realmente havia. Metade do país morreu na guerra.Não há família que não tenha sofrido a perda de um ente querido. Os alemães não falam na guerra porque sua recordação é dolorosa. Foi a nação mais duramente castigada pelos seus erros. Eu repudio todas as crueldades do nazismo e as loucuras de Hitler.Mas, por outro lado,acredito que nunca se contou toda a real história do outro lado da guerra. Minha opinião particular é que não apenas os judeus, mas os russos,ingleses, franceses e americanos exageraram nas suas baixas para salientar seu sofrimento e aumentar a culpa da Alemanha".

RENATO BUENO DA SILVA, POA: "Se me permitem, eu acho a discussão insana. Sigam-me para verem se eu não tenho razão. Se, ao invés de 6 milhões de judeus, morreram 5, faz diferença? Se morreram 2 milhões muda tudo? Se foram apenas 100 mil, o problema está resolvido? Então temos agora um limite para os assassinatos? Matando 6 milhões é criminoso, matando 500 mil está perdoado? Não consigo entender bem essa tese. mas se ela for válida, iremos terminar elogiando os que só mataram 10 mil. O que estão tentando fazer? Criar o horrorzão, o horror e o horrorzinho? Não importa quantos judeus tenham sido trucidados, a brutalidade continua a mesma. Mas acho bom que se discuta o problema abertamente. Não li "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" e nem pretendo lê-lo. A crueldade não tem diminutivo nem aumentativo. Ela por si só já é gigantesca quando exercida contra seres vivos."

K.M.B., POA: "Sou neto de poloneses e estive em Auschwitz. Não vi possibilidade física de terem sido massacrados 4 milhões naquele local, como afirmam as placas e os guias. Os fornos são diminutos e entram em contradição com todas as versões ocidentais. Meus parentes que vivem em Cracóvia, cerca de 60 km de Birkenau, onde foi instalado o campo de Auschwitz, contam uma versão diferente dos guias. Falam em milhares de prisioneiros mortos, mas não em milhões. Dizem eles que os primeiros a serem mortos foram os retardados mentais e que os judeus só foram transferidos para Auschwitz depois da invasão da Russia. Também contam que existiram milhares de prisioneiros russos em Birkenau. Não posso, no entanto, afirmar que tudo o que me contaram seja verdade, porque notei um forte sentimento anti-semita em Cracóvia, especialmente de parte dos católicos. Quando estive na Polônia, haviam se registrado choques entre grupos católicos e judaicos, o que muito me espantou porque eu esperava que os horrores dos campos de concentração ainda fossem sentidos. Será que houve exagero de parte de historiadores judaicos? Francamente não consigo tomar uma decisão firme. Acredito que a verdadeira história da Segunda Guerra Mundial ainda não foi escrita".

EVALDO MORANDI DA ROSA, POA: "Comprei na Feira do Livro de 1967, se não me falha a memória, na banca da extinta Livraria Lima, uma obra em três volumes intitulada 'AUSCHWITZ', de autoria do jornalista alemão Bernd Nauman. A obra é uma ampliação de uma série de reportagens publicadas no jornal FRANKFURTER ALGEMEINE ZEITUNG, da cidade do mesmo nome, em 1965, sobre o julgamento dos criminosos que dirigiram o campo de concentração referido. O livro mereceu um longo prefácio da escri-

tora judia Hannah Arendt, o que me parece atestar sua fidelidade. Na página 54 do primeiro volume, escreve o jornalista:

'Dos quatrocentos mil prisioneiros registrados oficialmente em Auschwitz, dois terços eram homens e um terço mulheres. Destes, 261 mil morreram ou foram assassinados no campo, desconhecendo-se o número dos que morreram durante a marcha da evacuação. Igualmente se desconhece o número dos que morreram sem ter sido registrados, que foram da gare da estrada de ferro para as câmaras de gás, sem pararem no campo. O comandante de Auschwitz, Höss, declarou em Nüremberg que o número fora de dois milhões e meio, mas esclareceu que esse cálculo não se baseava em seu conhecimento pessoal e sim em números citados por Eichmann. Nas suas memórias insistiu que o número que citava era excessivamente elevado. Pery Broad (um dos réus) falou em um a dois milhões, num relatório que escreveu no fim da guerra. Os cálculos dos historiadores vão de um a quatro milhões'. Como se nota, o número de mortos é bastante controverso."

. . . .

RS: Uma coisa, no entanto, convém deixar claro. Não há controvérsia sobre o campo. Auschwitz está lá, um monumento à bestialidade humana, hedionda, chocante e incontestável.

THE NEW YORK TIMES INTERNATIONAL SUNDAY, DECEMBER 10, 1989

Books From a Pro-Nazi Publisher Cause an Uproar in Brazil

By JAMES BROOKE
Special to The New York Times

PORTO ALEGRE, Brazil, Dec. 7 — In the heartland of Brazil's German descendants, an uproar has erupted in recent weeks over a new publishing house that specializes in Portuguese-language books denying the Nazi genocide of World War II.

Sigfried Ellwanger, the managing partner of Editora Revisão, or Revision Press, is one of the 3.6 million people in southern Brazil who are descended from German immigrants.

"It's no accident; this is where you have Brazil's strongest German colony," said Jair Krischka, whose group here, the Movement for Justice and Human Rights, is trying to block the spread of anti-Semitic literature. Mr. Krischka and most of the movement's board and volunteers are also descendants of German immigrants.

The controversy broke out six months ago when Mr. Ellwanger presented a new line of eight titles, a mix of anti-Semitic works and a Portuguese translation of Mr. Zundel's book.

The series also included a book Mr. Ellwanger wrote four years ago titled, "Holocaust: Jewish or German?" In interviews in Brazil, the publisher said that the book was in its 28th edition and that 200,000 people had read it.

Mr. Krischka, the human rights worker, said he believed that the book publisher, a retired metal shop owner, had received outside financing.

He said the publisher had boosted sales by offering to allow the booksellers retain half the cover price, well over the 30 percent Brazilian publishers usually offer. Bookstore owners were also given 120 days to pay.

The dispute reached national prominence in August when employees of Editora Revisão traveled to Rio de Janeiro, 600 miles up the Atlantic coast from here, to set up a stand at Rio's Book Fair.

On Aug. 24, the opening day, 300 Rio Jews protested outside the stand.

Rio's state Governor, Wellington Moreira Franco, who was attending the fair, immediately ordered the police to close the stand on the ground that the books violated a Brazilian law against "sowing racism."

In September, the battle moved back to this capital of Rio Grande do Sul, where the state booksellers' association expelled Editora Revisão. Later, the city council declared Mr. Ellwanger, a native of Candelaria, a small German-Brazilian town 100 miles west of here, to be persona non grata. Arguing that those and other measures infringed his freedom of speech, Mr. Ellwanger counterattacked in the courts.

Two weeks ago, a judge here ordered the booksellers' association to reinstate Editora Revisão.

HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO?

Um esclarecimento ao país:

1. No dia 24/8/89, durante a inauguração da IV Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro, nosso stand de nº 75 foi interditado por ordem verbal do sr. WELLINGTON MOREIRA FRANCO, governador do Estado, sendo apreendidos todos os livros expostos, por terem sido considerados "nazistas" pelos manifestantes organizados pela Federação Israelita do Rio de Janeiro:

O JUDEU INTERNACIONAL, escrito em 1920 por HENRY FORD, um dos maiores industriais do Século. Esta obra, que anteriormente já havia sido editada pela Livraria do Globo de Porto Alegre, encontra-se à venda nos EEUU e na maioria dos países do mundo;

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO, um polêmico plano sionista de dominação mundial, profundamente analisado e comentado por GUSTAVO BARROSO, vários anos presidente da Academia Brasileira de Letras, fundador e diretor do Museu Histórico Nacional. Obra anteriormente editada pela Minerva;

OS CONQUISTADORES DO MUNDO — Os Verdadeiros Criminosos de Guerra, do escritor húngaro Louis Marschalko, com inéditas revelações sobre ocorrências históricas. Livro à venda nos EEUU e Europa;

HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO? Nos Bastidores da Mentira do Século em 28ª edição, de S. E. CASTAN (Siegfried Ellwanger — Castan é o nome dos avós maternos), considerado o mais completo livro revisionista sobre a II GM.

HOLOCAUST — JEWISH OR GERMAN?, edição inglesa do mesmo autor;

ACABOU O GÁS!... O FIM DE UM MITO, de S. E. CASTAN, apresentando o Relatório Leuchter, do fabricante de câmaras de gás dos EEUU, após examinar as alegadas câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Maidanek, na Polônia.

BRASIL — COLÔNIA DE BANQUEIROS, do antes citado historiador e patriota brasileiro GUSTAVO BARROSO obra com várias edições anteriores publicadas pela Civilização Brasileira;

O MASSACRE DE KATYN, de SÉRGIO OLIVEIRA, pesquisador militar brasileiro furando a história a respeito de um assassinato em massa de poloneses, fato que havia sido atribuído injustamente aos alemães durante quase meio século.

HITLER — CULPADO OU INOCENTE?, importante obra de SÉRGIO OLIVEIRA, vista por um lado inédito;

O CACHORRO — A História de Um Espião, do consagrado escritor ex-militar MARCO POLO GIORDANI, autor do livro BRASIL SEMPRE, escrito para rebater o livro BRASIL NUNCA MAIS. O primeiro livro de ficção de uma série;

A BÍBLIA em quadrinhos de SÉRGIO CASTRO DA ROCHA, gaúcho, um dos maiores desenhistas e pintores do país, apresentando histórias do Antigo Testamento, em 330 páginas de luxo a cores, uma distribuição da Revisão;

1.000 CARTAS-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS, cujo retrato ficou exposto no stand, numa homenagem à memória e data do seu suicídio há 35 anos atrás.

2. O ATO DE INTERDIÇÃO e confisco de livros foi assinado pelo Promotor de Justiça do RJ, Dr. ELIO FISCHBERG, que por acaso, conforme suas declarações, estava no local do stand. Como testemunhas assinaram os Srs. SAWERIN BLUMBERG, ALEOSANDER HEMRYK LAKS e o Dr. PAULO WAINBERG, também por acaso todos 4 sionistas.

3. Com o apoio do Sindicato Nacional dos Editores e da Câmara Brasileira do Livro entramos na Justiça com um Mandado de Segurança.

4. O stand discriminado em nossa própria Pátria e os livros confiscados em flagrante atentado à Constituição, somente foram liberados no dia 4/9/89, quando já tinha sido encerrada a Feira internacional, que foi um grande sucesso de visitação e vendas, menos para a REVISÃO, afastada do evento de forma arbitrária pelos que se consideram os donos da VERDADE HISTÓRICA.

5. Todas as ações iniciadas contra nossa Editora estão sendo solucionadas e reverterão a nosso favor em curto prazo, inclusive o título de "persona non grata" atribuído ao Sr. Siegfried Ellwanger (S. E. Castan) pela Câmara Municipal de Porto Alegre, com os votos contrários de alguns dignos representantes do povo brasileiro. A solidariedade que recebemos do Sindicato Nacional dos Editores, Câmara Brasileira do Livro, Câmara Riograndense do Livro, das Livrarias, dos leitores espalhados em vários Estados, de militares da ativa e reserva, de importante Associação de Classe, e nossa própria consciência nos indicam que estamos no caminho certo.

6. No intuito de desacreditar nossos livros, grupos poderosos nos acusam de nazistas, fascistas, racistas, de anti-semitas procurando inclusive nos ligar a movimentos no Exterior, de onde inclusive seríamos financiado. Nosso objetivo é de conferir e divulgar a História de forma justa, pois queremos a VERDADE. Se alguém encontrar algo nos nossos livros de pesquisas que não for correto, deve procurar-nos para mostrar o erro, pois não existe ninguém perfeito, para que possamos juntos examinar e estudar a dúvida.

7. Como brasileiros usaremos todos os meios legais que nos permitam reescrever a História, principalmente da II Guerra Mundial. Quem nos considerar racista comete uma grande INJUSTIÇA, pois nossa luta apenas é contra MENTIRAS e DEFORMAÇÕES constantes da História contada pelos vencedores, sem o menor interesse em saber a nacionalidade e muito menos ainda a religião dos responsáveis por essas farsas.

8. Os responsáveis pela interdição e confisco dos livros durante a Feira serão acionados e responsabilizados por despesas e lucros cessantes.

9. Dar opinião sobre nossos livros sem tê-los lido, não é nenhum sinal de inteligência.

10. Esperamos que a queima de livros efetuada na Alemanha durante o "nazismo", não se realize também no Brasil.

Porto Alegre, 7 de setembro de 1989.

REVISÃO EDITORA LTDA.

CAPÍTULO V

A CAÇADA IMPLACÁVEL

DE 1988 A 1990 ACONTECEU
DE TUDO A ELLWANGER,
INCLUSIVE UM TÍTULO
ÚNICO NO MUNDO:
PERSONA NON GRATA
NO MUNICÍPIO
DE PORTO ALEGRE

Em agosto de 1988 a Editora Revisão montou um estande na Bienal do Livro de São Paulo. Siegfried Ellwanger estava presente e atendia pessoalmente os interessados. Não houve o menor incidente. O seu livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" não vendeu o esperado. De certa forma se repetia o que já havia acontecido em Porto Alegre: o livro não atraía os leitores habituais. Mas, enquanto Ellwanger cuidava da Bienal, a Federação Israelita usava pela primeira vez da sua influência para solicitar às principais livrarias que suspendessem a venda do livro. A Livraria do Globo foi a primeira em atender à solicitação, não se limitando a tirar o livro de suas prateleiras, mas também enviando todos os exemplares que ainda estavam em seu poder para a Federação Israelita.

Nem todos os apelos da Federação foram atendidos. Algumas livrarias alegaram que tinham contratos com a Editora Revisão e que, suspendendo as vendas, teriam prejuízo. Outras pediram prazo para atender a solicitação e apenas uma, a Livraria Palmarinca, considerou o pedido absurdo e continuou a vender normalmente o livro. Mas, pouco a pouco, a pressão da Federação Israelita começou a dar resultado e, na Feira do Livro de 1988, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" era vendido em apenas dois estandes. Os principais livreiros consideravam o livro como definitivamente liquidado e aconselharam a Ellwanger a encerrar de uma vez por todas a sua curta carreira de editor. Contra ele havia uma tradição porto-alegrense: ninguém havia conseguido até então enfrentar o boicote da comunidade israelita.

A TEIMOSIA

Em fins de 1988, Siegfried Castan Ellwanger não era mais um industrial aposentado que havia resolvido escrever um livro. Os ataques que ele havia sofrido das revistas judaicas e dos seus críticos implacáveis haviam mudado radicalmente sua postura. Ellwanger era agora um cruzado. Ele já tinha vendido mais de cinqüenta mil livros, que haviam provocado uma reação inesperada em boa parte de seus leitores. Os próprios carteiros confirmam que, em 1988, a Editora Revisão recebeu mais de cem cartas por semana. Para um homem que jamais havia mantido qualquer espécie de contato com o público, era uma manifestação de apoio impresionante. Ellwanger se sentiu suficientemente respaldado para enfrentar o boicote e ampliar sua editora.

Ele passou a publicar anúncios no CORREIO DO POVO e nos jornais do interior, oferecendo seu livro pelo reembolso postal. Os anúncios não eram mais neutros e lacônicos como os do ano anterior, mas agudos e incisivos. Desta vez a comunidade israelita não se preocupou porque os editores mais experientes garantiram que o método de vendas escolhido pela Revisão não dava certo no Brasil, a não ser para livros técnicos e religiosos. Ninguém se deu conta, na época, que o livro de Ellwanger estava resvalando para essa segunda categoria. Para os especialistas, sem venda nas livrarias e sufocado por um silêncio absoluto dos meios de comunicação, o livro tinha sua sorte selada. Estava todo mundo enganado.

A RECOMPENSA

Duas coisas muito importantes aconteceram no início de 89. A primeira delas foi que o boicote, como as primeiras críticas exageradas, também saiu pela culatra. A maioria dos leitores do interior, que vinham à capital e descobriam que o livro estava proibido nas livrarias, voltavam para suas cidades com notícias alarmantes sobre o boicote. Em poucos meses, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" deixou de ser uma curiosidade, como era nos dois primeiros anos, para se tornar O Livro Perseguido. Para as regiões de colonização alemã, era o empurrão que faltava para que o livro se tornasse uma bíblia dos revisionistas.

Usando apenas o reembolso postal, o livro de Ellwanger vendeu quatro edições de dezembro de 1988 a março de 1989. Criou-se uma espécie de corrente entre seus leitores, que empurrou o livro Brasil acima, até chegar ao Nordeste, onde ele se tornou um inesperado sucesso. Sem a pressão da comunidade israelita, que é muito pequena no Ceará, ele foi discutido li-

OPINIÃO.

A Polícia Ideológica

"A primeira vítima de uma guerra é sempre a verdade"

Luiz H. Rocha

"Integrantes do Movimento Popular Anti-Racismo entregaram ontem ao coodernador das Promotorias Criminais de Porto Alegre, André Vilarinho, um dossiê de documentos que embasam seu pedido para apreensão de milhares de livros publicados pela Editora Revisão - uma gráfica gaúcha que tem se especializado em publicar obras de autores que exaltam o nazismo". Este é o lead, de notícia publicada no jornal Zero Hora, de 31 de agosto de 1989. A mesma notícia finaliza "o governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, abriu um precedente legal proibindo a venda das publicações da Editora Revisão num estande da Bienal do Livro".

Na verdade, o precedente que no entender do redator é legal, não é nada legal. O que está acontecendo realmente, é que novamente, interesses de poucos, mas poderosos, vem a tolher a liberdade, o valor o mais incrível de tudo: A LIBERDADE DE EXPRESSÃO. É incontestável o valor histórico/cultural dos títulos publicados pela dita Editora, cujo editor é pessoa também de idoneidade incontestável.

O que caracteriza estas ações, sejam elas de quem forem, mas sempre apoiado pelos meios sionistas (do qual não se exclue a nossa Zero Hora, a Manchete, e outros) é o policiamento ideológico. Isto sim, abre precedentes sem fim para que futuramente, toda e qualquer coisa que não agradar a certos grupos, serem tolhidas. A história precisa da Revisão, há muito que por em pratos limpos e urgentemente, para que mais uma geração não caia no conto dos aliados, e na sua história oficialesca. É preciso rever, não importa que seja a história da Alemanha, pois isto, daí vai abrir precedentes para revermos nossa história, nossas forças ocultas que derrubam presidentes, nossa revolução e até nossas guerras, como a do Paraguai. Desta, a história caiu no ridículo já faz tempo, mas não houve ainda historiadores e/ou editores com o peito suficiente para bancarem a versão verdadeira. Que faria o exército Brasileiro ao ver o seu patrono desmistificado, vendo impressas as estratégias que atentavam, e poderiam ser classificadas também, como crimes contra a humanidade, tal qual envenenar águas dos rios para forçar o inimigo a retirada, ou o massacre inclusive sobre a população civil e brasileira de Uruguaiana, ao expulsarem os paraguaios?

Se a história é realmente verdadeira, não há porque não ser revista permanentemente. Temos que jogar luz sobre o passado. A história de uma guerra, depois de vencida é feita de mentiras pelos vencedores, pois tem estes de encobrir suas barbaridades, de preferência exaltando os erros dos outros. O Nazismo foi o movimento certo, na Alemanha que estava errada. Havia nele preceitos racistas, mas profundamente necessários num País onde o estrangeiro espoliava seus bens dia-a-dia, e o povo padecia da miséria (isto não lembra outro País?), o que transformou "preceitos racistas" em "preceitos nacionalistas". É inegável o valor do nacional-socialismo, visto que a Alemanha de inflações astronômicas voltou ao desenvolvimento acelerado e principalmente ao bem estar do povo. É certo que nenhuma ditadura é boa, pois acaba nisto que fazem aqui, liberdade de expressão cerceada.

O governador Moreira Franco usou meios de artefatos da ditadura para proibir a Editora Revisão de comercializar seus livros na Bienal do Livro no Rio de Janeiro. E certamente, não foi só a Editora prejudicada e sim todos nós, nos na medida que nos escondem, mesmo que não seja a verdade no entender de alguns, a outra versão, a liberdade que é direito universal do homem, a liberdade de pensamento e de expressar estes pensamentos.

Quanto ao fato de ser literatura de tendência racista, um dos movimentos que assinam o pedido mencionado no início desta, é o Movimento Negro, movimento que no nome já é dito, é de negros, e só de negros. As sinagogas por acaso, são abertas aos não-judeus? Qual é o bairro italiano em Porto alegre? Qual é o bairro negro em Porto Alegre? É claro que não existem. Mas, qual é o bairro judeu? Bem, fim da questão racial.

Enfim, o precedente que isto abre é de futuramente sermos tolhidos em nossa informação, censurado. Imagino, agora a meu lado um revisor (pago com o dinheiro também oficial) a riscar minha inusitada crônica, e o povo continuando a viver na falsa luz da história oficialesca...

Luiz Rocha é Produtor Gráfico e Editor do Jornal O Investidor.

vremente nos jornais de Fortaleza e foi para a lista dos mais vendidos. A segunda coisa muito importante que aconteceu foi Ellwanger ter descoberto que havia um público fiel e numeroso, ávido por livros semelhantes ao seu.

O REVISIONISMO

Quando escreveu seu livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", Ellwanger não tinha a menor noção de revisionismo. Ele se julgava o único descobridor da verdade e foi com essa ingenuidade que escreveu apressadamente seu livro. Foram seus leitores que o puseram em contato com os movimentos revisionistas, enviando-lhe catálogos e recortes de jornais e revistas dos Estados Unidos e da Europa. Nem todos esses movimentos são de direita ou pertencem a grupos neonazistas. Acontece que até hoje não foi firmada a paz entre os aliados e a Alemanha e, para todos os efeitos, ela continua sendo um país ocupado. A discussão de atos aliados é terminantemente proibida e todos os livros que contestem a versão oficial dos vencedores são proibidos por lei na Alemanha.

Há dez anos, no entanto, que várias "atrocidades alemãs" estão sendo contestadas. O caso mais recente é o famoso Massacre de Katyn. Os oficiais alemães sempre negaram a autoria desse massacre, onde 3 mil oficiais poloneses foram friamente fuzilados. Só depois da Perestroika de Gorbatchev os russos admitiram que foram eles os responsáveis. Na medida em que o tempo passa, as revisões serão inevitáveis, porque toda guerra tem dois lados e não se pode crer cegamente na versão dos vencedores. Também era inevitável que as revisões atingissem o holocausto, porque as cifras variam e nunca houve um relatório final sobre o caso.

Existem milhares de livros sobre o assunto e a maioria deles é publicada nos Estados Unidos, sem que haja a menor reação da comunidade judaica. Quando Ellwanger descobriu que não era um caso isolado, como ele se julgava no início, mas apenas um dos milhares que se propõem a revisar a história dos vencedores, suas ambições se tornaram bem maiores. Ele decidiu fazer da Editora Revisão a vanguarda brasileira do movimento revisionista. Ao invés de recuar, como lhe aconselharam, partiu para o ataque. Editou um livro que contestava a existência das câmaras da gás.

A PROVOCAÇÃO

Ernest Zündel é um autor canadense que há vários anos defende a revisão da história oficial sobre a Alemanha. Em 1988 ele foi acusado de **intolerância racial**, porque escreveu um livro

negando a existência das câmaras de gás. Na sua defesa, Zündel apresentou um relatório do engenheiro americano Fred Leuchter Jr. sobre os campos de concentração de Auschwitz, Birkenau e Majdanek. O relatório de Leuchter provocou sensação na imprensa americana e européia,porque negava a existência de câmaras de gás nos três campos visitados.

Leuchter é um especialista no assunto, porque constrói câmaras de gás para vários estados americanos onde existe a pena de morte. Seu relatório não salvou Zündel da condenação, mas é usado até hoje pelos revisionistas europeus de direita.

Foi esse relatório que Ellwanger publicou, com comentários seus, sob o título de "ACABOU O GÁS!... O FIM DE UM MITO". A coletividade israelita decidiu não repetir os erros de anos anteriores e se manteve em silêncio. Mas insistiu no boicote.O livro, como era de esperar,vendeu bem e abriu caminho para uma nova edição: "OS CONQUISTADORES DO MUNDO- OS VERDADEIROS CRIMINOSOS DE GUERRA",do escritor húngaro Louis Marschalko, que não foi tão bem sucedido. A quarta experiência de Ellwanger como editor também não teve a repercusão que ele esperava.Era uma reedição de Gustavo Barroso, um dos mais conhecidos autores integralistas do País: "BRASIL; COLÔNIA DE BANQUEIROS"

A GUERRA

Até então Ellwanger havia se mantido extremamente cauteloso com os judeus. Ele se dizia (e ainda se diz) apenas anti-sionista, refutando veementemente todas as acusações de anti-semitismo. Mas, repentinamente, em julho de 1989,ele abandona qualquer cautela e edita o livro mais anti-semita de todos os tempos: "OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO". A edição contém ainda comentários de Gustavo Barroso, que foi, provávelmente,o anti-semita mais notório do Brasil. O livro não foi o sucesso que dizem, mas vendeu bem dentro dos leitores mais anti-semitas do "HOLOCAUSTO;...".

Ellwanger,no entanto, não estava fazendo nenhuma novidade. Sempre existiram edições dos famosos "PROTOCOLOS...", que circulam discretamente pelas livrarias. Nos sebos de Porto Alegre ainda podem ser encontrados exemplares de uma edição da Eliseo, lançada em 1972, que andou pelas vitrines das livrarias e pelos estandes da Feira do Livro sem provocar protestos de ninguém.A edição de Ellwanger enfureceu a coletividade israelita, porque já existia claramente definida uma situação de confronto. Para mal dos pecados, quase simultaneamente, Ellwanger lança o controvertido livro de Henry Ford "O JUDEU INTERNACIONAL",criando um tumulto nacional.

A MOÇÃO

Em 2 de agosto de 1989, o vereador Flávio Koutzii, do PT, pede que a Câmara Municipal vote uma moção de repúdio ao engenheiro Siegfried Ellwanger e que o considere oficialmente **persona non grata** no município de Porto Alegre. Apesar de inconstitucional e absurdo, o pedido foi aprovado e imediatamente caiu no ridículo. O vereador João Dib perguntou como a Câmara Municipal pretendia entregar o título a Ellwanger, Janer Cristaldo considerou a proposta imbecil e a causa começou a se tornar impopular.

Mas, naquela altura, os elementos mais radicais da coletividade israelita estavam fora de si e viam atrás de Ellwanger um vasto movimento nazista que precisava ser combatido a qualquer custo. Pela primeira vez, desde que havia começado a confrontação, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul liderou a mobilização das entidades e oficializou o boicote aos livros da Revisão, enviando ofícios a todas as livrarias. Começaram as batalhas judiciais e Ellwanger, mais uma vez, teve munição de sobra para as notas que publicava no CORREIO DO POVO.

O DESPROPÓSITO

No dia 10 de agosto de 1989 a Associação Riograndense de imprensa oficiava ao Ministro da Justiça, exigindo que a Polícia Federal investigasse a Editora Revisão. Era o início de uma série de medidas insensatas que terminariam causando um efeito exatamente contrário ao pretendido. No dia 16 de agosto, a Associação Gaúcha de Escritores, pela palavra do seu presidente, Luiz Antônio Assis Brasil, exigia da Câmara Riograndense do Livro que expulsasse dos seus quadros a Editora Revisão. A Câmara prontamente atendeu o pedido, sem pensar na sua ilegalidade. Ellwanger recorreu à Justiça e foi reintegrado.

Mas a grande batalha foi travada na IV Bienal do Livro do Rio de Janeiro, no dia 24 de agosto de 1989. Mais de trezentos membros da coletividade israelita carioca realizaram uma demonstração na frente do estande da Editora Revisão, que culminou com a apreensão de todos os livros, por ordem do governador Moreira Franco. O estande foi interditado por ordem do promotor Hélio Fishberg, e a polícia, surpreendentemente, arrolou como testemunhas: Sawerin Blumberg, Aleqsander Laks e Paulo Wainberg, que participavam das demonstrações. O advogado Paulo Wainberg, por sinal, dois anos antes havia se pronunciado contra a censura ou a apreensão do livro de Ellwanger, o que demonstra como os ânimos haviam mudado.

O DUELO

Era evidente que Ellwanger tiraria partido da interdição. Primeiro ele recorreu à Justiça, que considerou o ato do promotor Hélio Fishberg ilegal e garantiu seus direitos. Depois, ele publicou uma extensa nota no CORREIO DO POVO denunciando o fato como uma manobra sionista para impedir a venda de seus livros. Desta vez as posições se inverteram e foi a Federação Israelita do Rio Grande do Sul que teve que responder a Ellwanger. Após os acontecimentos do Rio, ela estava em evidente desvantagem, porque Ellwanger havia aceitado prazeirosamente o papel de vítima. Para neutralizar sua posição, a Federação Israelita buscou o apoio do "Movimento Popular Anti-Racismo" e do Movimento de Justiça de Direitos Humanos, que assinaram com ela uma nota de resposta a Ellwanger, intitulada: **Por um mundo melhor: holocausto nunca mais.**

Foi a mais infeliz das notas publicadas. Primeiro, porque admitia publicamente que a Federação Israelita estava lutando pela apreensão dos livros da Editora Revisão. Segundo, porque conferia a Siegfried Ellwanger uma importância que até então ele não possuía. Terceiro, porque defendeu a apreensão dos livros, feita no Rio, com base na Lei 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, que foi promulgada pelos regimes militares para implantar a censura de livros e peças de teatro no Brasil. Era um deslize imperdoável para quem pretendia falar em nome da democracia e dos Direitos Humanos. Mas havia uma paranóia generalizada na época, que abafava todas as vozes sensatas da comunidade israelita, que não concordavam com essa posição radical.

Ellwanger mais uma vez apanhou a oportunidade com as duas mãos e publicou um novo **Esclarecimento ao País**, onde anunciava orgulhosamente o lançamento da 29ª edição de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", que ultrapassava assim a casa dos 100 mil exemplares. A primeira conseqüência dessa troca de notas foi o aquecimento das vendas de "ACABOU O GÁS-O FIM DE UM MITO", que tirou mais três edições até o fim do ano. Mas suas grandes vitórias aconteceram na Justiça, onde Ellwanger venceu todas as ações movidas contra ele.

A CONSAGRAÇÃO

De agosto a novembro, as lideranças judaicas, junto com o Movimento de Justiça e Direitos Humanos, lançaram uma campanha nacional contra o que chamavam de **ressurgimento do nazismo.**

Como não havia nenhum ressurgimento, nos debates de televisão do Centro do País apareceram figuras patéticas se dizendo membros do Partido Nacional-Socialis-

ta Brasileiro e defendendo a inteligência de Hitler. Na Câmara de Vereadores do Rio, a atriz e vereadora Neusa Amaral, ela também judia, aderiu à insensatez geral e declarou dramaticamente:

"-Se os nazistas estão se organizando, que se cuidem, porque nós, os judeus, já estamos organizados".

Mas a consagração definitiva de Ellwanger aconteceu no dia 10 de dezembro, quando ele virou manchete do THE NEW YORK TIMES: **Books from a pro-nazi publisher cause an uproar in Brazil"**, ou seja:

"Livros de um editor pronazista causam tumultos no Brasil".

Jair Krischke, dos Direitos Humanos, entrava atabalhoadamente na discussão, declarando que a publicação dos livros em nosso Estado não era um acidente, porque "possuímos a mais forte colônia alemã do Brasil". Mas sua pior tolice foi declarar para o NEW YORK TIMES que Ellwanger recebia auxílio do exterior para publicar seus livros. A reportagem não teve a menor repercussão no Exterior. Querendo ou não, ele havia se tornado um membro influente do movimento revisionista.

O FENÔMENO

"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", atualmente em sua 29ª edição, é um fenômeno. Todos os demais livros publicados pela Editora Revisão vendem regularmente, alguns vendem bem, como "ACABOU O GÁS!...", outros vendem mal, como as obras de Gustavo Barroso. Mas "HOLOCAUSTO;..." é um milagre. A última edição é bem diferente da primeira, embora seja igual em essência. Com o passar do tempo, Ellwanger fez várias revisões no texto e melhorou o estilo, que realmente não era bom. Mas não é por isso que o livro resiste a todas as perseguições e continua vendendo, com ou sem publicidade.

Só fomos descobrir o segredo de Ellwanger quando entrevistamos 100 de seus leitores. Foi uma descoberta tão inesperada que, antes de passá-la aos leitores do **RS**, achamos melhor entrevistar o próprio Siegfried Ellwanger. Ele não é mais o pacato industrial aposentado que um dia resolveu escrever um livro sobre o que viu na Alemanha. Quatro anos de lutas, críticas implacáveis e perseguições o transformaram num homem cauteloso e desconfiado. As acusações mirabolantes que o faziam rir nos primeiros anos, agora o enchem de revolta. Especialmente levando em conta que as declarações de renda de sua Editora são constantemente esmiuçadas e que bastaria uma consulta ao Ministério da Fazenda para descobrir a origem do seu dinheiro.

Com toda razão, Ellwanger não confia na grande imprensa. Ele não aceita debates, não concede entrevistas para rádio ou televi-

são e não faz conferências.Apesar de reconhecer que pela primeira vez está sendo tratado com justiça e que nossas reportagens são absolutamente imparciais, ele somente concordou em responder às nossas perguntas por escrito.Suas respostas sempre são longas, mas revelam, sem disfarces, as suas idéias e seus pontos de vista. Elas servem para conhecer o homem e o autor, mas, de modo muito especial,permitem que todas as fantasias a seu respeito sejam postas de lado. Depois dela, então, encerrando esta série, publicaremos o Segredo de Siegfried Ellwanger.

***

PUBLICADO NO Nº 222 DO JORNAL **RS** DE 15 DE DEZEMBRO DE 1990.

Cartas:

MENTIRAS INGLESAS

JERÔNIMO SCARTON,POA:

"Acompanho com vivo interesse as reportagens sobre o livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" porque, como neto de italianos, vivenciei a guerra dentro de minha própria casa.Tempo de guerra, dizia meu avô,mais mentira do que terra. Por que a Segunda Guerra Mundial haveria de ser diferente, não é mesmo? No entanto,continuamos a crer em todas as mentiras que ingleses, franceses, russos e americanos espalharam sobre a Itália e a Alemanha. A propósito, envio aos senhores um xerox de uma notícia publicada no JORNAL DO BRASIL, do dia 24 de setembro de 1989,onde o correspondente Rosental Calmon Alves comenta uma reportagem do WASHINGTON POST sobre o livro 'AN ACCOUNT OF SECRET ACTIVITIES IN THE WESTERN HEMISPHERE'.Trata-se de um relatório, como diz o título,sobre as atividades secretas dos ingleses no Hemisfério Sul durante a guerra.Uma dessas 'atividades'espalhava mentiras nos jornais americanos do Norte e do Sul sobre 'atrocidades' nazistas. Uma delas nos interessa particularmente:em 1942 os ingleses espalharam o boato de que os submarinos alemães haviam afundado um navio brasileiro a 300 milhas de Porto Rico. O 'afundamento'visava lançar a opinião pública brasileira contra a Alemanha. Para que se tenha uma idéia de como são as coisas em tempo de guerra, o JORNAL DO BRASIL reproduz as notícias do 'torpedeamento'que ele mesmo publicou em 1942. Como os senhores podem ver no xerox, o afundamento-fantasma se transformou em dois.Segundo o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o navio 'afundado' chamava-se **Pedrinhas**; segundo o Loide Brasileiro era o **Alegrete.** É escusado dizer que nunca houve o afundamento,

negado sempre pelos alemães. Não tenho opinião formada sobre o problema do famoso Holocausto, mas acho que essa notícia prova que ainda não foi contada **toda** a história da Segunda Guerra Mundial.

Os senhores estão contribuindo com essas reportagens para que, pelo menos, os fatos sejam repensados friamente."

. . . .

RS: Infelizmente não temos espaço para reproduzir a notícia no seu tamanho original. Mas, com ajuda de uma lupa, os nossos leitores poderão ler o que o JORNAL DO BRASIL publicou. O avô do Jerônimo tinha razão: em tempo de guerra, há realmente mais mentira do que terra.

***



ESCLARECIMENTO AO PAÍS Nº 2

CONTRA A ESTUPIDEZ, ATÉ OS DEUSES VACILAM.

(Goethe)

RESPOSTA à NOTA publicada no dia 10/9, assinada pela Federação Israelita do RGS, atrás de um Movimento de Justiça e Direitos Humanos e surpreendentemente também de um Movimento Popular "Anti-Racista", que possivelmente ignoram a Resolução 3379, de 10/11/75, da Organização das Nações Unidas, que determinou que o SIONISMO é uma forma de racismo e discriminação racial! Essa NOTA segue a mesma linha dos que deformaram os acontecimentos da II GM:

1. A Federação estrangeira afirma que a "história" que conhecemos anteriormente aos livros da Revisão, é INDESMENTÍVEL! Estamos, portanto, contra os DONOS DA VERDADE... Quem, de forma arbitrária, pretende impedir que o indesmentível seja pesquisado e revelado, no mínimo torna-se SUSPEITO, pois "quem não deve, não teme".

2. Sobre Henry Ford, esqueceram de citar o que aconteceu para que esse autor de "O Judeu Internacional" levasse 7 anos para "retratar-se".

3. Leiam o Capítulo XII, à pg. 113, da obra de Gustavo Barroso, analisando os chamados "Protocolos dos Sábios de Sião", onde temos o seguinte: "Nós lhe poremos sela e fortes rédeas, fazendo o mesmo com todas as obras impressas, pois de que serviria nos desembaraçarmos da imprensa, se servíssemos de alvo à brochura e ao livro?" Caçando e discriminando nossos livros, a Federação estrangeira está pretendendo cumprir o "apócrifo" plano? À pg. 61 do mesmo livro consta a notícia de que o Tribunal Suíço de Apelação Criminal anulou, no dia 1/11/37, a decisão de Berna que publicaram na NOTA... Por motivo das folhas, contendo os planos de dominação mundial, não terem sido assinadas, a NOTA os taxa de "fraude literária"... Dentro desse raciocínio ficamos preocupados pois na Bíblia em quadrinhos, justamente o Velho Testamento, que nossa Editora distribui, também não consta o nome do autor.

4. Quando ao "Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século", considerada a melhor obra revisionista sobre a II GM, informamos que entrou na 29ª edição. Lembramos que não é nossa Editora que, há mais de 50 anos, promove Hitler e o Nacional-Socialismo alemão, nas telas e nos livros. Como pesquisadores, estaríamos conspirando contra a História e a Dignidade, caso não publicássemos o que descobrimos a respeito nestes longos anos.

5. No livro "Acabou o Gás!... O Fim de Um Mito", a partir da 2ª edição, consta uma interessante troca de correspondência entre S. E. Castan e o governo polonês – são 5 cartas, onde esse governo nega a permissão para a ida de uma Missão Científica Brasileira, incluindo Deputado Federal e Oficial Superior do Exército, para fazer exames nas alegadas câmaras de gás. Preferiram manter a lenda. A NOTA "omitiu" também que o tal "engenheiro americano" que fez o Relatório Técnico é, nada mais nada menos, o projetista e fabricante das câmaras de gás dos EE.UU., único país do mundo que usou e continua usando este sistema para eliminar os condenados à morte.

6. Os livros considerados como contendo "teses delirantes", são os seguintes: Os Conquistadores do Mundo – Os Verdadeiros Criminosos de Guerra, Hitler Culpado ou Inocente?, O Massacre de Katyn, Brasil – Colônia de Banqueiros, a Bíblia em quadrinhos, O Cachorro – A História de Um Espião. Nosso último lançamento intitula-se "CARTA AO PAPA", de León Degrelle, comandante das forças belgas que lutaram ao lado dos alemães, enviada a João Paulo II antes de sua visita a Auschwitz.

7. Para cada Entidade que os apressados elementos da Federação estrangeira pretendem de alguma forma colocar contra nossa Editora, Entidades cujos membros provavelmente ainda nem leram nossos livros, recebemos milhares de cartas de apoio de pessoas que leram e releram os mesmos, centenas dos quais se transformaram em verdadeiros pesquisadores, pelo vasto campo existente.

8. A NOTA nos acusa de "corromper" a natureza dos fatos, quando noticiamos que nosso stand foi interditado por ordem verbal do Exmo. Sr. Governador do RJ. Para comprovar nossa afirmação, estamos enviando separadamente, à Diretoria do Correio do Povo, Zero Hora, Jornal do Comércio e Jornal do Jockmann RS, uma cópia do Edital de Interdição e do Registro de Ocorrência Policial!

9. Somos acusados de escrever títulos contra os judeus. Como pesquisadores, apenas nos posicionamos contra um grupo de escritores sionistas que, durante 50 anos, no intuito de faturar e também ajudar Israel, cometeram o erro de escreverem histórias, transformadas em livros e filmes, que não se sustentam mais. Não os condenamos por esse motivo, apenas não a aceitamos.

Cópias: Presidente José Sarney, Ministros, Autoridades civis e militares, Partidos Políticos e Imprensa.

Porto Alegre, 19 de setembro de 1989.

SALVE O DIA DA BANDEIRA!

REVISÃO EDITORA LTDA.
(a) Siegfried Ellwanger
(S. E. Castan)

CAPÍTULO VI

A PRIMEIRA ENTREVISTA COM ELLWANGER

(1ª PARTE)

O DISCUTIDO AUTOR DE
"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"
É UM HOMEM DE MEIA IDADE, ALEGRE
E BONACHÃO, QUE CONTA COM TODA
FRANQUEZA COMO SE ACHOU NA OBRIGAÇÃO
DE REVISAR A HISTÓRIA E ESCREVER
UM LIVRO QUE ENFURECEU A COLETIVIDADE
ISRAELITA DE TODO O PAÍS.

Siegfried Castan Ellwanger poderia posar para qualquer anúncio de uma Oktober Fest. Ele é um típico alemão de meia idade, alto, gordo, bonachão. Não há nada na sua aparência que denuncie o soldado das causas ingratas ou o cruzado da revisão histórica. Já que estamos em tempos de Natal, Ellwanger, com uma boa barba branca, daria um excelente Papai Noel. Também não há nada na sua prosaica biografia que faça prever o autor controvertido ou o anti-sionista feroz dos dias atuais. Ellwanger foi um estudante pacato, um engenheiro competente e um industrial bem-sucedido. Fez um mau casamento, que corrigiu com um segundo tranqüilo, o que o torna ainda mais típico. Apenas um pequeno detalhe de sua vida destoa da maioria dos homems da sua geração. Numa época em que a Esquerda não era recomendável para jovens ambiciosos, Ellwanger foi membro do Partido Socialista Brasileiro.

-Éramos muito poucos descendentes de alemães naquela época no PSB-lembra Jockymann.-O Bonow, pai do atual deputado, o Burmeister, o Schirmer, que nunca comparecia às reuniões, o Ellwanger e eu. Mas nenhum de nós se orgulhava disso. Quando alguns membros do DROR, que era uma juventude socialista judaica, entraram para o Partido Socialista, não me lembro de ter ouvido alguém reclamar. Muito pelo contrário, muitos de nós participamos da campanha do Isaac Seminovitch, um brilhante advogado judeu que só por meia dúzia de votos não conseguiu se eleger vereador. O Ellwanger era um rapaz muito quieto e só me lembro de uma intervenção sua, quando discutíamos a Campanha da

Paz. Por sinal, ele votou com os comunistas. Tudo isso aí por cinqüenta e pouca coisa.

Trinta anos depois, Jockymann se surpreendeu quando Ellwanger visitou o **RS** e lhe disse que era S.E.Castan, o autor controvertido de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?".

-Se me dissessem -diz Jockymann- que o Gildo Milman, que também foi do PSB, havia entrado para o Partido Nazista, a minha surpresa não seria maior. Antes que Ellwanger abrisse a boca, eu já lhe pedi uma entrevista.

A entrevista foi negada. O livro estava há apenas treze meses nas livrarias e Ellwanger não julgava conveniente revelar publicamente a verdadeira identidade de S.E.Castan. Mas desde então ficou a promessa:

-A primeira entrevista será para vocês.

Quatro anos depois, Ellwanger cumpre sua promesa.

A ENTREVISTA

Siegfried Ellwanger não confia na imprensa e tem bons motivos para isso. Desde o primeiro momento que ele foi tratado como um criminoso de guerra. A gravação de suas primeiras declarações, que ele guarda religiosamente, provam que suas palavras são sistematicamente distorcidas. Nunca se tentou compreender o homem ou descobrir a razão da mudança radical de sua vida. Nunca se tentou entender por que um jovem socialista de cinqüenta se tornou um anti-sionista de oitenta. Ellwanger não é um caso isolado, mas apenas um dos tantos descendentes de alemães empenhados em revisar a história da Segunda Guerra. Mesmo que se discorde dele é preciso ouvir suas razões e examinar seus motivos.

Ellwanger não concede entrevistas gravadas nem participa de debates. Não faz isso por ter dificuldades de se expressar. Muito pelo contrário. Ellwanger fala melhor do que escreve e possui uma memória prodigiosa para fatos e datas. O problema, que custamos a entender, é que ele considera a revisão da História um assunto seríssimo. Ellwanger teme que na entrevista ou no debate lhe escape um detalhe ou uma informação importante.

-Eu preciso ter muito cuidado nas respostas- diz ele -porque não quero repetir mentiras ou informações falsas.

Por isso também suas respostas são longas e, com a sua permissão, tomamos a liberdade de tornar algumas mais concisas.

Fizemos três séries de perguntas. Na primeira série, Ellwanger respondeu as perguntas básicas e levou duas semanas nessa atividade. Quando recebemos as primeiras respostas, achamos que alguns assuntos continuavam pouco claros e fizemos mais três pergun-

tas, que Ellwanger respondeu uma semana depois. Mesmo assim, achamos que faltavam alguns detalhes que nos pareceram importantes e insistimos em fazer duas novas perguntas, que Ellwanger, desta vez, levou apenas três dias para responder. Antes de passarmos às perguntas e respostas, queremos passar aos nossos leitores uma informação que achamos vital para que Siegfried Castan Ellwanger seja entendido: sua guerra, justa ou injusta, é guerra de um homem só.

Investigamos Ellwanger por três meses. Depois examinamos todas suas declarações de Imposto de Renda e a contabilidade da Editora Revisão. Falamos com seus amigos e vizinhos, contatamos com impressores, distribuidores e livreiros. Ellwanger financiou a impressão com dinheiro próprio. Não há ninguém por trás dele, nem amigos, nem organizações, nem partidos, nem governos estrangeiros ou associações de qualquer espécie. Para o bem ou para o mal, ele começou sozinho. Duvidar disso foi o maior erro dos seus críticos e o engano foi uma das razões do sucesso de seus livros.

O MOTIVO

PERGUNTA: Sr. Siegfried Castan Ellwanger, nossas pesquisas mostraram que até 1986 o senhor jamais publicou um livro, um artigo ou sequer uma linha sobre qualquer coisa. O senhor era um técnico típico, um homem prático. O que o levou repentinamente a começar a escrever e publicar um livro tão controvertido?

RESPOSTA: Na segunda visita que fiz ao campo de concentração de Auschwitz, uma forte chuva me separou dos demais turistas e me permitiu visitar dois pavilhões não preparados para visitação. Não vi nada que me fizesse acreditar que Auschwitz era, como eles diziam, "uma fábrica de morte". Apesar de nunca ter acreditado que o número de vítimas chegava a 11 milhões, como diziam alguns, eu naquela época ainda pensava que Auschwitz era um campo de extermínio e que as atrocidades tinham realmente existido. Quando descobri com meus próprios olhos, que nada do que diziam existia, minha primeira reação foi de espanto. Eu não conseguia acreditar que alguém fosse capaz de preparar uma tamanha farsa. Depois fiquei tomado por uma intensa alegria e pensei que eu era o primeiro homem do mundo a saber da verdade. Cheguei à conclusão que eu tinha que botar a boca no trombone é contar tudo o que eu havia descoberto. Eu ignorava completamente que já existiam livros alemães, franceses, ingleses e norte-americanos denunciando as mentiras que enchiam o mundo.

P: O senhor fala como se existisse uma conspiração internacional contra a Alemanha. Será que na verdade não era uma campanha mundial contra o nazismo?

R: Durante décadas, os filmes americanos mostravam os índios como criminosos.Durante a guerra,os criminosos passaram a ser os japoneses. O povo soviético era herói enquanto estava ao lado dos aliados,depois da guerra passou a ser o grande inimigo. Nada porém se iguala à nefasta propaganda contra o povo alemão,que teve início vários anos antes da Segunda Guerra e que prossegue inalterada ainda agora, apesar da unificação, quarenta e cinco anos depois do término do conflito. Talvez por não ter sido assinado o Tratado de Paz, a Alemanha continua ocupada por 800 mil soldados "aliados".A propaganda anti-alemã contou inclusive com a participação dos mestres de Hollywood. Foi Alfred Hitchcock quem filmou os cadáveres de mortos por epidemias de tifo como se fossem vítimas do nazismo.Foi um impacto mundial. Na época também se falava que os alemães faziam sabão de judeus mortos. Essa massa de propaganda foi tão grande que hoje é raro encontrar pessoas que não associem os alemães ao assassinato de judeus nas câmaras de gás. Visitei duas vezes os campos de concentração de Auschwitz e Dachau. Não encontrei nada lá que confirmasse a propaganda dos aliados. Talvez o que tenha me resolvido mesmo a escrever o livro foi ter lido "O MITO DE AUSCHWITZ", escrito pelo jurista alemão Wilhelm Stäglich,que um amigo me enviou logo depois de eu ter regresado ao Brasil.

P: Por que o senhor escolheu o título:"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"...?

R: Antes de começar a escrever o livro, eu já tinha seu título pronto: "A MENTIRA DO SÉCULO". Mas achei que era insuficiente porque não identificava a mentira.Resolvi então escolher "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO? - NOS BASTIDORES DA MENTIRA DO SÉCULO", o que não deixava dúvidas sobre o conteúdo.

P: O senhor jamais havia escrito um livro e portanto não tinha experiência. Como foi a primeira tentativa?

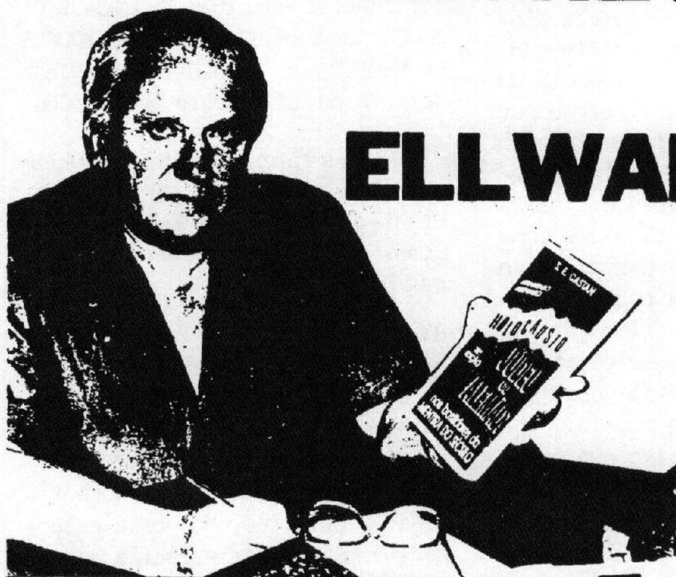
R: Foi um trabalho estafante que normalmente me ocupava até uma da madrugada. Era necessário pesquisar cada assunto e durante essa pesquisa apareciam outros fatos que também mereciam comentários. Depois, eu não podia estender-me muito,pois acabaria escrevendo um livro muito volumoso, de custo elevado e de vendagem difícil. Levei aproximadamente cinco meses, de tempo integral,para completar o livro.

RS O JORNAL DO JOCKYMANN

ANO 5 • Nº 223 • PORTO ALEGRE • Dezembro 22/23 • 1990 • Preço: Cr$ 100,00

EXCLUSIVO

A PRIMEIRA ENTREVISTA DE ELLWANGER



O autor do livro mais perseguido do Brasil

JOCKYMANN E A CASSAÇÃO

A DECEPÇÃO

P:Mesmo os escritores consagrados, com raríssimas exceções, têm dificuldades para encontrar um editor para seus livros. O "HOLOCAUSTO;...", além de ser o livro de um estreante, era também um livro controvertido.Como o senhor foi recebido pelos editores?

R: Eu mal tinha acabado de escrever o livro, mandei tirar uma cópia e, muito feliz por ter concluído o trabalho, fui procurar o pessoal da livraria Palmarinca, que alguns amigos haviam me recomendado. Foram muito atenciosos, pediram duas semanas para ler o livro. Aguardei curioso a sua opinião, que se transformou na minha primeira decepção. O livro foi considerado muito interessante e surpreendente, porém o mercado de livros estava em crise e eles acharam que era melhor que eu procurasse uma editora do Rio ou São Paulo, que pudesse financiar a obra. Procurei então a L&PM, que, ciente do conteúdo, pediu de quatro a seis meses para examinar a obra e então decidir. Foi a segunda decepção.

Agradeci mas não deixei o livro. Fui falar então com o sr. Ortiz da Editora Tchê, que também me pediu três meses de prazo para examinar o livro,que depois seria julgado por uma comissão editorial. Foi a terceira decepção. No mesmo dia, no centro,encontrei um antigo funcionário da minha firma,que estava tirando orçamentos para imprimir um pequeno romance policial de sua autoria. Foi ele que me recomendou a Gráfica Pallotti. Dependendo do preço,ele achou que eu devia editar o livro por minha conta. Fiz o contato. Acertamos o preço,condições de pagamento,prazos e outros detalhes. Encomendei 5 mil livros para a primeira edição. Isso aconteceu em setembro de 1986. O livro deveria ser entregue em dezembro, antes do Natal. Escolhi uma capa de impacto e tive o cuidado de escolher um tipo de letras grandes para facilitar a leitura.

O PSEUDÔNIMO

P: O pseudônimo que o senhor escolheu, Castan, têm provocado grandes discussões. O senhor inclusive foi acusado de ter escolhido um nome judaico.

R: Absolutamente. Quando escrevi o livro, achei que ele não teria grande aceitação no Brasil, mas sim nos países de língua espanhola.Por isso optei pelo nome de S. E.Castan, usando o nome de meu avô materno, que era francês. Achei que seria mais fácil de ser pronunciado em espanhol. Fiz apenas uma inversão do meu nome.Ao invés

de Siegfried Ellwanger, adotei Siegfried Ellwanger Castan, ou seja, S.E.Castan; esse fato foi aproveitado pelos sionistas, que me acusaram de estar me escondendo sob um pseudônimo. Quanto ao Castan, eu nem sabia da existência de nenhum Nelson Castan. Não inventei o nome, eu o herdei do meu avô.

A DISTRIBUIÇÃO

P: Um dos motivos que levaram seus críticos a suspeitar que o senhor possuía ligações com movimentos políticos foi o fato do seu livro não ter sido distribuido por nenhuma empresa nacional. Por que o senhor fez sozinho a distribuição? Foi boicote das distribuidoras ou tática de vendas?

R: Nem uma coisa nem a outra. Quando procurei as distribuidoras fiquei apavorado com a comissão que elas me solicitavam para distribuir meu livro. Chegam a pedir 60% sobre o preço de capa. Como sempre fui um bom vendedor, resolvi enfrentar com mais três parentes a distribuição. Afinal, tive que gastar muito dinheiro para ver meu livro impresso e tinha agora que procurar vendê-lo para não ter um prejuízo muito grande.

O LANÇAMENTO

P: A coletividade israelita, através de suas lideranças, já o acusou várias vezes de ter lançado seu livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" em Capão da Canoa com o intuito de provocar os judeus. Isso é verdade?

R: Foi uma santa ingenuidade, mas, para usar o termo certo, foi burrice. Eu imaginei que os descendentes de Israel, que veraneiam em grande quantidade naquela praia; comprariam meu livro que nem água, para saber por que eu considerava o assassinato de seis milhões de judeus como a mentira do século. Foi desconhecimento total da realidade. A Pallotti não terminou o livro em dezembro e nem em janeiro, mas somente na primeira semana de fevereiro. Achei que devia fazer um lançamento que chamasse a atenção do público. Para isso acertei a venda exclusiva com a Livraria Seleta.

Acertei a propaganda, bem vistosa, no CORREIO DO POVO, no JORNAL DO COMÉRCIO e na GAZETA MERCANTIL, em dias diferentes durante duas semanas. Mandei fazer cartazes vistosos que colamos e dependuramos na livraria, junto com desenhos de Churchill, Stalin, Mussolini, Roosevelt e Perón. Por

ingenuidade, mandei vir todos os 5 mil livros para a minha casa de Atlântida,onde encheram a garagem. Os livros foram trazidos por meu cunhado numa Kombi tão velha que a todo momento era necessário conferir a carga para ver se alguns pacotes não tinham caído na estrada. O lançamento foi um fracasso. Um fiasco total que não deu para cobrir nem dez por cento das despesas com publicidade, transportes, estadia e comissões. A venda total não passou de 350 exemplares. Houve a venda de alguns poucos livros para sionistas que examinaram a obra e tiveram curiosidade para saber quem era o autor. Um desses elementos se apresentou na Pallotti, pedindo meu endereço, porque eu tinha lhe prestado um serviço e ele queria me pagar o que estava me devendo.O diretor da Pallotti, é claro, desconfiou da história e não forneceu meu enderêço.

O DESÂNIMO

P: Logo no início,quando o livro foi lançado em Porto Alegre,o senhor teve algum problema com as livrarias?

R:Somente com duas livrarias.Primeiro com a Livraria Papyrus, depois com a Livraria Kosmos. Por sinal, a Livraria Kosmos marcou a estréia da minha cunhada como distribuidora. Ela não sabia que os donos eram judeus e foi oferecer o livro.Foi grosseiramente convidada a se retirar. Mas com todas as demais livrarias não houve o menor problema.Eu havia sido informado que as vendas estavam mal e, por isso ofereci os livros em consignação. A primeira livraria que eu procurei foi a Sulina.Contatei pessoalmente com o diretor-presidente, sr. Leopoldo Boeck, que me proporcionou o primeiro dos muitos momentos de felicidade que passei a ter dali por diante. Ele estava preocupado por não ter sido procurado por mim. Em conseqüência dos anúncios que eu havia publicado nos jornais, há várias semanas que dezenas de leitores buscam meu livro nas suas livrarias. Ele fez um pedido inicial de 400 livros.

No mesmo dia procurei a Livraria do Globo,que ficou com 500 exemplares. Acertei também a venda com a Livraria Palmarinca. A partir daí, a colocação do meu livro se tornou tão fácil que entreguei a distribuição à minha cunhada. Apesar da experiência desagradável com a Livraria Kosmos, ela não desanimou e teve muito sucesso. Graças a ela meu livro foi colocado pela Distribuidora Ultra em todos os supermercados e na Livraria Aurora. Seu proprietário, sr. Eduardo,por duas vezes veio à nossa editora em busca de novos exemplares.

O SUCESSO

P: Como o senhor reagiu ao sucesso do seu livro?Esperava por ele, foi apanhado de surpresa, ele foi fruto do seu trabalho? Como foi isso tudo?

R: Eu evidentemente fiquei muito alegre com o sucesso do livro.Como eu já declarei, não esperava que ele fizesse sucesso no Brasil. Fui realmente apanhado de surpresa. Mas houve muito trabalho no meio. Quando as livrarias do interior começaram a solicitar meu livro, eu fiquei com um problema de transporte.Animado pelo sucesso total de Porto Alegre, resolvi financiar a compra de um novo veículo para meu cunhado,em substituição à famosa Kombi. Ele escolheu uma Caravan,na Casa Dico, dando a Kombi como entrada, ficando eu com a diferença de preço. Antes tivéssemos ficado com a Kombi, porque o que a Caravan tinha de bonitinha, tinha de gastadora. Com a Caravan começamos a fazer as entregas no interior e em Santa Catarina.Nesta altura já tinhamos tirado mais quatro edições de 2.500 volumes cada uma. Na mesma ocasião contatamos com uma distribuidora paulista, cujo nome prefiro não citar,porque fugiu da raia na primeira ameaça de bomba que recebeu.Acertei então a ida para São Paulo do sogro da minha irmã, que tinha sido vendedor da Enciclopédia Britânica e conhecia bem o mercado de livros.

O PERIGO

P:Se o seu livro estava vendendo tão bem, por que, exatamente no melhor momento, o senhor vendeu sua casa em Atlântida?

R: Com o aumento da área de entrega,a cobrança já não podia ser feita de 30 em 30 dias, nem mesmo de 60 em 60 dias.Eram milhares de livros espalhados por quatro estados. Naquela altura a inflação perdeu completamente o controle e o preço dos livros se tornou tão ridículo que na maioria dos casos nem valia a pena ir nas cidades para fazer a cobrança. Por outro lado, os boatos de que eu estava forrado de dinheiro fizeram com que dezenas de livrarias não se preocupassem em pagar ou devolver os livros que tinham recebido.Teve um momento que tive que torrar minha casa, en frente ao mar, em Atlântida, para evitar problemas financeiros.Eu mesmo havia projetado a casa.O felizardo comprador foi o sr. Alécio Ughini. Após essa venda ainda fui obrigado a torrar um terreno que ficava nos fundos da casa. Naquela época, eu e minha família nos divertíamos quando o sionismo se revezava em acusações que eu era financiado pelos tesouros roubados pelos na-

zistas ou então pelos árabes. Para continuar tivemos que reformular tudo, porque as condições haviam mudado radicalmente e precisamos nos organizar.Todos os carros que eu possuia estavam em estado lamentável.Um Escort que fazia as cobranças no interior de São Paulo, quando voltou, chacoalhava como uma cristaleira. Mas eu havia aprendido muito e sabia agora com quem podia e com quem não podia contar. Foi o que fez a Editora Revisão crescer.

***

DIREITO CONSTITUCIONAL

HANS SCHNEIDER, POA: "Antes de mais nada quero declarar que acho oportuníssima esta série de reportagens sobre o livro do Sr. S.E.Castan, que de resto não li e nem pretendo ler porque o assunto não me interessa. Mas me interessa sobremaneira tudo o que envolve a questão de nossas liberdades.Eu me tenho por homem de esquerda,talvez até de extrema esquerda. Mas tenho um irmão que é justamente o oposto. A vida,com seus sofrimentos, nos levou para caminhos diversos.Como nos estimamos e nossa estima nasceu não apenas de laços de sangue, mas de anos de sofrimento para sustentar nossa mãe viúva e mais seis irmãos, somente discutimos política em tom de brincadeira. Não acredito que meu irmão me dê o direito de falar livremente se ele e seus direitistas chegarem ao poder.Mas eu, que acredito na democracia, acho que ele tem o direito de ser um homem de direita. Afinal, não se pode gostar somente do azul e do vermelho. Existem pessoas que gostam do amarelo, outras que gostam do roxo, outras até que gostam do preto. Não tenho nada contra os judeus nem contra o Sr. S.E.Castan, mas acredito que os dois tenham direito a expor suas idéias. Afinal, esse é um direito que a Constituição nos assegura. Mas é evidente que serei sempre contra o anti-semitismo, como sou contra o anti-germanismo ou contra qualquer outro anti que discrimine pessoas ou povos. Era o que eu queria que fosse lembrado no momento em que se trava uma discussão tão salutar".

. . . .

RS: O Hans é, por incrível que pareça, mestre carpinteiro. Sua carta é bem melhor do que centenas de outras que recebemos assinadas por advogados, professores e intelectuais.O dia em que todos os carpinteiros tiverem essa clareza do Hans para expor suas idéias, o Brasil será muito melhor.

. . . .

PUBLICADO NO JORNAL **RS** DO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1990. (Nº 223).

CAPÍTULO VII

A PRIMEIRA ENTREVISTA COM ELLWANGER

(2ª PARTE)

O CONTROVERTIDO AUTOR DE "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" EXPÕE SUAS IDÉIAS, CONFESSA LISAMENTE SUAS OPINIÕES E EXPLICA QUE A HISTÓRIA DOS VENCEDORES ESTÁ MAL CONTADA EM RELAÇÃO AOS JUDEUS

Na primeira parte desta entrevista, publicada no número anterior, o confuso e atabalhoado lançamento do livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" foi o assunto principal. Como ficou fácil de perceber nas palavras de Siegfried Castan Ellwanger, o lançamento do livro na praia de Capão da Canoa não foi uma provocação planejada deliberadamente, mas uma ingenuidade de um distribuidor inexperiente. Ellwanger acreditava realmente que a comunidade israelita se interessasse pelo seu livro, o que demonstra como ele conhecia muito pouco os judeus. O fracasso do lançamento colocou Ellwanger em dificuldades financeiras que aumentaram na medida em que a inflação destruía o seu improvisado sistema de distribuição. Em pleno sucesso, Ellwanger teve que vender sua casa, na praia de Atlântida, para enfrentar as despesas de sua editora. Isso, por si só, acaba com a lenda que ele teria sido financiado por organizações nazistas ou neo-nazistas.

Outro ponto importante, esclarecido na primeira parte da entrevista, foi a reação dos livreiros. Apenas duas livrarias, de propriedade de judeus, a Kosmos e a Papyrus, recusaram "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", por motivos óbvios. Todas as demais apanharam o livro com as duas mãos, percebendo que ele seria um sucesso de vendas. Não houve a menor restrição ao livro, embora seu conteúdo fosse evidente. Também não houve no primeiro ano a menor reação contra o livro de Ellwanger. Os críticos (se é que Porto Alegre os tem) não tomaram conhecimento do livro e os intelectuais consideraram a obra de baixa qualidade e

lhe deram as costas. A mágoa da Federação Israelita do Rio Grande do Sul tem portanto razão de ser. Ela esperava uma reação de críticos, escritores, artistas, intelectuais e livreiros, e a reação não houve.

Também ficou evidente na primeira parte da entrevista de Ellwanger que os seus primeiros problemas não foram com a coletividade israelita, mas com a própria desorganização de sua editora e de sua distribuição. Todos esses problemas, causados pela sua inexperiência, transformaram Ellwanger num caso único: ele tinha prejuízos com o sucesso. Ele ter insistido e aplicado no livro boa parte de suas economias é uma prova que seu objetivo não é o lucro nem o sucesso, mas a divulgação de suas idéias. Ele luta por uma causa. Ela pode não ser justa nem conveniente, mas existe. A partir daí se pode entender melhor Siegfried Castan Ellwanger e lhe dar a sua exata dimensão dentro do quadro atual do revisionismo alemâo.

Nesta segunda parte da entrevista que Ellwanger nos concedeu, suas crenças pessoais e seus objetivos ficam mais claros. Ele responde às nossas perguntas, por escrito, com mais franqueza do que responderia pessoalmente ou em público. A entrevista foi feita depois que as três primeiras reportagens foram publicadas. Tínhamos conquistado a confiança de Ellwanger com a nossa honestidade. Não queríamos, convém esclarecer mais uma vez, polemizar ou tomar partido, mas apenas descobrir as razões do sucesso do seu livro: "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", que é o maior fenômeno editorial brasileiro de todos os tempos. A entrevista não é feita para agradar ou desagradar ninguém, mas apenas para tentar descobrir no que pensa e no que crê Siegfried Castan Ellwanger.

ANTI-SEMITISMO

RS: Há uma pergunta inevitável e essa entrevista não teria a menor razão de ser se ela não fosse feita. Sr. Ellwanger, o senhor é anti-semita?

ELLWANGER: É lógico que não! Ser racista no Brasil merece um atestado de burrice, pois temos entre nós representantes de praticamente todos os povos da terra. Aliás, seria importante definir, antes de mais nada, quem é semita aqui no Brasil. No dicionário a palavra **semita** significa: "indivíduo dos semitas, família etnográfica e lingüística originária da Ásia Ocidental e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes". Não indica quais são esses países da Ásia Ocidental e devo confessar abertamente que não conheço um só membro desses povos indicados, pois

caso contrário já teria perguntado sua nacionalidade, em que país nasceu, porque gosto muito de geografia.

PERGUNTA: O senhor é um homem prático e por isso vamos deixar de lado a geografia e falar em termos práticos. Usualmente é chamado de anti-semita quem não gosta de judeus. Editando livros que criticam os judeus, o senhor não se enquadra na definição clássica de anti-semita?

RESPOSTA: Sou acusado de editar exclusivamente obras anti-semitas, pelo que eu estaria, dessa forma, mostrando meu racismo. É uma infâmia, que parte justamente do único movimento que existe no mundo, que foi considerado racista pela Organização das Nações Unidas: o sionismo. Diga-se de passagem que a conclusão da ONU foi aprovada inclusive com voto do Brasil. No meu caso particular, os sionistas se irritam comigo, porque os nossos livros estão revelando fatos completamente desconhecidos ou que foram escamoteados dos noticiários. O lema de nossa editora é: '**Conferindo e Divulgando a História**'.

Todos os nossos livros são fruto de um intenso trabalho de pesquisa. Se o que publicamos não corresponde à verdade, venham e nos mostrem nossos erros para que os examinemos juntos. Somos pesquisadores e portanto não nos consideramos infalíveis. Agora, não estamos nem um pouco preocupados com o que pensam a esse respeito os aramaicos, os árabes, os assírios, os hebreus ou os fenícios. Ninguém pode nos dizer o que devemos escrever.

OS PROTOCOLOS

P: Os judeus sempre negaram a autoria dos famosos "PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO". A opinião mundial parece concordar com eles. A obra é considerada apócrifa e fantasiosa. Sua editora apesar disso reeditou o livro. Isso significa que o senhor acredita que "OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO" são autênticos?

R: Sabemos que houve até hoje dois julgamentos de repercussão internacional, quando os sionistas puseram em dúvida sua autenticidade, tachando a obra de falsificação.

O primeiro julgamento foi no Cairo, onde o livro foi declarado autêntico. O outro julgamento teve lugar em Berna. A obra foi considerada apócrifa mas o julgamento foi anulado por terem havido irregularidades durante o processo. Para quem lê esse livro, analisado por um especialista no assunto, como Gustavo Barroso, fundador do Museu Histórico Nacional

e várias vezes presidente da Academia Brasileira de Letras, fica muito difícil não acreditar nesse plano de dominação mundial. Os próprios acontecimentos nos levam a acreditar na sua autenticidade. Eu me considero nacionalista e não gostaria de ver o nosso país governado por quem não fosse brasileiro.

A PERSEGUIÇÃO

P: Nossos leitores judeus ironizam muito suas opiniões e dizem que, do modo como o senhor discute o problema,parece que os judeus nunca foram perseguidos na Alemanha.O que o senhor tem a dizer sobre isso?

R: Conforme foi estampado na primeira página do DAILY EXPRESS, de Londres,no dia 24 de março de 1933, o Movimento Sionista,que se apresentou como porta-voz de toda a comunidade judaica mundial,declarou a guerra econômica à Alemanha e o boicote geral contra todas as mercadorias de origem alemã. Eram decorridos apenas 19 dias após a vitória dos nacional-socialistas nas eleições alemãs. Essa guerra econômica total teve um revide mais simbólico do que real, oito dias após, quando foi decretado um boicote de apenas **um** dia contra todas as casas comerciais pertencentes a membros da comunidade judaica na Alemanha. Esse boicote contou com a colaboração de populares, membros do partido Nacional-Socialista e da própria polícia, que colocou seus homens na frente das lojas, desaconselhando qualquer compra.O boicote pacífico de um dia praticado pelos alemães teve repercussão mundial.Foi apresentado como uma perseguição cruel aos judeus. No entanto, a guerra econômica total e permanente contra a Alemanha foi muito pouco divulgada. Eu só faço idéia do que seria capaz de fazer o povo brasileiro contra as firmas de propriedade dos americanos se os Estados Unidos nos declarassem uma guerra similar.

P: É inegável,e existe farta documentação sobre isso, que foram promulgadas várias leis anti-semitas na Alemanha antes da guerra.O senhor nega o fato?

R: Todas as ações geralmente provocam reações. A guerra econômica decretada pelos sionistas contra a Alemanha acabou realmente provocando uma lei racista,em 1935,que visava impedir casamentos de alemães com judeus. Note-se que eles eram muito raros na Alemanha. Não era uma lei anti-semita. Ela visava, ao que tudo indica, tornar a raça ariana pura, ou seja, sem nenhuma ascendência judaica, condição básica do arianismo. Essa lei também teve repercusão inter-

nacional, apresentando os alemães como racistas. Ninguém lembrou as restrições que os judeus têm aos casamentos com os outros povos.

Também a imprensa esqueceu que, em vários estados americanos, a lei impedia o casamento de brancos e negros.

A HOSTILIDADE

P: Mesmo os jornais alemães, naquele período noticiavam atos de hostilidade contra os judeus. Exagero sionista ou realmente existiram?

R: Não deve ser fácil assistir impassível a um boicote mundial, a uma verdadeira guerra contra a sua pátria. Por isso acredito que deve ter havido hostilidade contra os judeus, atos hostis isolados contra elementos da comunidade judaica. Nós mesmos tivemos a oportunidade de ver inúmeras perseguições, aqui mesmo no Brasil, a descendentes de alemães, italianos e japoneses, durante a guerra, pelo crime de terem sido surpreendidos falando a língua dos seus avós.

Houve gente que só por isso foi detida e condenada a trabalhos forçados. Aqui no Brasil, insisto. Não é difícil imaginar o que aconteceu lá na Alemanha. Os próprios judeus alemães se mostravam contrariados pela deformação do noticiário, provocada pelos sionistas, em todo o noticiário mundial. A guerra econômica lhes custou a perda de cargos elevadíssimos que ocupavam no governo, na bolsa de valores, nos bancos e nas entidades financeiras. Enquanto isso, o que dizia Chaim Weizman, presidente do Conselho Mundial Judaico?... Reproduzo suas declarações na página 64 do meu livro "S. O.S. PARA ALEMANHA":

"...A mim pouco importaria se a Alemanha fosse vítima da **cólera** ou do bolchevismo. Por mim podem vir ambas as pragas. Prefiro ver o desaparecimento dos judeus alemães, que o desaparecimento do Estado de Israel para os judeus"...

A KRISTALLNACHT

P: Há um dia trágico na história dos judeus alemães, a tristemente famosa Kristallnacht, ou seja, a Noite dos Cristais, quando foram quebradas as vitrines das lojas judaicas, incendiadas sinagogas e apedrejados vários bancos. Qual é sua opinião sobre a Noite dos Cristais?

R: A situação mais ou menos pacífica entre os alemães e a comunidade judaica teve um forte abalo em novembro de 1938, quando um judeu assassinou em Paris um diplomata alemão dentro da própria em-

baixada.

O povo reagiu violentamente praticando atos de vandalismo contra judeus, quebrando vitrines e incendiando sinagogas em várias cidades alemãs. Essa manifestação foi chamada de Kristallnacht (Noite dos Cristais) sendo lembrada com justo pesar pela comunidade até os dias de hoje.É conhecida a reação de Hitler contra esse ato, que mesmo assim prejudicou a imagem do Reich no exterior, onde todos os exageros ganhavam grandes espaços na imprensa. Ainda agora esse hábito persiste. No dia 2 de novembro o sionista Ben Abraham declarou a ZERO HORA, página quatro, que "naquela noite foram assassinadas milhares de pessoas e que todos os grupos da SA e da SS participaram do vandalismo usando trajes civis".Quero citar o maior historiador inglês, David Irving, que na conferência que pronunciou em Barcelona, no ano passado, declarou:

"...Na Noite de Cristal, onde aconteceram atentados contra lojas e sinagogas, comunicaram a Hitler que haviam telefonado de um hotel de Munique para denunciar que uma sinagoga vizinha estava ardendo. No mesmo momento Hitler ordenou a seus ajudantes para acabarem com essa situação insana. Convocou seus principais ministros, Himmler, Goebbels, Rudolf Hess e o chefe de polícia, para acabarem com esses atos, que representavam um desprestígio para o Reich.

A QUEIMA

P: Mas as manifestações contra judeus, na Alemnaha de Hitler,não se limitaram à Noite de Cristal. Foram realizadas várias queimas de livros.

R: Não sei de várias queimas, sei de uma. Houve realmente uma queima de livros,em determinada noite, patrocinada não sei por quem, que atraiu um regular número de pessoas. Elas tinham sido convidadas para atirar na fogueira livros de autores judaicos ou outros que não fossem do seu agrado.Esse ato estúpido,que igualmente ganhou as manchetes dos jornais,foi mostrado, com justiça,como um ato de intolerância e racismo.Mas eu chamo a atenção para um fato muito importante. Por mais incrível que possa parecer, o sionismo, que tanto divulgou, condenou e explorou esse atentado contra o pensamento humano e a cultura,está tentando cometer o mesmo crime contra meus livros e os livros publicados pela editora Revisão.

Felizmente a opinião pública, que em 38 condenou os atos do Nacional-Socialismo, agora em 90 condena a atitude dos sionistas contra nós.

A NEGATIVA

P: Suas respostas dão a entender que o senhor não acredita que existiu uma perseguição oficial aos judeus na Alemanha de Hitler.

R: Realmente não acredito que tenha havido perseguições específicas contra pessoas, só porque elas professavam a religião judaica.

Conforme mostro no meu livro "S.O.S. PARA ALEMANHA", no dia 5 de junho de 1942 circulava e Berlim um jornal judaico, com anúncios diversos, ofertas de livros para jovens e roteiros de cultos religiosos, indicando horários e datas dos serviços que seriam realizados nas 8 sinagogas da capital alemã. Lembro que em 1942 a Segunda Guerra havia atingido seu ponto mais violento. Considerando que esse jornal estava circulando 9 anos após a guerra econômica e dos boicotes contra as mercadorias alemãs e após três anos do início da guerra, não tenho boas condições para imaginar perseguições por motivos religiosos. Afinal, a opinião pública em 1942 considerava que a guerra havia sido provocada pelo sionismo. Se houvesse perseguição, é mais do que evidente que não circularia nenhum jornal judaico. Por que os que tentam proibir meus livros não refutam essas provas?

Gostaria de saber que explicação eles têm para a circulação de um jornal judaico, em plena capital da Alemanha em 1942. É por aí que deveríamos começar os debates para esclarecer a verdade.

O DEBATE

P: Embora o senhor tenha sido convidado e desafiado várias vezes, jamais concordou em participar de debates. Por quê?

R: Primeiro, todos os convites que recebi para debater o assunto envolviam pessoas que nem tinham lido ou estudado nossas obras. Alguns, confessadamente, só tinham dado uma olhada. Existe uma técnica conhecida no mundo inteiro e que está sendo aplicada contra nossas obras, com algum sucesso. Consiste em difamar seu autor e tentar ridicularizá-las, para evitar que o leitor "...gaste seu rico dinheirinho lendo besteiras, pois a História já foi escrita e não admite contestações...". O que causa suspeita é a excessiva preocupação existente contra nossos livros, que chega ao ponto insano de pedir a **incineração** de nossas obras. O conhecimento dos problemas que envolvem a Segunda Guerra Mundial, que adquiri ao longo desses anos todos, não me dá paciência suficiente para ouvir acusações sobre racismo, anti-semitismo ou neo-nazismo totalmen-

te infundadas sobre minha pessoa. Não tenho o menor interesse de realizar qualquer debate com pessoas que só pretendem me desmoralizar ou que não possuem conhecimento suficiente sobre o assunto. Com desculpas pela comparação, seria o mesmo que levar o Dr. Zerbini para um debate com estudantes de medicina. Depois, eu não vejo a necessidade de nenhum debate. Nos meus livros eu apresentei provas. Volto ao jornal judaico. Está lá, estampada, uma fotografia do jornal. Ele existe nos arquivos de Europa. Tentem provar que ele não existiu. Mas depois que verificarem, como eu verifiquei que ele realmente existiu, então admitam a verdade. Fatos contra fatos, o resto é bate-boca.

O PERIGO

P: O senhor não tem receio que seus livros terminem provocando uma onda de anti-semitismo no Brasil?

R: É claro que não. Nosso povo não é idiota. Desafio que me provem que em qualquer dos meus livros eu preguei o anti-semitismo. Não existe clima para isso no Brasil. Por outro lado, todos nós conhecemos as diversas técnicas que o sionismo usa, em todo o mundo, para forjar provocações anti-judaicas. O recurso mais comum é pintar suásticas com dizeres anti-judaicos nas paredes de sinagogas, colégios e cemitérios de judeus. Também conhecemos muito bem como são falsificadas cartas com ameaças de bombas e atentados, como aconteceu recentemente em Paris. O resultado dessas campanhas subterrâneas são reportagens escandalosas na imprensa, passeatas de repúdio e outras coisas do gênero, feitas para pressionar os governos e induzí-los a tomar providências contra pretensas agressões. Na nossa Pátria não há lugar para essas farsas. O último confisco de meus livros é um exemplo. Apesar de toda a pressão que exerceram sobre o governo e da campanha acirrada da imprensa, quando confiscaram meus livros o público presente na Feira do Livro vaiou a ação policial. Os brasileiros já sabem quem mente e quem fala a verdade. Meus livros desejam apenas restabelecer a verdade histórica. São contra a mentira, o embuste, a injustiça, mais nada.

***

PUBLICADO NO Nº 224 DO JORNAL **RS** DE 29 DE DEZEMBRO DE 1990.

cartas:

A REVISÃO

JOSÉ RICARDO DORIGONI, ERECHIM: "Bravo! Finalmente um semanário ousa,com autenticidade e independência, nos renovar as esperanças nesse mundo de lama. Refiro-me, é claro, as reportagens sobre a infâmia e a redenção do povo alemão.A obra "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", entre outras, já vem tardiamente colocar um basta em tanta mentira da judiaria mundial!

É tempo urgente de reconhecer que a cultura da Europa seja novamente recolocada nos seus devidos lugares, aliás, como sempre o foi no passado. Quem são os 'anjinhos' que alardeiam que livros 'mordem'?! Quanto ao lixo literário, artístico,cinematográfico, etc... deveria, sim,ser sem pestanejar jogado no lixo!... Obras de cunho histórico-científico, mesmo elementares, sempre valerão mais que toda a podridão que crassa impune nos dias de hoje!

Quem não sabe, também, quem é que manipula as informações do mundo há mais de meio século, ou muito mais! Tais pessoas, grupos, sociedades, etc., querem à força enfiar-nos goela abaixo, suas surradas versões de seus exclusivos interesses, achando que só existem ingênuos neste mundo!

Dizem que a culpa de tudo há meio século é tão somente dos alemães e pronto! E a ignorância de tantos é tamanha que a força da repetência de tal infame mentira acabou por ser a única fonte de informações, diga-se de fonte totalmente poluída, contaminada!

Para exemplificar friamente, pergunta-se, após a derrota alemã, após o massacre do povo alemão; o mundo tem melhorado?

Perguntem por aí, como está a vida de todos?

O futuro é promissor?

A vida é um mar de rosas?

Tudo está tranqüilo? Etc. etc.

A Alemanha era então alardeada pelos seus inimigos como a origem de todos os males!Era preciso destruí-la, derrotá-la! Pois bem, a nação alemã, até hoje, é ainda um mar de dor, foi externada, esquartejada, conspurcada, e todos seus ideais sepultados na mais horrenda crueldade que o mundo já viu.Qualquer outro sacrifício que se possa comparar com outros povos seria uma caricatura, uma heresia!

Quanto aos judeus, 'coitadinhos', todos tão'inocentes',dão um verdadeiro atestado de'ignorância' a todos os povos do mundo, entre os quais todo o Ocidente, que lhes perseguem sem nenhum motivo...?!...

Hoje, os judeus já têm sua pátria, inclusive graças a Hitler, mas pergunta-se, ainda: estão os judeus todos na sua pátria?... O

que fazem pelas nações de outros povos? E não são poucos, na sua maioria esmagadora,mais de oitenta por cento, será por quê?... Único espírito humanitário? E por que não a praticam em seu país? Deve ser por isso que o mundo está tão bom para se viver...'Sic'.

Logo, nada mais justo,justíssimo, que os neo-germânicos, (já que os alemães,'coitados',são ainda proibidos de se manifestarem, razão primeira para uma só versão dos fatos), possam opinar, e, com provas, algumas estarrecedoras e fornecidas pelos próprios judeus e vencedores da guerra,sobre inúmeros fatos e obscuridades propositais a respeito do que realmente aconteceu naqueles derradeiros dias da nobre (única) nação alemã.

Inicia-se pois uma nova era, que dando mesmo de outro continente (havido latrina) tal brado de alerta contra os jargões conhecidíssimos,quer sejam contra o povo alemão; contra seu ídolo maior, Hitler, fica cada dia mais claro, mais evidente,os motivos escusos, sórdidos,que tantos procuram ainda não divulgar!'Até quando a catilina?'...

Sem dúvida nenhuma, somos curvados pelos fatos férreos a atribuir à pessoa imortal de Hitler, e a incontáveis outras, mas que desponta entre tudo e todos a de Hitler, oceanos de razões, que hoje contidas, serão em futuro próximo trazidos à tona da História, que sempre foi a eterna mestra e imparcial juíza!

Aqui o nosso repto sempre conciso, inciso derradeiro".

. . . .

RS: José,nós somos muito pequenos para sequer pensar em revisão histórica.Tudo o que queremos contar com esta série de reportagens é os desatinos que podem acontecer quando a imaginação atropela a realidade. Gostaríamos de ver a versão dos vencidos,mas de forma alguma gostaríamos de ver o renascimento do nazismo ou de qualquer outra ideologia totalitária.

. . . .

CAPÍTULO VIII

O SEGREDO DE ELLWANGER

UMA PESQUISA REALIZADA DE JUNHO A AGOSTO
REVELOU INESPERADAMENTE O SEGREDO
DO SUCESSO ESPETACULAR DE
"HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"
E COLOCOU ALGUMAS QUESTÕES
QUE A COLETIVIDADE ISRAELITA
PRECISA RESOLVER COM URGÊNCIA.

Qual é o segredo do sucesso de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?". O livro foi arrasado pela crítica, boicotado pelos meios de comunicação, retirado das prateleiras pelas livrarias e nem assim saiu da lista dos "best-sellers" durante três anos. O próprio autor, Siegfried Castan Ellwanger, reconhece que o texto das primeiras edições deixava a desejar, que a exposição dos fatos era confusa e atabalhoada e que o planejamento geral era mal feito. No entanto, foi com todos esses defeitos que o livro vendeu vinte e cinco mil exemplares em apenas dois meses, recorde que nenhuma outra obra bateu até agora. Nos dois primeiros anos, praticamente sem publicidade, "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" bateu todos os "best-sellers" nacionais e internacionais e S.E.Castan foi mais lido do que Jorge Amado, Sidney Sheldon ou qualquer outro autor de fama mundial.

Cinco anos após o seu fracassado lançamento numa livraria de Capão da Canoa, o livro de Ellwanger chega aos 120 mil exemplares, ultrapassa as fronteiras do Brasil e começa a ser vendido na Espanha, no Chile, na Argentina e nos Estados Unidos, façanha raramente conseguida pelos mais populares autores brasileiros. Qual é o mistério desse sucesso?

Quem leu a longa entrevista que Siegfried Ellwanger nos concedeu não viu nele nenhum autor carismático, mas apenas um homem comum empenhado em defender as causas que acredita. Também quem acompanhou esta série de reportagens constatou que não existe nada por trás de Ellwanger, nem partidos nem organizações de qualquer espécie. Ele também não teve os lucros fabulosos que apregoam,

mas apenas, com muito esforço, conseguiu se safar das despesas. O livro, na verdade, lhe custou uma casa em Atlântida.

Em termos de publicidade, Siegfried Ellwanger é um desamparado. Ele jamais publicou um anúncio na ZERO HORA ou em qualquer veículo da Rede Brasil Sul, por temer ser recusado. Durante o lançamento do livro, ele publicou três anúncios no JORNAL DO COMÉRCIO, mas por não ter tido resposta deixou de usar o veículo. Sua publicidade ficou restrita ao CORREIO DO POVO, mas, conforme constatamos, seus anúncios têm uma resposta irrisória. De onde vêm então esses leitores que esgotam avidamente seus livros? Só havia um meio de saber: realizar uma pesquisa. Foi o que fizemos.

A PESQUISA

Em junho do ano passado, quando decidimos publicar uma série de reportagens sobre o livro de Ellwanger, achamos que era fundamental realizar uma pesquisa entre seus leitores. Resolvemos localizar 100 leitores, 70 na capital e 30 no interior do estado. Para evitar qualquer tipo de influência não recorremos aos arquivos da Editora Revisão, mas única e exclusivamente às informações das livrarias. Recusamos todos os leitores judeus, obviamente, e os que eram confessadamente anti-semitas (que afinal representavam menos de 10% do total). Nós queríamos inicialmente fazer apenas duas perguntas.

Primeira: Por que comprou o livro?

Segunda: Qual a sua opinião sobre ele?

Mas na medida em que a pesquisa avançava, descobrimos que os leitores de Ellwanger não queriam se restringir apenas a essas duas perguntas. A partir de aí, realizamos pequenas entrevistas com eles, o que nos levou a algumas descobertas surpreendentes.

A SURPRESA

A primeira surpresa foi saber que apenas 9 leitores concordavam com a divulgação dos seus nomes. Cinco deles, por sinal, tinham lido o livro e discordado totalmente de suas idéias. Quatro tinham gostado do livro e não se importavam com as possíveis conseqüências da publicação de sua opinião. Todos os 91 restantes se negaram peremptoriamente a permitir a divulgação de seus nomes. Motivo: temiam represálias dos judeus. O curioso é que um dos entrevistados mora numa pequena cidade onde não existe uma única família judia. Ele mesmo jamais conheceu pessoalmente um judeu. Mas, como os demais, acredita que "os judeus são muito perigosos". Por sinal, nas cidades do interior, o

livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" é comprado com mais cuidado do que as revistas pornográficas. Onze leitores confessaram que enviaram funcionários às livrarias para não serem identificados. Mesmo em Porto Alegre essa cautela existe. Entre os 70 leitores da Capital, encontramos 27 que compraram o livro através de terceiros. Nas livrarias tradicionais, os velhos clientes sempre pretextaram estar atendendo um amigo quando compraram o livro de Ellwanger.

O MEDO

Por incrível que possa parecer, 95 dos 100 leitores tinham medo dos judeus. Todos eles acreditam que os judeus dominam Porto Alegre e que podem destruir quem quiserem. No primeiro momento não nos demos conta que aí estava o motivo principal do sucesso dos livros de Ellwanger. Achávamos que se tratava de uma fantasia, sem perceber que a crença dessas pessoas invertia as posições em nosso Estado. Para quase a totalidade dos leitores de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?", Siegfried Ellwanger é uma vítima e os judeus são seus algozes. Com toda certeza os judeus ficarão mais surpresos com esta conclusão do que nós. Mas ela explica muito bem por que, na medida em que aumentavam os ataques ao livro, aumentavam também suas vendas. Na opinião de seus leitores, ele é o homem corajoso e destemido que luta contra os poderosos. Essa posição foi reforçada pelos atos arbitrários que confiscaram o livro na Feira.

O MOTIVO

No entanto, o que levou 87% dos leitores a comprar o livro não foi qualquer sentimento anti-semita, mas a crença de que "a História estava mal contada", isto é, só conhecíamos o lado dos Vencedores. Para todos eles, Ellwanger estava apresentando provas que os alemães eram inocentes da maioria das acusações que lhes tinham sido feitas. No interior, 26 dos 30 leitores que entrevistamos eram descendentes de alemães e italianos e disseram "que nunca tinham acreditado no que os americanos diziam". Mas na capital, dos 70 leitores de Ellwanger, apenas 18 eram descendentes de alemães e italianos, os 52 restantes eram brasileiros típicos. Nenhum dos leitores, mesmo os que não gostaram do livro, acreditava que a cifra de 6 milhões de judeus mortos fosse correta. A maioria, 53, achava que tinham sido **apenas** 2 ou 3 milhões. 18 achavam que tinham sido menos de um milhão. 22 achavam que "nunca iremos saber da verdade" e 7 acreditavam que "morreram uns trezentos ou quatrocentos mil no máximo". Todos, sem nenhuma exceção, são de opinião que os judeus exageraram propositadamente os números.

A REVISÃO

Dos nossos 100 entrevistados, 92 acham a revisão da história da Segunda Guerra Mundial inevitável e 78 consideram que a reunificação da Alemanha irá acelerar esse processo. Mas 87 deles acham que "os judeus vão fazer de tudo para tentar impedir". Tudo isso leva a crer que esses leitores acreditam na veracidade dos "PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO".

Não é verdade.

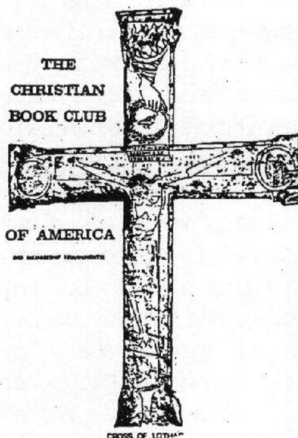
Apenas 17 dos leitores de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?"haviam lido os "PROTOCOLOS" e desses somente 6 acreditavam na sua veracidade. Dos demais,somente 12 tinham ouvido falar nos "PROTOCOLOS", mas não tinham mostrado nenhum interesse em ler o livro. Os restantes não sabiam da existência dos "PROTOCOLOS". Dos nossos 100 entrevistados,58 não acreditam na possibilidade de uma conspiração judaica mundial, 31 acham que para salvar Israel ela poderia acontecer e 11 acreditam piamente que ela existe e apresentaram como prova a indústria cinematográfica. Quando foi lembrado que as empresas de cinema estão sendo ocupadas pelos japoneses, nenhum deles mudou de idéia, porque"os judeus são muito espertos e estão por trás de tudo".

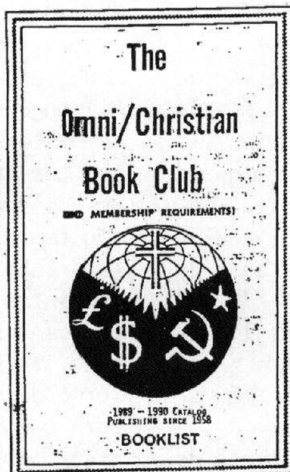
O FINANCIAMENTO

Todas as acusações contra Ellwanger não atingiram seus leitores. Dos 5 que leram o livro e discordaram dele, 3 acreditam que Ellwanger está sendo pago pelos árabes e 1 acredita que o dinheiro vem dos nazistas do Paraguai. Todos os demais acham que Ellwanger não tem o auxílio de ninguém e que está lutando com dificuldades para manter a Editora Revisão. Entre os leitores do interior do Estado, 18 são de opinião que o Governo deveria financiar Ellwanger para que os seus livros fossem distribuídos nas escolas. Com apenas uma exceção, todos eles são descendentes de italianos e alemães. No interior do Estado, nenhum dos nossos entrevistados acredita no ressurgimento do nazismo nem na possibilidade de existirem partidos neo-nazistas no Brasil.

O CONFISCO

Apenas 1 dos entrevistados, obviamente um dos que não gostou do livro, foi a favor do confisco da obra. Todos os demais acharam que o confisco foi um absurdo. 89 foram de opinião que todas as livrarias deveriam vender o "HOLOCAUSTO" e consideraram o boicote ilegal (embora na verdade não seja). Também apenas 1 dos entrevistados aplaudiu a intervenção do Movimento dos Direitos Humanos; todos os demais foram contrários: 43 deles foram de opinião que o Movimento dos Direitos Humanos estava sendo hipócrita e que tinha





REVISIONISM AND WAR TIME EPICS

184. THE HOLOCAUST: 120 QUESTIONS AND ANSWERS
By C.E. Weber .... Paper $ 4.00

185. THE GREAT HOLOCAUST TRIAL (Zundel show trial) .... Paper $ 6.00
By Michael A. Hoffman..................

186. THE ANNE FRANK DIARY: IS IT GENUINE
By Robert Faurisson.......................... Paper $ 5.00

187. THE AUSCHWITZ MYTH .... Paper $ 11.95
By Wilhelm Staglich............. Cloth $19.95... Paper $ 10.95

188. THE HOAX OF THE TWENTIETH CE
By Dr. Arthur R. Butz.. ....h $14.00... Paper

189. WHO FINANCED HITLER 1919
By James and Susanne Pool...... ...a 12.00

118. A REAL CASE AGAINST THE JEWS
By Marcus Eli Ravage.......................... Paper $ 1.00
An interesting insight of the author's analysis of anti-Jewish attitudes - first appeared in Century Magazine in 19..

119. THE PROTOCOLS
By Victor E. Marsden.......................... Paper $ 5.00
Contains the original Protocols plus a complete history and background on this highly controversial document. The PLAN for world domination.

120. JEWS MUS...
By Samuel Roth.......................... Paper $ 5.00
A Jewish account of th... f the world by Israel on all frontiers of ... l in 1934.

196. PRISONER OF PEACE (Rudolf Hess)
By Meyrick Booth, Ph.D. .... Paper $ 7.95

197. MEIN KAMPF By Adolph Hitler
English edition........... Cloth $12.00 .... Paper $ 8.00
German edition........................ Cloth $ 18.00

198. LETTER TO THE POPE ON HIS VISIT TO AUSCHWITZ
By Leon Degrelle....Beware of the 6-million propaganda...Paper $ 3.50

199. THE CRIMES OF YALTA
By James P. Tucker, Jr. .... Paper $ 6.95

Clube Cristão do Livro existe nos Estados Unidos desde 1958. Na relação dos livros que o clube oferece aos seus sócios, figuram várias obras anti-semitas como "Os procolos dos sábios de Sião" e "The ultimate world order", de Robert H. Williams. Também figuram no seu catálogo várias obras revisionistas como "O mito de Auschwitz" e o "Massacre de Katyn". O clube também oferece para seus sócios "Minha luta", de Adolf Hitler, além de várias obras editadas aqui pela Revisão. Apesar da colônia judaica ser extremamente numerosa nos Estados Unidos, o Clube Cristão do Livro continua publicando e oferecendo essas obras sem sofrer a menor pressão.

problemas mais sérios para tratar. Dos nossos 100 entrevistados, somente 3 compraram o livro depois do confisco na Feira, mas todos eles por recomendação de amigos.

A FORMA

Das 95 pessoas que gostaram do livro, 12 acharam que ele não estava bem escrito (leram a primeira versão). 43 acharam que ele estava bem escrito e os demais acharam que isso não tinha importância.Todos os 95 acharam que os problemas literários são secundários, porque o importante são as revelações. Todos eles,sem nenhuma exceção,aceitaram as denúncias de Ellwanger a respeito das montagens fotográficas. Por sinal, todos os 95 também declaram que comprariam uma **continuação do livro com novas denúncias**. Depois de "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" 21 leitores consideraram que o livro mais impressionante foi "ACABOU O GÁS". Os demais tinham ouvido falar do livro mas **ainda não tinham tido tempo para ler.**

A INFLUÊNCIA

O livro "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" mudou sua opinião sobre a Segunda Guerra ou sobre os judeus?

Apenas 7 pessoas responderam sim para a primeira pergunta e somente 4 responderam sim para a segunda. Todos os demais disseram que o livro não havia influído no seu modo de pensar. As 7 pessoas que responderam sim para a primeira pergunta e as 4 que responderam sim para a segunda tinham menos de 25 anos. A propósito, o livro de Ellwanger tem mais leitores entre os maiores de 50 e os menores de 30. Sua menor faixa de leitores se coloca entre homens de 32 a 45 anos. Por outro lado, entre 100 leitores não conseguimos encontrar uma só mulher É evidente que entre os 120 mil leitores que o livro já conseguiu até agora, devem existir alguns milhares de mulheres. Mas ele é fundamentalmente um livro para homens. Em Porto Alegre seus maiores leitores são pequenos empresários e militares.Infelizmente a premência do tempo não nos permitiu fazer uma pesquisa por categorias profissionais.

A POLÍTICA

Muito se disse e se escreveu sobre os leitores de "HOLOCAUSTO"e a acusação mais comum foi que eram todos de Direita. Nossa pesquisa não confirma o boato. Dos 95 leitores que gostaram do livro, 67 não tinham partido. Os demais estavam distribuídos pelos partidos existentes e nenhum deles fazia qualquer tipo de militância.

Já entre os 5 que não tinham gostado do livro, 2 eram do PT e outros 2 se disseram de Esquerda. Apenas um não tinha cores partidárias. Mas a declaração mais importante de todos os leitores que entrevistamos diz respeito ao nazismo. Todos, absolutamente todos, são contra o nazismo.

O FÜHRER

Uma das provas mais impressionantes que as opiniões estão mudando foi o resultado de nossas pesquisas sobre Hitler com os leitores de "HOLOCAUSTO". As 5 pessoas que leram o livro e não gostaram acham que "Hitler foi um monstro" e acreditam em tudo o que dizem dele, inclusive que foi responsável pelo massacre dos judeus. Mas entre os 95 que leram e gostaram do livro, apenas 5 acharam que Hitler era um monstro. 39 acharam que não é possível saber quem ele foi realmente, 24 opinaram que só se conhece o que ele fez de ruim, 20 acharam que ele foi um incompreendido e 7 o consideram um Gênio. Mas apenas 2 leitores disseram que votariam nele.

O ANTI-SEMITISMO

Quando começamos a busca dos 100 leitores do livro de Siegfried Ellwanger, recusamos 19 pessoas que se disseram anti-semitas. Achamos que suas opiniões estavam prejudicadas pelo preconceito. Das 100 que selecionamos, ninguém se declarou anti-semita. 95 temiam os judeus e acreditavam que a colônia israelita dominava Porto Alegre. **No entanto apenas 14 disseram não gostar de judeus.** Os demais achavam que apenas os poderosos é que eram perigosos, porque os demais eram como todo mundo. Nenhum dos entrevistados foi contra a existência de Israel, mas 63% acham que os judeus oprimem aos palestinos. 35 deles acham que **os judeus não podem falar dos alemães.** Mas nenhum dos leitores concordou com demonstrações anti-semitas ou com a pintura de símbolos nazistas nos muros da cidade.

A QUESTÃO

Nelson Ascher, crítico da FOLHA DE SÃO PAULO, foi quem colocou melhor o problema do sucesso do livro de Ellwanger. Ele escreveu em 4 de outubro de 1987:

"Quais são os leitores da obra de S.E. Castan, quantos são, o que pensam, qual o significado do seu filo-nazismo e de seu anti-semitismo caboclo - essas são as verdadeiras questões que o livro pode despertar, não outras".

Acreditamos que a nossa pesquisa tenha respondido à maioria dessas questões. Ela, pelo menos para nós, deixou claro que não

existe no Rio Grande do Sul nenhum movimento nazista,neo-nazista ou filo-nazista. Mesmo para os descendentes de alemães, o nazismo é uma página virada. Existem dois problemas que devem ser repensados pela coletividade israelita. Primeiro: o revisionismo; depois, o medo dos judeus.

O REVISIONISMO

Há no mundo atual uma febre revisionista geral. Não se trata apenas da história da Segunda Guerra Mundial, mas de todos os fatos importantes dos últimos cinqüenta anos. Os russos revisaram a propria história oficial.Stalin deixou de ser o herói revolucionário para se tornar o ditador implacável.O próprio comunismo deixou de ser a ideologia perfeita para se tornar um burocratismo inoperante. Os ingleses revisaram Churchill e o que sobrou não foi um líder heróico, mas um político manhoso e beberrão,que dava tanta importância aos seres humanos quanto Hitler. Os americanos agora mesmo revisam o Relatório Warren e descobrem que Kennedy foi vítima de um complô e não apenas da loucura de Lee Oswald. A história oficial da Segunda Guerra foi escrita exclusivamente pelos vencedores. Dois navios brasileiros afundados pelos submarinos alemães nunca existiram. Foram os ingleses que plantaram a notícia nos jornais americanos.Todos os demais navios afundados foram torpedeados por submarinos ingleses.

Na medida em que os arquivos se abrem as revisões são inevitáveis.Nos campos de prisioneiros alemães,a ração fornecida por ordem expressa de Eisenhower era de 250 calorias diárias, inferior à fornecida nos campos de concentração da Alemanha Nazista. Nos campos de prisioneiros do Canadá morreram de fome e frio mais de um milhão de soldados alemães, **depois de terminada a guerra.** A unificação da Alemanha irá forçosamente obrigar os vencedores de ontem a firmar finalmente a paz. Com a paz cairão as proibições impostas pelos aliados, especialmente aquela que proíbe qualquer revisão histórica.Não existem cifras definitivas sobre o número de judeus mortos.O número oficial inevitavelmente será contestado. O crítico Nelson Ascher,que acertou ao levantar as questões que realmente importam, errou quando disse:

"Muito mais interessante do que refutar ponto por ponto todas as inábeis deturpações históricas realizadas no livro é tentar entender como tal tipo de literatura ainda consegue público".

Daqui por diante,é preciso discutir ponto por ponto o passado.

A LITERATURA

Quando Siegfried Ellwanger saiu de Auschwitz decidido a escrever um livro, ele pensava que era o primeiro a propor uma revisão. Mal sabia que na verdade era um dos últimos. Há anos que nos catálogos americanos figuram obras revisionistas. inclusive alguns dos mais furiosos livros anti-semitas são oferecidos ao público, como "O JUDEU INTERNACIONAL" de Henry Ford, ou "OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO".

Milhares de alemães visitam a Dinamarca, a Noruega e a Suécia todos os anos e voltam para casa com as malas cheias de livros revisionistas. As feridas do mundo estão cicatrizando e vai longe o tempo em que um escritor como Kurt Vonnegut Jr. teve que escrever um romance de ficção-científica "MATADOURO Nº 5", para contar o bombardeio desnecessário e cruel de Dresden, onde morreram 200 mil pessoas, que ele havia presenciado como prisioneiro de guerra, mas que não podia contar porque a lei americana impedia.

Os judeus terão que conviver com a revisão e terão que se acostumar a defender seus pontos de vista.

O MEDO

Mas, de um modo particular, a colônia israelita de Rio Grande do Sul terá que descobrir um meio de esclarecer a opinião pública para evitar que o medo de judeus que existe e que é palpável, se transforme em anti-semitismo. Não temos nenhuma sugestão a fazer, porque o problema ultrapassa nossa capacidade. Mas parece evidente que medidas agressivas como o boicote e o confisco não ajudam a boa convivência das raças e dos credos. A democracia traz a liberdade e a liberdade traz todas as correntes de opinião. Por muito tempo ainda existirão os racistas, os preconceituosos, os anti-semitas, os anti-negros, os anti-feministas e até os anti-alemães. Temos sobre os demais países uma vantagem: em nenhum lugar do mundo o preconceito racial é tão pequeno quanto aqui. E termos eleito um Governador negro é a maior prova que estamos no caminho certo.

O AUTOR

Siegfried Ellwanger tem suas opiniões. Se ele as publica e tem leitores para suas publicações,é sinal que não está sozinho e que existem outras pessoas que pensam como ele. Mas, ao contrário do que disseram, o "HOLOCAUSTO; JUDEU OU ALEMÃO?" não converteu ninguém. Quem comprou o livro já tinha as mesmas opiniões de Ellwanger, antes de saber de sua existência. A violenta reação de algumas lideranças da comunidade israelita só contribuiu para dar publicidade ao livro,aumentar sua venda e transformar Ellwanger num mártir.Se o seu livro tivesse sido discutido normalmente, com toda certeza não teria vendido nem a metade do que vendeu.

O grande segredo de Ellwanger é a inabilidade de seus inimigos.

Nem ele mesmo contava com isso:

-Tudo o que eu queria - ele nos escreveu -era contar o que eu tinha visto.

Era um direito que ele tinha e que não foi respeitado. Que sirva a lição, porque na medida que a crise nos envolve e as pessoas se atordoam, outros Ellwangers virão e outros "HOLOCAUSTOS" serão publicados.

***

ÚLTIMA REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL **RS**
DO DIA 5 DE JANEIRO DE 1991- (Nº225).